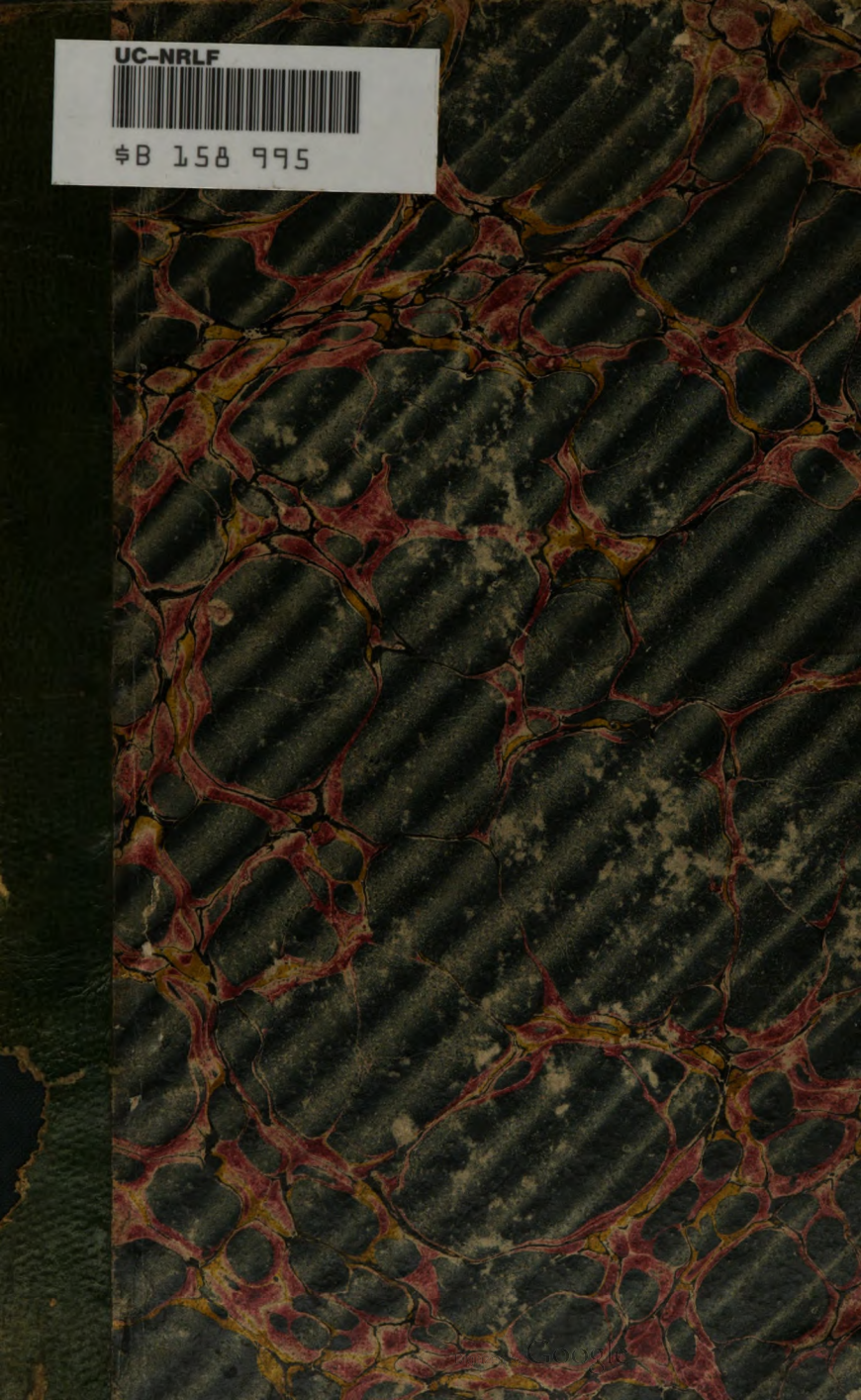
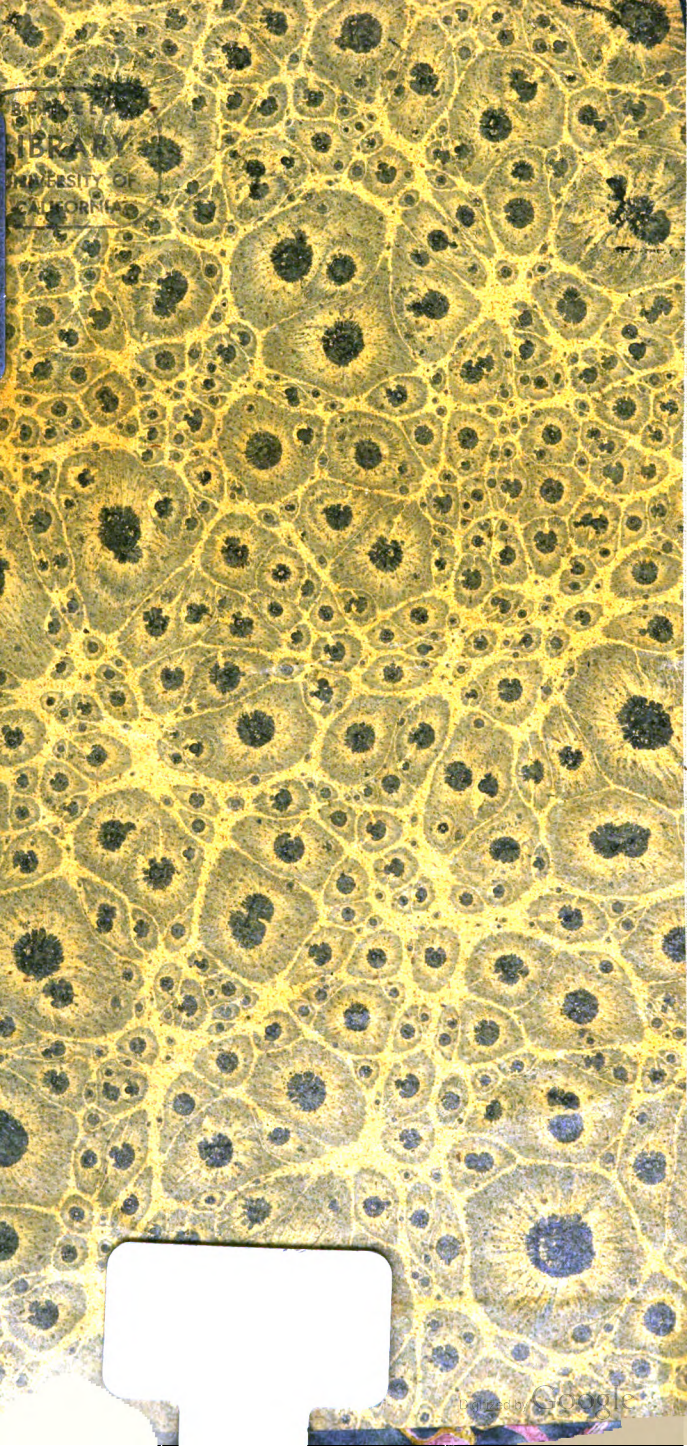


UC-NRLF



\$B 158 995



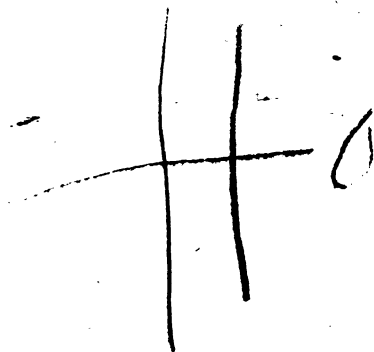






339

385/1910<sup>2</sup>







# POESIAS

DE

JOÃO EVANGELISTA DE MORAES SARMENTO.

COLLIGIDAS

POR

*Varios Amigos seus , revistas pelo A. poucos  
tempos antes de sua morte , e dadas á luz  
por alguns de seus admiradores.*

← ● →  
1847.

← ● →  
PORTO :

Typographia Commercial.





PQ 9261  
M75A17.  
1847

Ao ILL.<sup>mo</sup> SNR.

**JOSEPH JAMES FORRESTER,**

Negociante Britannico nesta Cidade do Porto:

*Em testemunho da sua particular protecção  
às Bellas-Letras &c.*

**D.**

**OS EDITORES,**





**R**ECOLHIDAS por varias pessoas as dispérsas Poesias  
do Snr. João Evangelista de Moraes Sarmento,  
incumbio-se um amigo particular de lhe pedir que hou-  
vesse o distincto A. de sancconar a identidade das  
Obras que se lhe apresentavão, emendando o que nu-  
merosos copistas lhes haverião inserido.

Foi cumprida esta rogativa, algum tempo antes  
da sua morte: equivale por isso o Manuscripto d'onde  
forão extrahidas a um original devidamente autho-  
risado.





**J**OÃO EVANGELISTA DE MORAES SARMENTO, nasceu na Cidade do Porto a 26 de Dezembro de 1773. Foi filho de Francisco José de Gouveia Moraes Sarmento também natural da mesma Cidade, e nella estabelecido com o emprego de official da Vedoria e Thesouraria Geral das Tropas, que servio por muitos annos.

Orfão de Pai na idade de 14 annos, não herdou outros cabedaes, mais do que uma boa educação religiosa, e moral, corroborada com uma constante pratica de bons exemplos. Proseguio nos estudos ao abrigo, e cuidados de sua triste Mãi, viuva, que falta de meios, só á custa de muitas diligencias, soffrimentos, e afflições pôde continuar a tractar de seus filhos e casa com decencia e gravidade.

Como desde logo creara amor aos estudos, e se inflammara nos desejos de saber, procurou desde o principio adquirir amisade, e frequencia com aquelles de seus patricios, que no seu tempo passavão por



JOÃO ESTRELA DE NOBRES SARGENTO, COMANDO  
DE COMANDO DE FORÇA 250 DE DEZEMBRO DE 1917.  
FOI LIDO E FIRMADO POR DE COMANDO DE NOBRES  
SARGENTO, COMANDO DE COMANDO DE NOBRES SARGENTO, E LIDO  
ESTABELECE O COMANDO DE COMANDO DE NOBRES SARGENTO  
THEODORUS DE NOBRES SARGENTO, COMANDO DE NOBRES SARGENTO  
TOS ANOS.

Com a ajuda de Deus, o Comando de Nobres Sargento  
outros Comandos de Nobres Sargento, Comando de Nobres Sargento,  
ligião, Comando de Nobres Sargento, Comando de Nobres Sargento,  
prática de Nobres Sargento, Comando de Nobres Sargento,  
abrigo de Nobres Sargento, Comando de Nobres Sargento,  
fama de Nobres Sargento, Comando de Nobres Sargento,  
soffrimento de Nobres Sargento, Comando de Nobres Sargento,  
seus filhos de Nobres Sargento, Comando de Nobres Sargento.

Comando de Nobres Sargento, Comando de Nobres Sargento,  
Comando de Nobres Sargento, Comando de Nobres Sargento,  
Comando de Nobres Sargento, Comando de Nobres Sargento,  
Comando de Nobres Sargento, Comando de Nobres Sargento,

homens sabios, ou litteratos de quem não só recebesse luzes, e conhecimentos, mas tambem o favor de lhe emprestarem livros de que carecia, e que sua Mãi lhe não podia comprar. Facil lhe foi sempre o bom exito deste empenho; porque não só o talento, que nelle reconheciam os litteratos, lhe merecia o seu aggrado, e estima, mas porque tinha uma presença, e maneiras taes, que attrahia as affeições de quantos com elle tratavão.

Tinha uma percepção prompta, clara, e profunda; e uma memoria a mais rara assim na facilidade de receber, como na tenacidade de conservar.

Quando frequentava o estudo da lingua Latina, reconheceu a necessidade do da lingua materna; e se applicou com tanto esmero e proveito ao de uma e outra, que no fim de 3 annos, que frequentou o Latim, achava-se senhor de ambas. Assim o reconhecia, e attestava seu mestre José Teixeira, professor regio, o qual se lisonjeava de haver dado um tão bom Discipulo.

Desde logo mostrou grande tendencia, e aptidão para a Eloquencia e Poesia. Nos mais verdes annos, já fazia discursos oratorios, profanos, e sagrados; e poetisava em decimas, sonetos, idyllios, e outras composições breves, em diferentes assumptos, e diverso gosto.

Apprendeu Rhetorica nas Aulas dos Congregados com o Padre Sampayo; e Philosophia racional com o mais abalisado mestre que então havia nesta Cidade, Manoel Joaquim.

Seguiu-se o estudar o Grego com Antonio Teixeira de Magalhães; e durante todos estes estudos publicos se applicou particularmente ao da lingua Franceza.



Determinando-se por necessaria conveniencia a dar em algumas casas da sua amizade lições de Latin, Rhetorica, e Philosophia, isto lhe grangeou o meio de passar aos 18 annos a formar-se em Coimbra, convidado a lir na companhia e á custa de um Discipulo seu, que queria, que nos primeiros annos de sua formatura elle continuasse a ser seu mestre, e seu mentor.

Em Coimbra não tardou em dar a conhecer o seu talento, e especial genio para a Poesia, mas teve uma occasião opportuna de o manifestar logo no fim do seu primeiro anno (de 1793) a todo o Corpo Academico; que foi a de um Outeiro, nas festas, com que celebrou o primeiro, e desejado fructo do Consorcio do Sr. D. João VI! Ah! poetou muito, e foi geralmente louvado e applaudido de Estudantes e Lentos. Foi tambem por essa occasião que imprimio pela primeira vez uma Ode sua, dedicada a esse assumpto = *Que fulgido clarão &c.* \*

Por necessidade, e não por inclinação, seguiu a Faculdade de Medicina; em que acabou de formar-se no anno de 1801.

Vindo estabelecer-se no Porto, sua Patria, aqui ganhou em breve tempo uma grande reputação e fama, que soube sempre conservar.

O mesmo lhe aconteceu em Guimarães, onde foi ultimamente residir, a rogo dos Senhores da casa de Villa Pouca, que mandando-o buscar, poderão conseguir que elle ficasse alli residindo no anno de 1808.

Por todas as suas distinctas qualidades adquirio

\* Não nos foi possível encontrar um exemplar desta Ode.

em breve, e teve sempre grande numero de amigos, assim como a estima da maior parte das familias nobres, e illustres, cujas sociedades por motivos de annos, ou de outros regosijos, tornava-as mais aprasiveis com os seus versos. Assim fazia o ornamento da terra em que vivia, e causava o contentamento de seus habitantes, que se comprasião, e davão por afortunados em possuil-o.

Pena he, porém, que não fosse de grande duração a sua vida; mas antes que chegue ao termo della, referiremos algumas cousas notaveis, e que servem de confirmação ao que delle doixamos dito. Gostou sempre de ouvir os Oradores sagrados, especialmente os de fama; e quando o discurso de algum lhe agradava, de tal modo se lhe imprimia e gravava na memoria, que se depois d'alguns dias, e mesmo até de semanas, se encontrava em algum lugar opportuno com o Prégador, lhe hia analysando o Sermão de maneira, que principiando pelo mais saliente, e descendo gradualmente ao mais miudo, chegava a repetir-lho palavra por palavra, tão exacta, e fielmente, como se elle mesmo fosse o proprio Inventor e Prégador. Isto aconteceu com mais de um Orador, e não poucas vezes.

Por esta occasião apontarei tambem, que alguns Prégadores, especialmente em Guimarães, brilharam no Pulpito com Sermões feitos por elle, não enganando porém a todos; porque criticos havia, que conceituando o Orador inhabil para tanto, e reconhecendo o estilo, frase, e gosto, não deixavam de o attribuir a seu verdadeiro Author.

Em um dia de verão estive por muitas horas successivas glosando em uma casa da sua amisade varios assumptos, em decimas, sonetos, e diversos improvisos já obrigados, já soltos. Um amigo que gostava dos seus versos, estava, sem elle o saber,

n'um visinho quarto , escrevendo tudo o que ouvia. Os circumstantes passarão a manifestar-lhe o seu gosto , e dar-lhe os devidos elogios : começando porém depois cada um a apontar este ou aquelle assumpto , mais da sua paixão , lhe rogava , que se recordasse de algum dos diversos modos , por que o tinha glosado. Elle com a mais notavel promptidão satisfez a cada um , e deste modo reproduzio quanto naquella tarde havia improvisado , verificando-se pelo que se havia escripto. Tal era a facilidade de sua memoria prodigiosa.

Por ultima prova ainda accrescentaremos que conservava de cor (e só assim) todas as suas produções , que mais lhe agradavão , ou de que se dava por mais satisfeito.

Poucas forão as obras avulsas , que imprimio , para satisfazer a pedidos ; mas tencionava dar de todas uma escolhida collecção : o que comtudo não chegou a fazer. Estas são unicamente as que do modo já dito delle obtiverão seus amigos , e que vão vêr a luz publica , e conservar-se á Posteridade.

Não correspondia porém a actividade do espirito ás suas forças fisicas ; muito nervoso , ou dotado de uma nimia sensibilidade , padecia os incommodos , que ordinariamente atormentam os deste temperamento. No anno de 1823 foi accommettido de paralyisia , de cujo insulto , posto que pôde escapar a vida , não conseguiu jamais ser restituído ao antigo estado de saude : ficou languido , e tremulo , e já poucas vezes por fim podia sahir a pé.

Declinando cada vez mais , não tardou muito em soffrer novo insulto , que o deixou inteiramente inhabil , para poder sahir , e por ultimo até incapaz de se ter em pé. Neste estado permaneceu , até que

sobreveio uma Pleurisia , que foi seguida d'um Hydrotorax agudo , que fez terminar seus dias a 20 de Outubro de 1826 , aos 52 annos e tantos mezes de sua idade. Tinha pedido e recebido os Sacramentos , e sua morte foi precedida de todas as demonstrações de um bom conhecimento , que pôde dar o Fiel Catholico Romano.

Duas vezes casado , e duas vezes viuvo , de nenhum dos consorcios teve ou deixou filhos ; e não obstante o ter conservado sempre os maiores creditos na sua profissão , e haver por isso tido constantemente grande affluencia de Doentes , como seu espirito não era capaz de ambição de dinheiros , e menos seu coração de accumula-los , não deixou cabedaes , nem fortuna alguma , mas só o mais saudoso nome.

\* \* \* \*

# INDEX.

*N. B.* Esta obra foi impressa debaixo das alternativas, que os trabalhos typographicos permittião nas passadas occurrencias. Escapou, entre algumas erratas, de que formaremos taboa, o dar-se conta de muitos dos assumptos, a que as Poesias forão consagradas. Quando occorreu essa falta, achava-se adiantada a impressão, e forçoso foi conceber-se a idéa, de que na menção do *Index geral* se esclarecesse qual fôra o fim e objecto de cada una producção em particular.

	<i>Pag.</i>
SONETO — Ao Orador Francisco de Paula de Figueiredo, natural d'Aveiro, prégando na Cidade do Porto, aonde veio estabelecer-se .. .. .	1
„ Ao mote — Díssera amor, se mais dizer podéra .. .. .	2
„ Ao mote — Treme o quadro, a mão pasma, a voz tremúla .. .. .	3
„ A' morte do General Taranco, commandante das forças hespanholas no Porto em 1808 .. .. .	4
„ Ao mote — Jámais eu tive um dia tão ditoso .. .. .	5
„ Ao mote — Os fructos da razão, amor, ternura.. .. .	6
„ Ao mote — Nasceu amor, sorriu-se a Natureza .. .. .	7
„ Ao mote — Dos dous sexos a mutua sympathia .. .. .	8
„ Aos annos da Exm. <sup>a</sup> Snr. <sup>a</sup> D. Anna Lamella; da casa de Santo Ildefonso, no Porto, em idade já muito avançada.	9



SONETO —	Ao P. J. M. por occasião de prégar na Cidade do Porto, precedendo a fama de sua muita erudição .. ..	10
„	Ao proprio casamento do A. nas suas primeiras nupcias .. ..	11
2	„ Por occasião d'ouvir cantar uma Senhora, nessa mesma funcção do seu casamento .. ..	12 e 13
„	Ao mote — Cruel desgosto me retalha o peito.. ..	14
„	Ao mote — Tem pena destas lagrimas que choro .. ..	15
„	Ao mote — A minha gratidão, minha ternura.. ..	16
2	„ A uma Sociedade, em que alguns Musicos de fama da Cidade do Porto indo a Guimarães, tocavão varios quartetos &c. .. ..	17 e 18
„	Ao mote — E' lei do Ceo o terno sentimento.. ..	19
„	Ao mote — E's Marilia o meu Deos, meu bem, meu tudo .. ..	20
„	Ao mote — Não tem que dezejar, nem mais dezeja .. ..	21
„	A Lord Wellington, em uma de suas victorias na guerra peninsular ..	22
3	„ Distribuidos por occasião da inauguração do Retrato de S. A. R. o Principe Regente, em a Tribuna do Real Theatro de S. João na Cidade do Porto, donde havia sido mandado tirar pelos Francezes na sua entrada em 1809	23 24 e 25
„	Ao mote — Dos eixos desligado o Globo gira — por occasião de certas contas d'um Guardião de Frades Franciscanos em Guimarães.. ..	26
„	Ao insigne Tocador d'Orgão e Pianno, o Benedictino Varella, Amigo do A.	27
„	A um favor .. ..	28
„	Ao mote — Nada se póde comparar comtigo .. ..	29

SONETO —	Por ocasião de visitar uma menina, e acha-la gravemente enferma ...	30
2	„ A' reconducção do Dr. Francisco Bar- roso Pereira, como Provedor da Co- marca de Guimarães. . . . .	31 e 32
„	Ao mote — Males que soffro, males que imagino ... ..	33
„	Ao mote — Meus lassos membros nem soster já posso ... ..	34
„	Ao Reverendo Fr. José de Lima, Re- ligioso Agostiniano Calçado, por occa- sião d'um Sermão do Sacramento em S. Pedro de Miragaya no Porto ..	35
„	A Napoleão, tentando as terras do Turco ... ..	36
„	Ao mesmo, em resposta a outro de Fr. Joaquim Forjaz .. ..	37
3	„ Por ocasião das Festas Reaes do Prin- cipe D. Antonio .. ..	38 39 e 40
„	Por ocasião de 4 Sermões de quaeres- ma que prégou Fr. Antonio de Santa Catharina Porto, da Ordem da Sole- dade, conhecido pelo nome de Braguinha Ao Actor J. A. Ferreira [por alcunha o Pomada] primeiro Actor do Theatro do Porto, representando a parte de Fayel, na Tragedia traduzida por J. B. Gomes Junior .. ..	41
„	Ao mote — Aos vivas do Equador assim responde .. ..	42
„	Representando a 1. <sup>a</sup> Actriz Josefa The- reza Soares no Drama — a Escrava de Mariemburgo ... ..	43
„	Ao mote — Quem não ama desmente a natureza ... ..	44
„	A' morte do Dezembargador José Pe- dro da Camara .. ..	45
„	A um Beijo .. ..	46
Quadra glosada —	Santas Leis da natureza Que eu respeito adoro e sigo ;	47

Felizes todos os entes	
Se concordassem comigo ..	48
Cantata por ocasião de recuperar a saúde, a Senhora D. A. L. C. B. .. ..	50
Ode a Madame Reinald, 1. <sup>a</sup> Bailarina do Thea- tro de Londres, dançando no Theatro do Porto .. ..	57
Ode Pindarica a D. Maria Joaquina da Concei- ção Lapinha, cantora insigne ..	60
Ode Pindarica ao nascimento da Senhora Infanta D. Maria da Assumpção .. ..	65
Ode á Guerra, em 1801 ... ..	73
Ode aos annos da Senhora D. T. S. V. ..	79
(A epigrafe desta Ode não se achava no original)	
Ode Epodica, ao Exercito Portuguez, dedicada ao Abbade de Lobjigos .. ..	87
Ode Pindarica aos annos do Tenente General D. Rodrigo de Lancastre, Governador das armas do Porto .. ..	95
Traducção da Ode de Sapho .. ..	102
Ode Heroica ao Bispo do Porto, Presidente da Junta Suprema do Governo em 1808	103
Ode Funebre á morte de José Correa de Mello Marechal de Campo dos Reaes Exer- citos, commandante de um dos Regi- mentos do Porto .. ..	109
Ode Sagrada á Virgem das Dores .. ..	112
Elogio ao nascimento do Infante D. Miguel reci- tado na segunda noite dos festejos no Theatro do Porto .. ..	120
Elogio a S. M. Fidelissima El-Rei D. João VI por ocasião da celebração de seus annos em 1818 .. ..	128
Elogio ao mesmo motivo, recitado no Theatro de Guimarães em 1814 ... ..	
Elogio ao dia anniversario de S. A. I. a Senhora Arquiduqueza D. Leopoldina (Mãe de S. M. F. a Rainha Senhora D. Maria II)	137
Elogio aos annos de S. M. F. El-Rei D. João VI, recitado pelo A. perante a Camara	

da Villa de Guimarães em 1821 ..	142
Pregão em uma das Festas dos Estudantes de Guimarães, em dia de S. Nicolau..	146
Outro Pregão ao mesmo assumpto em 1818 ..	149
Outro Pregão ao mesmo assumpto em 1819 ..	152
Outro Pregão ao mesmo assumpto em 1823 ..	156
Epinicio recitado em a noite de 5 de Maio de 1821 . por occasião do festojo em Guimarães . celebrando-se a noticia de que El-Rei D. João VI havia ju- rado a Constituição , e em breve vol- taria a Portugal .. .. .	160
Epithalamio por occasião dos desposórios de D. F..... com o Medico F..... ..	162
Canção á já mencionada Cantora , D. M. J. da C. Lapinha. .... .	172
Nenia á morte de Marilia na bocca de seu pai ..	175
Nenia á morte de José Pedro de Miranda Pon- tes , Medico do Porto , cordeal amigo e collega do Author . . . . .	180
Epistola de Ramos a Faiméir .. .. .	185
Canto Nocturno á partida de José Francisco Ma- ciel Monteiro para Pernambuco ..	188
Enthusiasmo Devoto. pela Festa do Natal (1819)	194
Disticos para a Eça no Funeral de S. M. a Rai- nha Senhora D. Maria I, na Villa de Guimarães. . . . .	207
Hymno patriótico aos soldados Portuguezes, de- pois da guerra peninsular (1814) ..	209
Colloquio á Virgem das Dores .. .. .	215
Versos á nova Mesa de S. Tormento em Guimarães	220
Congratulação , recitada em Guimarães a 3 de Maio de 1821 , por occasião de prestar El- Rei o seu consentimento á Constituição	221
Proclamação , na restauração do Reino em 1808..	223
Soliloquio de Jove , em um Elogio á Rainha Se- nhora D. Maria I. no Theatro do Por- to em 17 de Dezembro de 1804, dia dos seus annos .. .. .	228
GLOZAS — Amor, Razão, Natureza .. .. .	230 e 233

\*

<b>GLOZAS — Quando Amor prepara o Arco</b>	
Dobra o joelho a Razão .. ..	231
2 Não tenho inveja a ninguém ..	231 e 232
„ Empenhou-se a Natureza ..	233 e 234
„ Ninguém me excede em firmeza ..	235
„ Justo Céu! porque me deste	
Uma alma capaz de amar? ..	235
„ Quem diria, que o amar	
Havia de ser defeito?.. ..	236
„ A não ser de ti, Josino,	
D'outro mais nenhum serei ..	237
„ Só pode a Santa Amizade	
Tornar-nos ditosa a vida ..	237
„ Querer bem, e ter juízo,	
He cousa difficultosa ..	238
„ As vozes d'Amor são mudas,	
São mudas, mas bem se entendem..	239
„ Teu nome escrevi na Area	
Que banha o visinho mar:	
Eu vi as ondas pulando	
Teu nome virem beijar .. ..	239
„ Como pôde Amor ser crime,	
Se dos Ceos Amor desceo? ..	241
„ Ao fazer o juramento	
O mesmo Templo tremeço ..	242
<b>Canção aos annos da Illm.<sup>a</sup> e Exm.<sup>a</sup> Snr.<sup>a</sup> D.</b>	
<b>Anna Rufina de Mello Sousa Tavares,</b>	
<b>mulher do Exm.<sup>o</sup> Pedro de Mello</b>	
<b>Breyner, no dia de seus annos ..</b>	242
<b>Ode, recitada em Guimarães, no Theatro par-</b>	
<b>ticular em que se hia representar a</b>	
<b>Tragedia — Radamistho e Zenobia,</b>	
<b>traducção do Author.. ..</b>	245







## AO GRANDE ORADOR

**FRANCISCO DE PAULA DE FIGUEIREDO.**

Assim d'Athenas fulgurando o raio,  
Bronzes se escalam, marmores se amolgam,  
Equóreos batalhões placidos folgão,  
Entala o vento gelador desmaio:

Assim rio caudal o torpe ensaio  
Varre dos monstros, que traições resolgão,  
Alágão-se, da Patria não se empolgão,  
Quem é elle, Quirites, nomeai-o:

O' Chefe de eloquência, ó sol bravoso!  
Que um horisonte sulcas não sulcado,  
Trovão aterrador, Cisne mavioso!

Solta, Paula, outra vez, solta o teu brado,  
E faz que em traspasso delicioso  
Cala a teus pés de gloria embebedado.

\*

**SONETO**

*Dissera Amor, se mais dizer podéra.*

Meos olhos, Lilia, que em ternura ondêão,  
Por mostrar que não amo, em vão trabalhão;  
Por mais que em semicírculos se espalhão,  
Lá vão parar aos teos, nos teos se enleão;

As faces cada vez mais se affoguêão;  
As palavras ao meio se retalhão;  
Meos pensamentos todos se baralhão;  
Suspiros uns aos outros se encadêão.

Ah! meo Bem, quanto é facil neste estado,  
Coiherer que em meo peito Amor impéra,  
Se pôde mais do que eu o meo cuidado!

Hum só destes suspiros, que Amor gera,  
Se fosse em liberdade aos Ceos mandado,  
*Dissera Amor, se mais dizer podéra.*

**SONETO**

*Treme o quadro, a mão pasma, a voz tremula.*

Por Marcia o Deos d'Amor, d'amor morrendo  
N'hum quadro sua imagem debuxava,  
E ao mais leve bosquejo, que traçava,  
Suavissimo Canto hia tecendo.

„ De minha Mãi as faces estou vendo „  
Dizia quando as faces lhe pintava :  
„ Este esplendor ao sol invejas crava „  
Dizia os lindos olhos descrevendo :

„ Eis as delicias do polido tacto „  
Pintando o peito diz, e ao alto pula,  
Batendo a miudo as mãos como insensato :

Torna a pintar; quando huma voz ulula :  
„ He ingrato esse peito „ ao som d'ingrato  
*Treme o quadro, a mão pasma, a voz tremula.*

Este mote foi dado em Coimbra pelo Author das Noites  
Jozephinas para fazer calar, segundo elle dice, os Poetas  
que recitavão Sonetos a cada pausa da Orchestra; mas en-  
ganhou-se.

**SONETO**

*A' morte do Illm.º e Exm.º Snr. General em chefe das  
Tropas hespanholas no Porto — Francisco de Taranco,  
y Llaño em 1808.*

Oh Doiro! oh Patria! que infelizes somos!  
D'entre o negrume, que nos tolda horrendo,  
Já benefica luz vinha rompendo,  
Que de ventura reflectia assômos:

Nos sacros lares de Taranco pômos,  
Hum innocente coração gemendo,  
O magnanimo Heroe suspira vendo,  
O que somos agora, e o que já fômos.

Hum Nume tutelar se manifesta:  
Thesouros de Justiça, e de Piedade,  
Comnosco todos esgotar protesta...

Mas eis ao golfão cahê da Eternidade....  
Oh Doiro! oh Patria! agora que nos resta?...  
Pranto... Miséria... Dor... Infelicidade.

Varianie

Resta da Morte a honra, a heroicidade.

**SONETO**

---

*Já mais eu tive hum dia tão ditoso.*

Graças ao Ceo! rompeu-se a noite escura,  
Que a desgraça a meos olhos estendia;  
La vôa longe a pallida agonia,  
A sumir-se no horror da furna impura.

Por mãos d'Amor celeste formusura  
Mares de gloria ao coração me envia,  
Nise fas-me felis; he hoje o dia,  
Em que dou passos á maior ventura.

Sinaes de terno amor, vejo em seo rosto,  
Ouço da sua voz o tom precioso,  
Seo peito a agazalhar-me está disposto.

Oh dia de prazer mais generoso!  
Já mais senti banhar-me tanto gosto!  
*Ja mais eu tive hum dia tão ditoso.*

**SONETO**

---

*Os frutos da Razão, Amor, Ternura.*

Se a mão, que os orbes fulgidos tem feito,  
Por lei lhes assignou doce harmonia;  
Se esta lei entre nós he sympathia,  
Que hum peito vai unir a outro peito:

Como pode dos Ceos ser hum preceito,  
Cautela contra Amor, isenção fria?  
Ou neste ponto o Ceo se contraria,  
Ou esta lei he da calumnia effeito.

Descança, Marcia, as luzes da verdade,  
Não se eclipsão ao bafo da Impostura;  
Ninguém pode embaçar-lhe a claridade.

A razão, doce amor, jamais censura;  
Antes são, e serão em toda a idade  
*Os frutos da Razão, Amor, Ternura.*



**SONETO**

---

*Nasceo Amor, sorrio-se a Natureza.*

Surto ha pouco do Nada, que era o Mundo?  
Em contenda feroz em choque enorme,  
Fervião turbilhoens de maça informe  
N'hum pelago de trevas rouco, e immundo.

Resóa d'Attracção echo jucundo,  
Torna-se então o Globo mais conforme,  
Socega a brava guerra, e o mundo dórme  
Na paz, que lhe mandára o Ceo rotundo.

No meio desta Paz, que a Attracção gera,  
Que dôr com tudo, que mortal tristeza,  
O peito dos mortaes teimosa impéra!

Inda geme, inda geme a Redondeza....  
Mas eis que immensa gloria reverbéra!...  
*Nasceo Amor, sorrio-se a Natureza.*

**SONETO**

---

*Dos dous sexos a mutua sympathia.*

Já da amiga Razão o sopro aspira,  
Lá vão vossos projectos sanguinosos,  
Tremei, tremei, Tartufos audaciosos,  
Tremei, tremei, Orac'los da Mentira.

Medroso o coração já não suspira,  
Já não se esquivava aos laços amorosos,  
Epocha santa! oh tempos venturosos!  
Já da amiga Razão o sopro aspira.

Cahio por terra a detestavel torre,  
Que o Fanatismo contra Athor erguia,  
Já o homem ama, porque já discorre.

O mundo a recrescer já principia:  
Com livre fuga já a abraçar-se corre,  
*Dos dous sexos a mutua sympathia.*

**SONETO**

*Aos annos de D. Anna Lamella, entidade já bem  
avanzada.*

Ergue-se á Dextra do potente Jove,  
De turbilhões de estrellas solio augusto,  
Onde o faminto Rei dos bronzes susto,  
Horas, e dias em redondo move:

Da côr da neve que nos Alpes chove,  
Pendem-lhe as barbas do semblante adusto;  
Cahe a seos pés desfeito o impio, o justo,  
Nem da belleza seo furor remove.

Ao seio deste Deos Amor revôa,  
Em mimosos afagos se amesquiua,  
E gemendo, esta voz tremenda sôa,

„ Que seja Anarda eterna me convinha „  
= Seja, responde o Tempo, a minha c'róa,  
= Vai faze-la dos seculos Rainha, =

**SONETO**

*Ao Padre, J. M. per occasião de pregar na função do  
Sacramento em S. Nicolau (Porto).*

Empavôna-se, dança, ronca, espuma,  
Cruza as mãos, fecha os olhos, tomba o rosto;  
Do Ceo pinta o estellifero composto,  
Do Inferno o turbilhão que o ar afuma:

Quantas flores dá Abril, todas arruma,  
Arruma quantos pómos tem Agosto,  
Tudo parece respirar bom gosto,  
Eloquencia immortal, destreza summa:

Mas pobre fanfarrão! só move a riso:  
He esteril a abundancia, o melhor falta,  
Falta o decóro, a selecção, o siso:

Em vão a chusma dos plebeos o exalta:  
Entre os homens de gosto, e de juizo,  
Será sempre do pulpito um peralta.

AO SEU PROPRIO CASAMENTO.

---

*Só isto he que he prazer, prazer perfeito.*

Povos da terra, oh Deoses tende inveja,  
A gloria que gozaes, he fumo, he nada;  
Alma de Jove por amor coroada,  
Tu mesma ignoras o que gloria seja:

Gloria, Gloria, he só esta que flammeja,  
Na minha alma em delicias engolfada;  
A ambição de gozar está calada,  
Calada em alguem mais, quem vio que esteja?

Eu nos braços d'Anarda! Senhor della!  
As vozes da ternura ouvir-lhe ao peito!  
Hu'a terna familia unir com ella!

Viver desta maneira satisfeito,  
Só isto he que he gozar ditosa estrella,  
*Só isto he que he prazer, prazer perfeito.*

*Feito por ocasião de ouvir cantar a D. Anna Augusta  
na ocasião do seo casamento.*

---

*Por negar-me o cantar tão gentilmente.*

Não direi, que dos Cisnes a doçura,  
Gentil gorgeia na garganta tua,  
Nem que o velho Saturno a inveja crua  
Desfranzira com gosto a catadura:

Não direi que a afflicção mais negra, e dura,  
Rapida foge, qual a sombra núa,  
Nem que ao ouvir-te de prazer fluctua,  
Pasmada a noite na sublime altura:

Que se abale encantada a redondeza,  
Que sinta aquillo mesmo que não sente,  
Não causa ao meo pensar maior surpresa.

Só o que agora vem á minha mente,  
He praguejar a negra natureza  
*Por negar-me o cantar tão gentilmente.*

*A' mesma Senhora.*

---

*Crescer em mim o Amor qu'era infinito.*

Aos encantos da mëllica harmonia ,  
Já soberbas montanhas se arrasárão ,  
Rudes, erguidos cerros se tornárão  
Frescos valles, amêna pradaria :

Já deposta a selvagem tyrania ,  
Os mais ferozes monstros se amansárão ,  
E até as gargantas tres já se fechárão ,  
Do monstro que no Inferno atroz bramia :

Milagres disputárão assombrosos  
Do doce canto no gentil conflictto ,  
Lino, Orfeo, Amfião, mestres famosos.

Tu fazes inda mais do que está escrito ,  
Porque fazem teos sons harmoniosos ,  
*Crescer em mim o amor, qu'era infinito,*

**SONETO**

---

*Cruel desgosto me retalha o peito.*

O tempo, doce Amor, o tempo foge ;  
Lançar mão dos prazeres é preciso ;  
Rompa, borbulhe em tua boca o riso ,  
E se esperas por tempo, tempo he hoje.

Qual o barbaro será que não se arroje  
A expellir hum fantasma, hum prejuiso!  
Que por vêr-se d'Amor no Paraíso,  
Do Inferno, e do Pavor se não despoje?

Ah! consulta a razão, consulta o gosto,  
Vem dar-te do Prazer ao grato effeito,  
Pouse em meos braços teo gentil composto.

Mas ai! que ao Fanatismo tens respeito!...  
Ao ver a côr do erro no teo rosto,  
*Cruel desgosto me retalha o peito.*



**SONETO**

---

*Tem pena d'estas lagrimas, que choro,*

Venceo Amor: já livre não respiro ;  
Adeos santa Innocencia , adeos Candura ;  
Sabia mestra d'Amor, a Formosura  
Me ensina a suspirar, eu já suspiro.

Qual geme a terna Rôla no retiro ,  
Sinto n'alma gemer doce ternura ;  
Marilia , penetrou-me a seta dura ,  
Já te adoro , não sonho , não deliro.

Olha no peito meo a frida aberta ;  
Vê quem á exenção pagava o fôro  
Como as primicias já d'Amor te offerta.

Compaixão, compaixão he que te imploro ;  
Pois tiveste em ferir a mão tão certa ,  
*Tem pena d'estas lagrimas, que choro!*

**SONETO**

---

*A minha gratidão, minha Ternura.*

Graças ao Ceo! Comtigo rosto a rosto  
Mimosos favos de prazer sorvendo,  
Já d'antiga tristeza o véo rompendo  
Sobi ao cume do mais alto gosto.

Não já entre os Heroes da terra posto  
Me julgo, eternos Loiros recolhendo:  
A mais me elevo, a minha gloria estendo  
Até tocar do Ceo o azul composto.

Seja Deos, ou mortal a ninguem vejo  
Chegar, como eu cheguei, a tanta altura,  
Nem pode a mais chegar o meo desejo.

Resta-me só gozar huma ventura,  
Poder mostrar em troco do teo beijo  
*A minha gratidão, minha Ternura.*

## SONETO

*A uma sociedade em que tocavão alguns Musicos de fama  
em Guimarães.*

---

*Dos Ceos vencem a accorde mellodia.*

Em nuvens d'ouro, e azul do Ceo luzente,  
Candidos Genios fulgurando decem:  
Ei-los já nesta sala resplandecem,  
Hum delles falla... ouçamos curva a frente.

„ Como a fraca, mortal, rasteira gente  
„ Encantos goza, que no Ceo falecem!  
„ Como instrumentos sôão, que adormecem  
„ Dos Astros a harmonia permanente!

„ Como do terreo globo miserando  
„ Nascer pôde tão alta Jerarchia,  
„ Que invejas dá no Empyreo venerando!...

„ Erguei-vos, vinde em nossa companhia:  
„ Não devem ser da terra os que tocando  
„ *Dos Ceos vencem a accorde mellodia.*

**SONETO**

*Pára o Tempo de ouvi-los encantado.*

Pasmou a Antiguidade, vio correndo  
Após de Orpheo montanhas altaneiras,  
Em paz serena féras carniceiras  
Do Divino Cantor os pés lambendo.

Vio mil Nações agrestes recebendo  
Do pacto social as leis primeiras;  
E arrombando do Tártaro as barreiras,  
Gargantas tres o monstro emmudecendo.

Pasmaste, Antiguidade... resuscita;  
D'entre as cinzas do tumulto calado  
Nos Orfeos de hoje os teos ouvidos fita.

Vê prodigio maior nunca pensado,  
Olha como calcada a Lei prescripta  
*Pára o Tempo de ouvi-los encantado.*

Este, e o antecedente forão glosados per occasião de um quarteto que exæcutarão em Guimarães 4 professores de musica do Porto.

**SONETO**

**MOTTE**

*He Lei do Ceo o terno sentimento.*

Até quando, meo Bem, dize até quando,  
Acanhada de hum panico receio,  
Dos prazeres d'amor sempre o teo seio,  
Te verei cautelosa resguardando!

Ai! que estálo de pena contemplando,  
O jugo que te opprime odioso, e feio:  
Jamais não posso, a venda rasga ao meio,  
Que os teos ollos da luz está privando.

Que temes! que te assusta! o Missionario,  
Que roufenho trovão por bocas cento  
Condemna o que o Ceo julga necessario?

Ah! consulta a razão por hum momento,  
Não, amor não he crime, he o contrario,  
*He Lei do Ceo o terno sentimento.*

**SONETO**

*E's Marilia o meo Deos, meo Bem, meo Tudo.*

Marilia, ao coração, ninguém resiste.  
Elle manda adorar-te, eu obedeço:  
Outro imperio no mundo não conheço,  
E se existe, para mim não he que existe.

Meo Bem supremo só em ti consiste,  
Tu és a Gloria de infinito preço,  
Outra Gloria, outro bem aos Ceos não peço,  
Que os meos desejos todos me cumprieste.

Rodem-me embora os echos roncadores  
Do hypocrita boçal, Leão sanhudo,  
Que intenta suffocar d'alma os clamores.

O meo pensar, meo coração não mudo,  
Sim! só tu tens direito aos meos amores,  
*E's Marilia o meo Deos, meo Bem, meo Tudo!*

Este Soneto não deve imprimir-se. Ha-de cleirar a im-  
pio a quem se não lembrar de que é a paixão e não a ra-  
zão que falla. *Evang.*

(P. perdão os Edit.)

**SONETO**

---

*Não tem que dezejar, nem mais dezeja.*

Nas veias inda em borbotões de espuma  
Ferve o nectar d'amor, que hontem gostára,  
Revolvendo na mente o que passára,  
Fluctuando inda estou em gloria suma:

Qual Deos he mais feliz? nem quando fuma  
Nos Holocaustos victima preclara?  
Governe Jove os mundos que formara,  
Que seja mais feliz ninguém presuma.

Aquelle mimo! oh Ceos! quanto me encanta!  
Não, mortal como eu sou, não tenho inveja,  
Á que pisa as estrellas aurea planta.

Se for teu gosto, repetido seja,  
Então minha alma absorta em gloria tanta,  
*Não tem que dezejar, nem mais dezeja.*

**SONETO**

---

***O Heroe Libertador da Europa inteira.***

A paz que longas eras em seos braços  
Arrolára dormente a Luza Tropa,  
Havia feito duvidar á Europa  
Se novos juntaria, á Gloria, traços.

Hoje que, por seos brios, em pedaços  
Vê como o gran Colosso em terra topa;  
Pasma; em pranto de gosto a face ensopa;  
E mil, a cada alumno, cinge abraços.

Tiverão bem o sei, possante escora,  
Wellington foi que abriu toda a carreira  
Aos triunfos que a Fama conta agora.

Mas sem a Luza Tropa audaz, guerreira,  
Wellington tal qual he, talvez não fôra  
***O Heroe Libertador da Europa inteira.***



**SONETO**

*A' feliz inauguração do Retrato de S. A. R. audazmente  
mandado tirar do Theatre do Porto pelos Franceszes  
em 1809.*

Alardea outra vez pomposo vulto,  
Traslado do meo Rei, dos Reis modêlo:  
Saudade, amor, dever, razão, desvelo  
Quer pôr-te os olhos, quer fixar sebo culto,

A nós, a nós roubado!... Ceos! que insulto,  
E arrojou-se algum monstro a commette-lo!  
Oh lá Britão honrado, oh Patrio zelo!!!  
Ah! nunca mais hum só momento occulto.

Volve ao Zenith da Gloria, Astro sagrado;  
Dous Polos te segurão na carreira,  
Londres augusta, e o Luso peito armado,

Se os vires balançar a vez primeira,  
O termo á Natureza he já chegado,  
A machina do Mundo cahê inteira.

**SONETO**

*Ao mesmo assumpto.*

Olhos em Ti, o coração saudoso,  
Pelas ondas do Oceano velejando,  
Muito além do Equador apra'a alcançando,  
Lá vai a Real Mão beijar-te aneioso:

Onde estás, ó bom Rei, Pai amoroso,  
Tão longe o Sceptro d'ouro manejando?  
Por Ti a amante Lysia suspirando  
Desfaz-se toda em pranto lastimoso....

Mas oh que immensos raios que fulgura  
Sobre bases de eterna segurança  
A gloria, em que te engolfas, e a futura!...

Basta: o pranto não corre, o amor descança:  
Prenderemos os olhos á Figura,  
E o coração ao Tronco de Bragança.

## SONETO

Do mesmo exemplar

Assim rompendo o Sol nuvem grosseira  
Mais luminosa desencerra a fronte:  
Restos de negrejante, aereo monte.  
Em fumó tomão rápida carreira:

Lysia foi, e será sempre a barreira,  
Onde a audaz seta da Invasão despoite:  
A Não, c'o vento, em pápa, o Sena o conte,  
Em que rochedos se esbafrou primeira.

Ao alto, se baxar t'ousarão, tornas:  
De joelhos teo Povo firme, e terno  
Bebe as delicias, que amostrado entornas.

Resta nesse, que he, teo, lugar superno:  
Em copia mesmo exercitos transtornas:  
Trono que Affonso ergueo he Trono eterno.

**SONETO**

*Dos eixos desligado o Globo gira. \**

Adeos Razão: adeos Moral Systema:  
Globo infeliz, lá vai tua harmonia:  
Não mais teos dedos nobre sympathia  
Doiraráo para nós ditosa algema.

Tocou a decadencia a méta extrema:  
Vasto horror na garganta enterra o dia:  
Convulsa a Natureza, em agonia,  
Da sua duração não faz problema.

Metteo as posses todas o Egoismo,  
Levou-nos de vencida... o Mundo espira:  
Não he sonho, não he vão terrorismo:

Aos revoltóens, perdido o tino, a mira,  
Já do Cáhos roçando pelo abysmo  
*Dos eixos desligado o Globo gira.*

\* Por ocasião d'um facto no Convento dos Franciscanos em Guimarães em 1820, no fim de Fevereiro, em que o Guardião dentro de 9 mezes dava empenhado o Convento em 860\$, as quaes contas os discretos não assignavão, pelo que houverão ameaças &c. &c. e por isso logo veio o Provincial que estava no Porto, á visita, e um dos seus deu o mote para este Soneto.

AO VARELLA.

---

*Newton em Lysia nos creou Varella.*

Dos Annos quasi autor, da Noute, e Dia  
Tanto em alçar o vôo ao Ceo contende,  
Que em Normas nunca ouvidas Newton prende  
Vaga até alli dos Astros a harmonia.

Pasma o Globo d'amplissima ousadia:  
Nota, e do Sabio a trilha augusta aprende:  
Já calcula, já mede, e luz acende,  
Com que altas maravilhas presagia.

Assim os sons correndo dubia sorte  
N'hum mar revolto sem polar Estrella  
D'hum choque hião parar n'outro mais forte.

Quando em meio da turbida procella  
Novo Astrolabio, novo Ceo, e Norte  
*Newton em Lysia nos creou Varella.*

## A HUM FAVOR.

---

*Que hum mimo teo , só por ser teo é tudo.*

Surgi , surgi do tumulto... este dia  
Este ser , que me anima he prenda tua ;  
Tu com sangue o arrancaste á garra crua ,  
Que lhe cravara a atroz hypocondria.

Já nova luz meos olhos alumia ,  
Já a meos ouvidos novo som fluctua ;  
Meo sangue torna á antiga marcha sua ,  
E desperta minha alma que dormia.

Graças Marilia a teo imperio forte !  
Só tu podias dar-me eterno escudo  
Contra o negro rancor do fado e morte.

Meios de ser feliz já não estudo :  
Dos Deoses mesmo não invejo a sorte :  
*Que hum mimo teo , só por ser teo é tudo.*

**SONETO**

---

*Nada se pode comparar contigo.*

A Aurora quando surge apavonada,  
E o sol, que no ar brilha, e campea,  
Tudo a par de ti he sombra fea,  
He chymérico fumo, he vento, he nada!

Minerva de sciencias adornada,  
Brilhante Juno, que com Jove hombrêa,  
A mesma bella Deosa Cytherêa,  
Não pode ser contigo comparada.

As rosas, e os jasmims, que sempre alvejam  
Em ameno jardim, em doce abrigo,  
Ellas a par de ti todas negrejam.

Quam pouco me expressei! Quam pouco digó!  
Sejão cousas do Céu, da Terra sejão,  
*Nada se pode comparar contigo.*

## SONETO

*Feito por occasião de ir visitar uma Menina, e achá-la  
gravemente enferma.*

Paraiso d'Amor, sagrada alcova,  
Morada do meo Bem, eu te saúdo;  
Aqui nadando em gloria encontro tudo;  
Tudo que o Deos dos Deoses no Céo prova:

Aqui arte d'amar, Lilia renova;  
Eu de delicias novo alvitro estudo;  
Ella pronta me acode, eu pronto acudo,  
Se ambos morremos para vida nova.

Aqui alegremente passo as horas...  
Mas que vejo! a molestia petulante  
Lançou-te, Lilia, as mãos abrasadoras!

Que dor! que angustia para hum peito amante!  
Piedosos Deoses: ou lhe dai melhoras,  
Ou eu não viva mais nem hum instante,



A FRANCISCO BARROSO PEREIRA.

---

*Isenta Guimarães goza mais gloria.*

Se lavra o Crime d'huma a outra plaga ,  
Negro ferrete ao Seculo imprimindo ;  
Se empolado fluindo , e refluindo  
Hum mar d'horrores o Universo alaga ;

Nessa enchente geral , que o Orbe estraga  
Que tudo vai n'hum vortice engulindo ,  
Notó , que avante Guimarães surdindo ,  
Nem do rumo desvaira , nem naufraga.

De jubilo exultar sincero , immenso  
Ao revolver somente na memoria ,  
Que hade a Barroso queimar novo incenso !

Que inda se ama a virtude , escreva a Historia.  
Seja embora do Crime o imperio extenso ,  
*Isenta - Guimarães goza mais gloria.*

*Ao mesmo.*

---

*Faz á Razão, faz á verdade insulto.*

Poderas, meo Francino, empavonar-te  
Vendo em torno de ti tanta grandeza,  
Mas sabio indagador da natureza  
Em sonhos vãos não deixes engolfar-te.

Hum celeste clarão veio mostrar-te  
Aquillo, que a illustrada razão preza;  
E esta luz, que sustentas sempre accesa,  
Faz acima dos Astros collocar-te.

Grande he quem agasalha hum grande peito,  
He quem ás letras não arreda o vulto,  
He quem hospeda, como tu tens feito.

Tens portanto direito ao maior culto;  
E quem te despojar deste direito,  
*Faz á Razão, faz á verdade insulto.*

**SONETO**

---

*Males que soffro , males que imagino.*

**GLOSA.**

Solidão , vas ser minha sepultura ,  
Vas d'hum mar de tormentos arrancar-me :  
Depois d'aquella Ingrata assim tratar-me  
Não me resta ja agora outra ventura.

Aquella Ingrata , cuja formosura  
Parecia a existencia eternizar-me ,  
He ella , quem me arrasta a victimar-me ,  
Ostentando de falsa, de perjura.

Em vão me grita próvida amizade ,  
Qu' exacerbo o meo mal , que a dor afino ,  
Imaginando mais , do que he verdade :

Com essa distincção já não atino :  
E que importa ? se são na realidade  
*Males que soffro , males que imagino.*

**SONETO**

---

*Meos laxos membros nem soster já posso.*

Relampagos de gloria fuzilando,  
D'altaneira muralha flanqueada,  
A mão de mil triunfos esmaltada,  
As azas da victoria despregando;

Hias, gentil Dardania, levantando  
Entre os Astros a fronte torreada;  
Mas cahio sobre ti tremenda espada,  
A morte a tua gloria vai toldando:

Eis-me aos pés dos cavallos arrastado;  
Desengonça-me o turgido pescoço  
O filho de Pelêo nunca domado:

Terno Pai... Cara Esposa... o amparo vosso...  
O vosso Heitor ja terminou seo fado,  
*Meos laxos membros nem soster já posso,*

**SONETO**

*Ao Reverendissimo Fr. José de Lima, por occasião d'um Ser-  
mão do Sacramento em S. Pedro de Miragaya  
do Porto.*

O Deos, que as pandas azas desdobrando,  
Qual aguia aos filhos deo calor ao Mundo;  
O Deos que em tórno aos pés roda iracundo  
D'electricos bulhoens 'strondoso bando:

O Deos, que bambolear pestanejando  
Os pólos faz do Globo auri-rotundo;  
Qual cordeiro mausinho, alvo, e jucundo  
Dá-se em pasto aos mortaes do Ceo baxando.

Reduz-se a hum ponto a illimitada Essencia:  
O extremo golfão da baxeza toca;  
Quasi perdes, meo Deos, tua Existencia !...

Mas aureo Serafim a tuba emboca,  
Lima boiando em mares de eloquencia,  
Em pompa, e gloria teo rebuço troca.  
\*

**SONETO**

*A Napoleão Buonaparte, tentando as terras do Turco.*

---

Vejo hu'a Deosa sobre o dorso alçada  
De gigantesca nuvem côr celeste,  
Nevadas roupas roçagantes veste  
De Mavorcios emblemas povoada.

Já dos bronzes a routa esfusiada  
Vomita ao longe salitrosa peste;  
Já templos, muros remoinhando investe  
Lavareda com fumo, e estalo ateadada.

Conheço-a, he a Deosa Augusta da Victoria...  
Mas silencio, que a rosea boca sua  
Começa-me a entoar futura historia.

„ Soberba Porta em vão tanto se encrúa,  
„ O Sena fará ver cheio de gloria  
„ Eterno Eclipse na Othomana Lua.

## SONETO

---

*A Buonaparte em resposta ao Soneto contra elle, que principia — Não mettas temerario em curva quilha.  
(de D. Joaquim Forjaz.)*

Heroe que as chaves ambas tem da guerra,  
Que na frente estampada traz a gloria,  
No mar abre campanhas de victoria,  
Se de conquistas já transborda a terra.

Oh! como as garras em Neptuno enterra  
O Leão Macedonio, exclama a historia!  
Como se esmalta de vivaz memoria!  
Como Asia altiva recalcando aterra!

Em vão, moderno Marte, em vão se esgota  
Do Nilo á rouca voz Britano peito  
Fogo arrojando á tua brava frota:

Cedo verá, quem mancha o teu conceito,  
Quem pôr-te de vencido ousou a nota,  
Que o mundo a teu valor he campo estreito.

## SONETO

*Por ocasião de Festas Reaes, na boca d'um Actor.*

---

De mil vistosas plumas guarnecido,  
Co' resplendor d'Apollo coroado,  
N'hum claro Cisne venho transformado  
Cantar solemne canto nunca ouvido.

O Amor da Patria sou : agradecido  
Venho mostrar-me, ó inclito Senado,  
Pois que tanto te apuras desvelado  
Em celebrar o Principe nascido.

Não d'outra sorte ao templo da Memoria  
Os famosos Heroes se levantarão:  
Amar a Patria, e o Rei foi sua gloria:

Não d'outra sorte honrados esmaltarão  
P'ra assombro do futuro a sua historia:  
Só amando o seu Rei se eternizarão.



## SONETO

*Por ocasião de Festas Reaes nascendo o Principe herdeiro  
D. Antonio.*

---

### *A aurea sorte da Lusa Monarchia.*

Nobres cinzas , que banha inda a saudade  
Dos Lusitanos Reis , que a Patria honraráo ,  
Que a gloria de seos feitos entallaráo  
No Templo , aonde se adora a Eternidade ,

São illustre penhor da heroicidade ,  
Que sempre ao Luso Trono os Ceos juntaráo ;  
Os monumentos são , que nos deixaráo  
P'ra honrar em todo o tempo a Magestade.

Erga-se pois a campa magestosa ;  
E soltando os transportes d'alegria  
Cantemos hoje a Lysia venturosa.

Ao ouvir-nos 'stremeça a Morte fria  
Vendo com gloria eterna victoriosa  
*A aurea sorte da Lusa Monarchia.*

## SONETO

*Por ocasião das mesmas Festas.*

---

*Assim subão também nossos clamores.*

Se a gloria celebrar da Magestade  
Pertence a hum peito illustre, peito honrado ,  
Se o mostrar-se por ella desvelado  
He prova de maior fidelidade ;

Quanto não brilha tua heróicidade ,  
Inclito Almada nunca assás louvado !  
Não he lisonja vil , que ergue o seo brado ,  
He voz do coração, voz da verdade.

De adornos tua gloria não carece ;  
Mas se a lingua não canta os teos louvores ,  
O coração ingrato nos parece.

Deixa pois que até os astros brilhadores ,  
Bem como tua gloria sobe , e cresce ,  
*Assim subão também nossos clamores.*

**SONETO**

*Por ocasião de 4 Sermões de quaresma que pregou Fr.  
Antonio de Santa Catharina, conhecido pelo  
Braguinha.*

Seculo, eis manifesto o teu desdouro :  
Não mais podes vestir de gala o crime :  
Trombeta augusta, Oraculo sublime,  
Qual és, te mostra ao seculo vindouro.

No incredulo tremóla o infame loiro :  
Despiedado Egoismo a patria opprime :  
Sorri o Libertino, em quanto exprime  
Veneno o Jacobino em frases de oiro :

E ousavas de bom gosto appellidar-te ?  
Ousavas ser da perfeição exemplo ?  
Que gloria, o véo dos olhos arrancar-te !

Mais util beneficio não contemplo :  
Devem, Sacro Orador, padroens alçar-te,  
A Razão, a Moral, o Trono, o Templo.

**SONETO**

---

*A José Antonio Ferreira de Sousa Lopes, primeiro Actor  
do Theatro do Porto, representando a parte de  
Fayel da mesma Tragedia.*

Salvo da fúria dos famintos annos,  
Respeita-se inda nos annaes da historia  
De Róscio o nome d'immortal memoria,  
De que tanto se jactão os Romanos:

Co' nome deste Actor querem ufanos  
Dos vindoiros riscar a fama, e gloria;  
Mas debalde o pretendem, que a victoria  
Já pender vejo sobre os Lusitanos.

Tu, que o bravo Fayel representaste,  
Que tanto em cega furia, e raiva ardeste,  
Que inda mais que Fayel, te abraziaste:

Só c' hũa carta, que cioso lêste,  
A gloria dos Portuenses elevaste,  
E o orgulho dos Romanos abateste.

**SONETO**

---

*Aos vivas do Equador assim responde\**

Heroes Collegas meos, honrados Martes,  
Que a fama a Roma, a Athenas desfolhastes,  
Quando horrendos ha pouco trovejastes,  
Valendo os peitos mais que baluartes.

Floreão já sem susto os Estandartes,  
Que entre as barbaras hostes segurastes;  
Em paz serena estas sagradas Hastes  
Idolo são do Mundo ás quatro Partes.

Cumpre agora deixar de ser guerreiro  
Nas Delicias da Mesa, aqui he onde  
Marte depõem as armas prazenteiro.

Que viva Leopoldina! O viva ponde.  
Lacerda dos Heroes Heroe primeiro.  
*Aos vivas do Equador assim responde.*

\* Por ocasião de dizer-se no Elogio, que o Equador em pé dava vivas, houve quem se lembrasse do Mote acima, para exprimir, que o Exm.<sup>o</sup> Snr. Brigadeiro Lacerda respondia com o lauto festim, que dava a seos camaradas, e d'hum modo tão jucundo e plausível.

*(Evangelista.)*

**SONETO**

*Representando a Actriz Jozefa Thereza Soares, no  
Drama — A Escrava de Mariemburgo.*

Fiel ás leis da critica severa  
Eu não posso applaudir o inculto escripto,  
Forçada acção, dialogo exquisito,  
Que ás vezes no de Farça degenera.

Sim, Jozefa, o bom senso não tolera  
Que se falte ao que a Historia nos tem dito:  
Ver Pedro o Grande hum Pedro pequenito,  
E ouvir baixa mulher ralhar tão fera!

Mágoa foi, (pelo menos mágoa minha)  
Que empenhasses calor, talento, e arte  
Na fria Escrava, producção mesquinha.

Porem ja nisso a industria teve parte:  
Quizeste, dando brilho ao que o não tinha,  
Dar-nos razão maior para louvar-te.

**SONETO**

*Quem não ama desmente a natureza.*

---

Pensa, Marília, bem; comigo pensa;  
O mundo em toda a parte Amor pregôa:  
Amor no centro das Cidades sôa,  
Amor borbulha pela selva densa.

Amor brota do mar na espuma intensa;  
Pelos ares Amor cantando vôa:  
Amor no alto do Olympo os Deozes corôa;  
Tanto sobe d'Amor a gloria immensa.

E desprezas Amor? Oh Ceos! que escuto!  
Olha que treme toda a redondeza,  
E até se tolda o Ceo d'eterno luto.

Não desprezes Amor; quem o despreza,  
Quem não ama he peor inda que o bruto,  
*Quem não ama desmente a natureza.*

## SONETO

*A' morte do Dezebargador José Pedro da Camera.*

*( Non omnis moriar )*

---

He morto o egregio Vate, o ingenho arguto,  
Que vós, Musas, por mimo a Lysia déstes;  
E cingidos por louros os ciprestes,  
Inconsolada o chora a Patria em Auto.

Dos seus talentos precioso fructo  
Restão com tudo producções celestes:  
Pyrro, Ignez, Mariamne, Cinna, Orestes,  
Sophonisba, Semiramis, e Bruto.

Debalde exulta pois de nossos gritos  
A morte que gelou tão de repente  
Na fatidica bocca os aureos ditos.

Camera não morreu inteiramente:  
Se morto o corpo jaz, nos seus escriptos  
Seu genio ha-de viver eternamente,



**SONETO**

---

Graças aos Ceos, que pude no teu rosto,  
Entre favos de mel, depôr um beijo;  
Sou feliz, venturoso; o meu desejo  
Satisfiz, não aspiro a maior gosto.

Muito acima de Jove estou já posto;  
Cobrio a face tua a côr do pejo.  
Oh momento sem par! Já não almejo  
Tocar do ethereo ceo o azul composto.

Embora contra mim, sorte inaudita,  
Mil tormentos desprenda a desventura,  
Augmente por meu mal minha desdita.

Chegou ao seu zernith minha ventura,  
E aspiro somente em tanta dita  
Mostrar-te inda huma vez minha ternura.

**QUADRA:**

Santas leis da natureza  
Que eu respeito, adoro, e sigo;  
Felizes todos os entes  
Se concordassem comigo.

**GLOSA.**

**1**

Quando attento os olhos lanço  
Ás vegetaes producções,  
Nas minhas combinações  
Que segredos não alcanço!  
Vejo a terra sem descanso  
A lidar só nesta empresa,  
Hũa planta a outra presa  
Em hâsteas desabrochando,  
Parece estar-nos dictando  
*Santas leis da natureza.*

**2**

Aquelle arbusto viçoso,  
Que ha pouco do chão sahio,  
Como em breve produzio  
Hum filhinho melindroso!  
O seo germen precioso  
Outro germen traz comsigo;

Como não temem castigo ,  
Que limite os seus prazeres,  
Desempenhão taes deveres ,  
*Que eu respeito, adoro, e sigo.*

3

Desta sorte mais ditosas  
Do que nós, as plantas são !  
Trabalhão na criação  
Sem que sejam criminosas !  
Não vedão leis caprichosas  
Suas paixões innocentes !  
Se a lei que rege as sementes,  
D'onde aureos fructos provem,  
Regesse os homens tambem,  
*Felizes todos os entes !*

4

Ah ! Lilia, quanto melhor  
Nos seria em caso tal  
Ser na ordem vegetal  
Terna planta, ou debil flôr !  
Suaves mimos d'amor  
Feliz gozára contigo !  
Segue, Lilia, as leis qu' eu sigo...  
Mas tu córas, tu receias...  
Felizes tuas ideias  
*Se concordassem comigo.*

*Por occasião de recuperar a saúde, a Senhora  
D. A. L. C. B.*

## CANTATA.

As abobadas d'ebano aturdindo,  
Himpando de rancor ralada Inveja,  
Sobre as mãos jura do Tartáreo Jove  
Derrocar por seos braços  
Do Templo da virtude  
A mais brilhante, mais estavel c'lumna,  
E as lucífugas pennas  
Da horrida Estige no empestado golfo  
Tres vezes mergulhando  
Possante esperta o arrebatado vôo,  
Que a fugitivo ponto  
Reduz os Reinos do funereo Dite.

### §

Já neste tempo sobre os aureos tectos  
Da formosa Analia,  
Embrullhados no horror d'ondadas sombras  
Os chilradores, agoureiros lufos  
De susto arrefecião lassos membros.

### §

Eis quando d'improviso a Furia infrene

No mais recluso da Sagrada alcova  
Feroz ao Leito virginal se avança :  
C'o nome de Plutão na boca turbida ,  
Reduplicando juramentos horridos ,

As ensopadas guias  
No peito lhe sacode ;  
Refervido veneno  
No sangue lhe mistura ;  
Com o halito da boca  
Viperino a suffoca :

E do fatal commettimento ufana ,  
Estufando fumosa  
A funebre plumagem ,  
Da pallida Doença  
Ás tenebrosas aras  
A victima off'recendo',  
No Averno se esconde.

Ai! quantos rostos o temor enfia!

Quantos aos pés do leito  
Coração em pedaços se debulhão!

Nos espantados olhos  
Quantos bulhoens de pranto se entumecem!

As desvalidas  
Prendas luzidas,  
Que em Analia Patrona, e vida tinhão,  
Da dor cortadas,  
Desamparadas,  
Nas mãos do susto ,

\*  
—

Amarellecem , murchão , e definhão .

A Formosura ,  
Que tantos damnos  
D'entre os humanos  
Afugentava ,  
E tanto obrava ,  
Que ás mãos de Jove  
Furtava o raio ;  
Hoje em desmaio  
Reconcentrada  
Em funda gruta ,  
Qual fera bruta  
Com seta hervada ,  
N'alma enterrada  
Quasi perece :

Formosura , ai de nós , não apparece.

§

Ninfas d'estes contornos ,  
Oh ! se Analia perdeis ,  
De quem aprendereis  
A importante lição  
De ternura innocente ,  
E sisuda paixão !  
A Irmãa da Razão ,  
A modestia sagrada ,  
Na infausta perda de quem mais a exalta  
O sangue , o coração , tudo lhe falta.

§

Sentada sobre concavo rochedo,  
Que para o Douro debruçado pende,  
Em quanto a Noite no Zenith se empina

Em sonoro rebôlo

Amola o ferro Libítina dura.

„ A agúda voz já soa  
„ Do gallo vigilante!  
„ Teo derradeiro instante  
„ Chegou, Analia, agora.  
„ A meos golpes cortada  
„ Por terra calirás,  
„ Não mais viverás. „  
Assim regouga,  
E de escuta-la  
A mesma rocha  
Toda estremece;  
O crú alfange,  
Que se enternece,  
Por vezes cento  
Embota o fio.  
De medo o Rio  
Gelando pára;  
Tudo he pavor,  
Tormento, e dor.

§

Princeza Augusta

Da Empirea Corte,  
Teo braço forte,  
Que tudo pode,  
Não nos acode  
Nesta estreiteza  
Neste arduo extremo!

Virtude Santa, por ti mesmo tremo:  
Sim por ti mesmo teo poder invoco:  
Eis se embaça o esplendor da tua gloria!  
Eis se toldão de luto os teos altares!  
Rasga-se ao meio a Divinal Cortina!  
Balança o Templo em solapadas bases!  
Lá cahe por terra o candelabro ardente!...  
Oh Virtude! O teo Templo!... Os teos altares!...

Mas Ceos! que veloz Genio  
A luctuosa Lira

Dos braços me arrebatá!

Que alegre fogo me electriza as veas!  
Que nova côr a fantasia adorna!  
Que estranho Sol em torno me allumia!  
Ao som d'harmoniosos instrumentos  
Estellifero carro vem descendo.  
Embraçando gentil o forte escudo  
Lá m'aponta a Virtude para o longe:  
Ao longe vejo fulminada a morte  
Contra seo lado retorquir o ferro;  
Nas medonhas voragens de Sumano  
Retalhada de dor se enterra, e some.



Qual temerosa embravecida bala ,  
Que nos ares não tendo que espedace ,  
Espedaçando o mar no mar se afoga...  
Eis ronca a Inveja , e o nunca ouvido ronco ,  
Que em quebrados trovoens desbrocha irosa ,  
Rebombando no centro das cavernas ,  
Faz saltar as paredes de seos eixos ,  
Dos quicios desconjunta as eneadas portas ,  
E do subito abalo sacudido ,  
Deitando a mão ja a hum , ja a outro tronco ,  
Ás arvores subindo Flagetonte  
Areado não sabe a qual se aferre.  
Que não pode a Virtude , que não vence !  
Voou da terra ao Ceo , e do Ceo trouxe

A sacrosante Hygia:

Já dissipando os corrompidos ares  
Salutifero balsamo se espalha.

Analia ja respira.

Do dictamo celeste o succo bebe.  
Tornão seos olhos a allumiar o Mundo ;

A bemaventurar-nos

Torna seo rosto de ventura cheio.

Felizes humanos

Que mais pertendemos !

De rozas , e myrto

As testas coroemos :

Vencerão-se os monstros

Do abismo já ,

Ventura maior  
No Mundo não ha.  
He dia de triumpho,  
Celebre-se o dia:  
O Ceo nos envia  
A sagrada Hygía.  
Analia renasce,  
Renasce com ella  
A murcha bonina;  
Com ella floresce  
Toda esta Campina.  
Com ella nos vem  
Tudo o que os Ceos tem  
De mais estimavel.  
A nossa ventura  
Quem não cantará?  
Ventura maior  
No Mundo não ha.

§

Felizes humanos  
Que mais pertendemos?  
De rozas, e myrto  
As testas coroemos.  
A nossa esperança  
Já vemos cumprida;  
Deleitosa vida  
A vida d'Analia

A todos nos dá :  
Ventura maior  
No Mundo não ha.

---

ODE

*A Madame Reinald, primeira Dançarina do Theatre  
de Londres.*

Ai Reinald, ai de mim! que voraz fogo  
Em turbilhão as veias me atropella!  
'Scaldão-me as faces, fumegando accesas!  
Meos olhos chamejantes,  
São dous fachos de fogo!  
Mesquinho desafogo  
Aonde encontrarei? oh Ceos soccorro....  
Ai Reinald, ai de mim, eu morro, eu morro.  
Contra quem vibras teos mais fortes raios?  
Porque ostentas assim teos attractivos?  
Tratas acaso c'os Dragões da Hircânia?  
Tens aqui por ventura  
Algum bravo leão?  
Não vês a mansidão,  
Com que todos se abração, se festejão,  
Como pombas, que amantes se bafejão.

Não vês partir-se ao meio o veo do pejo?  
Dar-se a amor a virtude mais austérea?  
Questões não ouves sobre quem mais te ama?

Ah! mitiga, mitiga,  
O furor da Victoria;  
Não fundes tua gloria

Em peitos a teos golpes retalhados;  
Affroixa por piedade os teos agrados.

Porem não, não me attendas, que eu deliro;  
Livre solta os angelicos encantos;

Retalha a teu sabor, este meu peito,  
Se te apraz o ver sangue,  
Neste meo coração  
Eusopa a tua mão.

De quantos sacrificios se tem feito,  
Nenhum té agora a amor foi mais aceito.

Lá se agita veloz, lá marcha airoza!...  
Que doce inclinação da loira frente!...  
Cheio se ergue o sendal, em torno gira....

Memorias la apparecem....  
Reinuald a essa vista  
Haverá quem resista?

Subi, subi ás c'lunas meos dezejões,  
Abraços lhe enrolai, ardentes beijos.

Parabens, coração! que gloria immensa?  
Mal respiro de gosto... que he o que vejo....

Paraizo d'Amor, tu em meos braços?

Eu a par do teu rosto? ..

Este em que assim me enleio,

Não he, não he teu seio?

Não he tua esta mão com que me prendes?

Parabens, coração! que mais pertendes?

Reinald, deixa, deixa... a voz me falta....

Suspiros huns sobre outros me interrompem...

Cerrão-se os olhos... os meos membros tremem...

Estou cheio d'amor...

Q'extasis deleitozo....

Já nectar saboroso

Em minha alma se esparge, em meos sentidos

Que prazeres por mim são possuidos! ....

Pondo a mão no teu peito... mas que peito....

Fugio-me.. ah! onde está?... que Deus zeloso?..

Reinald imã d'Amor, onde te escondes?

Cruel para que soltaste

O vóo aos meos intentos

Se n'hum mar de tormentos

Me havias submergir, se d'hua esp'rança

Apenas deixarias a lembrança?

Desenfreadi-vos, monstros sanguinosos,

Surgi do Abismo a saciar a raiva...

Ahi está meu coração, sentenceai-o....

Reinald o sentencêa....

Manda que o sacrifiquem . . . .  
Nem restos delle fiquem, . . .  
Perca-se d'huã vez della a memoria,  
Já que perde tambem a sua gloria.



## ODE PINDARICA.

### STROFE 1.ª

Se não he hoje , que torrentes d'oiro ,  
D'atropellada boca desvairando ,  
Electrico esgotando  
De versos , peito meo , rico thesouro ;  
Se não he hoje , que arrebatado a Apollo ,  
A que a fronte lhe esmalta immortal c'rôa ,  
Nunca mais no Parnaso pondo a prôa ,  
Da Gloria tentarei o esquivo pólo ,

### ANTISTROFE 1.ª

Mas , se nas azas vejo ondear as plumas ,  
Que as beneficas Musas insufflirão ;  
Se fortes me arrojirão  
Do Orbe a sopear balizas summas ;  
Que receio sentar-me sobre o trono ,  
D'onde o Delfico Deos flâmas dardeja !

Eis-me no Trono: pertinace Inveja ,  
Dize agora se ufano me apavono.

EPODO 1.º

Cravada de diamantes  
A septissona lyra ,  
Que Heroes cantando dos sepulcros tira ,  
Que ás cordas chama os seculos distantes;  
A lyra he , que ouzado ,  
Bellissima Lapinha ,  
Digna de teo louvor em alto metro  
Dextro meneio corre Argívo plectro.

STROFE 2.ª

As montanhas da Tracia fraldejando  
Torvo Leão , a juba sacudia ,  
Roaz dente sacia ,  
Selvagens homens , vivos devorando:  
D'Olvyrrio sangue já Pangêo se alaga ;  
Mas se a voz solta Orfeo encantadora ,  
Trocando em paz a sanha abrazadora ,  
Dobra as mãos , e lambendo os pés o affaga.

ANTISTROFE 2.ª

Tu mais podêste: os Astros namorados  
Fixão ponto nas Orbitas redondas:  
Volvem-se em paz as ondas,

O trovão roncador suffoca os brados,  
Sobre as solidas bazes abalaste,  
Os inconcussos, os penedos brancos,  
Reverdecerão os já seccos troncos,  
Á Europa os Elizios revocaste.

### EPODO 2.º

Por entre a verde còma,  
Aureas conchas pendentes,  
Enrugadas as faces reluzentes  
Musgoza barba gotejando assoma;  
    Ás aguas sobranceiro  
    Com despotico imperio  
Os musicos Delfins arrebanhando  
O Mondego assim falla venerando:

### STROFE 3.ª

„ Onde estou! ...quem me eleva! ... quem do peito  
„ O coração de gêlo me arrebatá?  
    „ Quem pranto me desata  
„ Do melico prazer suave effeito!  
„ Lavra-me hum fogo, que extinguir não posso;  
„ Rebentão d'alma ternos ais magoados,  
„ De tantos sec'los já por mim passados  
„ Não me accórdo sentir tanto alvorôço.

### ANTISTROFE 3.ª

„ Quando pensei, que Amor podêsse tanto,



„ Que semeasse volções no reino ondozo! ' .

Lá sóa armonioso,

„ Lá se ergue , oh Deoses , o celeste canto!

„ Daquella margem vem ferindo os ares

„ A voz divina , que me crava as setas ;

„ Ah! voemos daqui , transpondo as métas ,

„ Adoremos Lapinha em seos altares. „

### EPODO 3.º

Disse , e dando tres passos ,

Deposto o sceptro , e c'roa,

Eis d'hu'a seta , que a feri-lo vòa ,

Cahe semivivo dos Delfins nos braços.

Já de roxo se tinge

A espuma , que alvejava ;

Amor o quer : Mondego d'hoje em diante

Serás rio de sangue negrejante.

### STROFE 4.ª

Forràdos d'aço corações ferozes

Estas verdes campinas infestavão ,

Bravios suffocavão

As Leis d'Amor ; da Natureza as vozes ;

Chegou o tempo da feliz vingança ,

Repassa os peitos a farpada ponta ;

Triunfa Amor , Amor se desafronta ,

Já de Lapinha no poder descança.

ANTISTROFE 4.

Aos seos pés ás mãos cheias cahem loiros ,  
Hum volver d'olhos traz milhões de palmas ,  
                    Bandos d'accezas almas  
São as alfaias , são os seos thesouros.  
Que val a douta Sapho , Helena bella ,  
Corina illustre , Cleópatra famosa !  
Lapinha terna , doce , espirituosa ,  
Esta he da Gloria , e da Ventura estrella.

EPODO 4.º

                    Mas, ó vate indiscreto,  
                    Quando hu'a Deosa canta ,  
A desabrida voz , qual Deos levanta ,  
Por mais que ardente se entusiasme o affecto ?  
                    No mar de teos louvores ,  
                    Sem Piloto, sem remos ,  
Já a branda Lyra co' naufragio lida....  
Lapinha accode , restitue-me a vida.



## ODE PINDARICA.

Com diamantinos cravos impedido  
Da roda da fortuna o movimento  
Ha-de estar firme, inda que o tempo corra,  
Ha de viver, inda que o tempo morra.

Ulyssea de Gab. Per. de Castro : Canto IV.  
Est. CXV. ver. 5.

### STROFE 1.ª

Zeloso Cidadão,  
Que as Venturas do Rei, que a Patria canta,  
Sem que os Oraculos da verdade torça,  
O vulgo não somente, o Sabio fôrça  
Aos hymnos, que desfralda a furia santa,  
O joelho curvar, curvar a frente:  
He então que senhor do Fado, e Morte  
Em delphico transporte  
Sonoras Leis pregôa do Universo  
Aos Pólos ambos retumbante o verso.

### ANTISTROFE 1.ª

Eu, graças aos influxos  
Dos Astros, que ao nascer me abrilhantarão,  
Nas faxas do silencio não me envolvo;  
Da Luza gloria ha longo tempo volto  
5

Scenas, que ao Mundo o resplendor dobrarão.  
Com pãsmo decifrar altos mysterios  
Ao erguer João Sexto o Sceptro d'ouro  
Viste-me ha pouco, ó Douro;  
E tu bem sabes, honrador Mondego,  
Que he cantar o meo Rei, meo doce emprego.

### EPODO 1.º

Se nova estrella pois relampaguea  
Nos braços de Carlota,  
Se ás mãos cheias o Ceo com Lyzia esgota  
Das Urnas da Ventura  
Quanto cobiça a borbulhante idea:  
Toca a meo astro alardear assombros  
Do grave assumpto carregando os hombros.

### STROFE 2.ª

Contempla-me se podes,  
Pallido Espectro, resequida Inveja;  
Sol, que esvaece borrascosa noite,  
Que espanca os mochos com dourado açoute,  
Meo genio vôador no ar flammeja;  
Altaneiros zimbórios soto-pondo  
Co' adamascado, ignivomo Horisonte  
Vai topetar a fronte;  
E para ouvir-lhe energica Poesia  
Emudece dos Orbes a Harmonia,

### ANTISTROFE 2.<sup>a</sup>

Sagrado Amor da Patria,  
Os thesouros de Lesbos tu me entornas ,  
Tu agrilhôas desatado Eólo ,  
Tu do Cerbero bem que infune o collo  
Horrisonos latidos amadornas ,  
Tu me transmuntas ao Paiz dos Deozes ;  
Emplumados meos pés correm nos ares  
Esphas a milhares ;  
E sempre em cume tão excelso boio ,  
Que o mar em baixo me parece arroio.

### EPODO 2.<sup>o</sup>

Eu entro da Razão no grande Templo! ...  
Deoses! que maravilha!  
A acolher-me benevolo se humilha  
O venerando Numen ;  
E logo o grande Rei , de Reis exemplo ,  
João o Sexto mostra-me assentado  
No Trono , que ella mesma tem alçado.

### STROFE 3.<sup>a</sup>

Parte de ambos os lados  
Longissima cadeia horrenda , e dura ,  
Que a dous monstros prendendo esmaga o pulso ;  
De gelado pavor me põem convulso  
Do monstro da direita a catadura ;  
\*

Lambe-lhe as tranças azul-negro fogo ,  
Silvão-lhe as serpes com' stridor , que espanta,  
Na tabida garganta ,  
E a fome que no peito os dentes ferra  
Lhe chupa o sangue , que lhe escôa a guerra.

### ANTISTROFE 3.ª

„ He barbara Anarchia ,,  
A Razão Santa clamorosa grita :  
„ Se Lyzia os ferros lhe estalasse agora ,  
„ Se fosse ás que lhe dou liçoens traidora ,  
„ Qual a viuva pelo esposo afflicta  
„ A perdida ventura em vão carpíra ;  
„ Rojando pobre , tenebroso manto  
„ Em vão continuo pranto  
„ Ao Ceo mandára em gelador desmaio ,  
„ Que o Ceo em paga lhe mandára o raio.

### EPODO 3.º

„ Esse que á esquerda temeroso brame  
„ He o feroz Despotismo  
„ Se a gloria desairando do Heroismo  
„ Hum Rei largas lhe dêsse,  
„ Melhor fôra cercear da vida o estame  
„ A todos os Vassallos de hum só corte ,  
„ Que he peor mal a escravidão que a morte,

### STROFE 4.<sup>a</sup>

„ Tu vês como algemados  
„ Não ousão bafejar o Luzo Trono:  
„ O Povo como a hum Pai o seo Rei ama;  
„ O Rei pelo seo Povo o peito inflamma;  
„ E o Ceo agradecido he seo abono.  
„ O bom Povo, e o bom Rei feliz foi sempre.  
„ Os bens, que d'hum ao outro se transfundem  
„ Parece que os confundem,  
„ Parece que n'hum Reino aventurado  
„ Emparelha o prazer, Sceptro, e Cajado. „

### ANTISTROFE 4.<sup>a</sup>

„ Quem não vê desde a origem  
„ Nadar em gloria o Luzitano Imperio!  
„ Affonso! Affonso! não te abafa a urna:  
„ Tu brilhas sob a campa, qual nocturna  
„ Luzída estrella no aposento Ethereo.  
„ Não morre á mão do tempo a tua fama.  
„ Só méde a Eternidade tua gloria.  
„ Inda em Lyzia a memoria  
„ Nos Caspios Montes como ousaste, soa  
„ De C'roas cinco engrinaldar a C'roa.

### EPODO 4.<sup>o</sup>

„ Diniz! Sabio Diniz! grato o Mondego  
„ Teos encomios murmura.

„ Tu fizeste correr a fonte pura  
„ Da Sagrada Hypocrene.  
„ De esmeraldinos agros pingue rego  
„ Pelo teo braço fecundado airoso  
„ Te acclama em alta voz hum Rei zeloso.

STROFE 5.<sup>a</sup>

„ João Primeiro ! oh gloria!  
„ Nome entre os Lusos tão ditoso nome!  
„ Ainda estremecer a Iberia siuto!  
„ João Segundo, João Quarto, e Quinto!  
„ Qual he mais digno de immortal renome?  
„ Nem Grande Emmanoel te deixo em sombras,  
„ Melhor que a minha voz o roxo Oriente  
„ Te esmalta a excelsa frente,  
„ E os Gamas, que á empresa se arrojárão,  
„ O teo vasto projecto assás sondárão.

ANTISTROFE 5.<sup>a</sup>

„ Mas dos Reis o maior,  
„ O que he da Divindade véra Imagem,  
„ O Mimoso do Ceo, que o Ceo mais preza,  
„ O que fôrça a render-lhe a Natureza,  
„ E não só Portugal, Santa homenagem,  
„ O Rei, que mais que Rei, ama o ser homem,  
„ Que até no peito seo.... prodigio novo!  
„ Ergue um Trono a seo Povo:



„ Pasma, ó Grecia orgulhosa , pasma, ó Roma ,  
„ Quanto mais alto a Lusa C'roa assoma !

EPODO 5.º

„ Esse aqui vês nos braços afagando  
„ Recemnascida Infante :  
„ Argumento feliz, prova brilhante  
„ De que o Ceo não se cança  
„ Por mais que vá prodigios operando  
„ De fazer que a Nação do Luso seja  
„ De si mesma esplendor, das mais inveja.

STROFE 6.ª

„ Cada ramo, que brota  
„ O portentoso Tronco de Bragança  
„ He novo açoute ao pallido receio ,  
„ He de venturas inconcusso esteio ,  
„ Astro, que agoura perennal bonança.  
„ Eu te devasso do futuro as trevas ,  
„ Realça os olhos do Porvir á torre  
„ Não vês como já corre  
„ Turba de Reis, que gloria demandando  
„ Vem com a mão offerecer-lhe o Reino, e o mando?

ANTISTROFE 6.ª

„ Não vês como soberbo  
„ Franjando as praias de nevada espuma ,

„ Qual nunca outr'ora se empavona o Tejo?  
„ Não vês o Sena recuar com pejo,  
„ O Sena, que impios votos tanto empluma?  
„ Não vês ao longe amarellar-se o Nillo?  
„ Não vês como d'amor arrebatados  
„ A milhões apinhados  
„ Os Povos, onde o dia morre, e nasce  
„ Vem d'Ulyssea dar incenso á face!

### EPODO 6.º

„ Não vês! ... „ Porem calou-se a Deosa augusta,  
Que os ouvidos me encantava,  
O templo, que a meos olhos fuzilava  
Subito desaparece.  
A hum peito, como o meo, calar bem custa;  
Versifico resfolgo ainda exhala,  
Mas fallando a razão ninguem mais falla.



## ODE Á GUERRA.

Arma, arma, tudo sôa, tudo Guerra;  
Guerra o mar sôa, sôa Guerra a terra;  
E dos valles repulsando nos oiteiros,  
Respondem Guerra os echos derradeiros.

*Quevedo.*

### STROFE 1.ª

Estalou, de pavôr destemperada  
    Ronqueja a minha lira:  
Sobre as cordas cahindo desmaiada  
    A santa Paz expira:  
Ao longe alborotada tumultúa  
De Mavorte feroz a prole crúa.

### § 2.

Fervendo em suor negro as brutas fronte,  
    Nas fornalhas aos centos  
Esbofados laborão çujos Brontes;  
    Forçando os rijos ventos,  
Que ao engilhado folle empresta Eólo,  
Fazem subir a labarêda ao Polo.

### § 3.

Eis se amontoão cerros sobre cerros

D'horrisona armadura;  
Comidos de ferrugem priscos ferros  
Tomão nova figura:  
Surgem obuzes, bombas, e bombardas,  
Surgem lanças, espadas, espingardas.

§ 4.

Tinta de sangue a cauda desenrôla  
Tremebundo Comêta;  
Qual trovão, que abalando os ares rôla,  
Rutilante carrêta,  
Carregada co' bronze vai rodando,  
Serras, montes, e valles abalando.

§ 5.

Alveja dos cavallos quente espuma  
Em fofos vellos solta:  
Das ventas nuvem densa o ar afuma;  
E c'o fumo d'envolta  
Sóbe d'espesso pó crasso negrume,  
Que ergue a planta feroz, ferindo lume.

§ 6.

Longevos cedros, resinosos pinhos  
Nos montes aprumados,  
Não já acoitão das aves tenros ninhos;  
A golpes de machados

Descendo a povoar salso elemento,  
Em vez de rama, soltão pano ao vento.

§ 7.

Apinha-se das Náos empavezadas  
O bosque inextricabil:  
Co' as entranhas de raiva revoltadas,  
A morte inexorabil,  
Enroscando a cerviz em ferrea bola,  
Quanto alcança derruba, rompe, e abola.

§ 8.

Estremece Neptuno ao rouco estrondo  
Dos bellicos ensaios;  
E as mãos convulsas nos ouvidos pondo,  
Em frigidós desmaios  
No mais fundo do abysmo cahe tremendo,  
E lá mesmo rebomba o echo horrendo!

§ 9.

Que vejo, ó Ceos! que maravilha estranha!...  
Nos eixos abalada  
Balança horrendamente esta montanha!...  
Já se abre espedaçada!...  
Já rebenta o vulcão; e d'entre o fogo,  
Oh! que espantoso monstro, aborta logo!...

§ 10.

Os olhos requeimados, e torcidos  
Tetricos lhe fuzilão ;  
Verdes Dragões na coma entretecidos,  
Arquejando sibilão ;  
Os hirtos braços hum canhão abrangem ;  
E os rijos dentes amarellos rangem.

§ 11.

Onde quer que revolve a ingente maça ,  
Chovem montões d'estragos ;  
A ruina, destroça, e despedaça ;  
Fervem de sangue os lagos,  
E depois de imprimir damnosa planta,  
As cinzas envenena que levanta.

§ 12.

Oh! guerra! ó monstro horrendo ! que máo fado  
A Lyzia te dirige?  
Volve os passos atraz, volve apressado ;  
Áquelle embora afflige,  
Que folga de vestir lustrosa malha,  
Que se nutre de sangue, e sangue espalha.

§ 13.

Vôa longe de nós, á Hircania vôa,

Lá o teo trono assenta ,  
Lá tens de serpes asquerosa c'rôa ,  
Lá com turba violenta ,  
De indomitos Leões , embora cerra ,  
E até o cotovelo o braço enterra.

§ 14.

Vôa longe de nós , não , não persigas  
A quem te não persegue ,  
Se não , a defender-nos nos obrigas :  
Á sua sorte entregue ,  
Deixa Lyzia dormir a solto somno ,  
Vendo a Patria segura , e vendo o trono.

§ 15.

Em thalamos de paz deixa mimosa  
Entre festoens de flores ,  
Enleada c' o esposo a cara esposa  
Gozar doces amores ;  
Pois que o tempo he veloz , e he curta a vida ,  
Não interrompas a amorosa lida.

§ 16.

Não ate as mãos na testa murmurando  
Do damnoso tumulto ,  
Da paz amigo , o velho venerando ,  
Banhado em pranto o vulto :

Dos pobres lares o Pastor não saia :  
Não clame pelo filho a Mãe na praia.

§ 17.

Mas se he força o tolher-lhe os cegos passos,  
O' Lyzia, que fazemos?  
Sanguentem-se, golpeando, os limpos aços,  
    Às armas entreguemos  
Do futuro socego a doce esp'rança :  
Só pugnando, a perdida paz se alcança.

§ 18.

Das urnas se me antolha, que se ergueram  
    Albuquerque, e Castros;  
Que bem que tantos annos já correram  
    Sem ver a luz dos astros,  
Não perderão dos seos inda a memoria,  
Bem como não perderão inda a gloria.

§ 19.

A meos olhos o Heroe brandindo a lança  
    Na, da Patria, defença  
Ao monstro aterrador feroz se avança;  
    E sem que o rompa, ou vença,  
Por mais que inexpugnabil lhe resiste,  
Da gloriosa empresa não desiste.



§ 20.

Oh exemplo immortal! nós te seguimos;  
Sim, oh povos! mostremos  
Na guerra os claros troncos d'onde vimos;  
Fortuna, e valor temos;  
Se, astros da Guerra, os Castros no Ceo morão,  
Nós Lusos somos, bem como elles forão.

---

ODE

Quaes scintillão do Sol co' a luz mimosa  
Os astros diamantinos,  
Co' facho de meos Himnos,  
Assim Tircêa brilharás gloriosa,  
E dos seculos transpondo a immensidade,  
No templo irás surgir da Eternidade.  
*Campél. od. pind. epod. 1.º*

STROFE 1.ª

Esgote embora os sons da terna lira  
O vate namorado,  
A quem a Deosa da Cythera inspira  
Ardil tão bem traçado,  
Que nos férvidos mares da ternura  
Faz com gloria boiar a Formosura,

2.<sup>a</sup>

No jardim d'Amathunta colhia flores  
O Doce Anacreonte ;  
Corrão as Graças , corrão os amores  
A engrinaldar-lhe a fronte ;  
Que o nectar , que distilla do seo canto ,  
Não he da gloria o verdadeiro encanto.

3.<sup>a</sup>

A citara sonora da Amizade ,  
Que meritos pregoa ,  
Que a voz do Coração , voz da Verdade  
Nos seus hymnos entôa ,  
Esta sim he do sabio o nobre enleio ,  
He prenda , que dos Ceos mais rica veio.

4.<sup>a</sup>

Escuta-a com respeito sobre o trono  
O Monarcha empolado :  
Escuta-a pelos campos o colono  
De joelhos prostrado :  
Jove a harmonia das esferas cala ,  
Quando no Olympe o seo clamor exhala.

5.<sup>a</sup>

Tal , ó Tirce preclara , em honra tua  
Pulso augusto instrumento ;  
Verás como ao seo echo a Inveja crua

De todo perde o alento:  
Verás como aturdida da verdade  
Vem adorar-te a mesma Eternidade.

6.<sup>a</sup>

Eis subito se muda a face á terra....  
Nova luz me rodea....  
Todo o arcano do Ceo se desencerra  
Á minha ardente idea....  
Meos cabellos, e os Astros se baralhão,  
Os Deoses nos seus braços me agasalhão.

7.<sup>a</sup>

Mares, e mares de Esplendor, e Gloria  
Sobre mim se desdobrão;  
Thesouros immortaes abre a Memoria,  
Onde apinhados sobrão  
Os dotes, que teos annos alumião,  
Que d'aureos cultos a ambição sacião.

8.<sup>a</sup>

Do filho de Saturno a par me assento  
Sobre o trono estrellado:  
Engolfado em prazer nas mãos sustento  
Hum codigo sagrado:  
Que he obra da Verdade basta vê-lo,  
Eis aqui da Verdade o proprio sêllo.

9.<sup>a</sup>

As virtudes de Tirce, eu vos repito  
Oh Deoses! quanto leio,  
Hum campo são de flores infinito,  
Que despedem do seio  
Tão lisongeiro, tão fragrante aroma,  
Que a alma com elle arrebatada assoma.

10.<sup>a</sup>

Desate-se veloz do tempo embora  
A furia impassivel:  
Por mais que se arremesse voadora,  
Momento indivisivel,  
Não, por Tirce jamais será passado,  
Sem ser por feito singular marcado.

11.<sup>a</sup>

Oh! qual no peito coração esconde,  
Assombro de Grandeza!  
Tão amplo golfão haverá quem sonde!  
Parabens, Natureza!  
Tu de todas as forças te esgotaste,  
Mas huma obra infinita remataste.

12.<sup>a</sup>

De quanto podes a medida certa  
Jaz de Tirce no peito.

Alli tudo o que he grande se concerta  
Em hum circulo estreito;  
Celeste compaixão, beneficencia,  
Probidade exemplar, magnificencia.

13.<sup>a</sup>

Junto della a viuva o pranto enxuga:  
O velho desvalido,  
Repassado de gosto desenruga  
O semblante franzido:  
Em dar soccorro, dar allivio ao triste,  
He onde o seo prazer maior consiste.

14.<sup>a</sup>

Que vejo! que magnifica pintura  
Esta pagina offerece!  
Em borbotões de vivida ternura  
Caudal torrente desce:  
Em duas grossas fontes se reparte:  
Aos filhos hu'a, outra ao esposo parte.

15.<sup>a</sup>

Aqui Jove supremo os olhos fita,  
Mirrado em Santa inveja;  
Só de Jozino a incomparavel dita  
Faria que se veja,  
No cume do prazer mais elevado,  
D'hum prazer, d'hu'a gloria, inda privado.

16.<sup>a</sup>

Que mimo encantador, que doce afago!  
Que angelica doçura!  
Banhado o coração torna-se hum lago  
    Às ondas da ternura:  
Do cheio coração transborda ao rosto,  
Ternos orvalhos de exprimido gosto.

17.<sup>a</sup>

Quantas vezes n'hum extasis de Gloria  
    A alma toda embebida,  
Conta, e reconta a memoranda historia,  
    Das delicias tecida,  
Desde o instante primeiro em que se virão,  
Até que ao leito conjugal subirão?

18.<sup>a</sup>

Quantas vezes d'amor lhe poem diante  
    Os frutos adorados;  
E vendo em cada toque do semblante  
    Os paternaes agrados  
Já n'hum gentil bosquejo reluzindo,  
Os filhos beija, beija o Pai sorrindo.

19.<sup>a</sup>

E por ventura o maternal desvelo,  
    Aos filhos consagrado,

O passo embarga ao vigilante zelo,  
Incançavel cuidado,  
De dar-lhe a educação exacta, e justa,  
Do mais alto saber empresa augusta?

20.<sup>a</sup>

Ah! se os povos corressem do Universo  
A escutar-lhe as doutrinas!  
Quantos Heroes cantára a Prosa, e Verso,  
E quantas Heroínas?  
Como do Cáos renascera o mundo  
Com semblante mais nobre e mais jucundo!

21.<sup>a</sup>

Densa nuvem de leis ao ar se erguera  
Da terra afugentada;  
Em fumo, em pó subtil se desfizera  
Dos ventos açoitada:  
Que bem das leis se escusão os cardumes,  
Onde mora a razão, e os bons costumes.

22.<sup>a</sup>

Razão, e bons costumes são os pólos  
Da social harmonia:  
Livre com elles de traições, e dólos,  
A esfera da alegria,  
Em ambito dourado se revolve,  
E parece que o Ceo á terra volve.

23.<sup>a</sup>

Razão, e bons costumes são as prendas,  
Em que Tirce se empenha:  
Por mais que o teo farol, capricho accendas,  
Generosa desdenha  
Teos prestigios, teo brilho fascinante,  
Em solido pensar sempre constante.

24.<sup>a</sup>

Em cristalinos globos assentado  
De fragil consistencia  
Levanta ao ar o collo empavezado  
Com fofa entumecencia,  
O melindre do sexo, Divindade,  
Nescia filha da molle ociosidade.

25.<sup>a</sup>

Á voz de Tirce o invalido Colosso  
Cahe por terra em pedaços;  
Range o monstro debaixo do destroço  
Mordendo em raiva os braços:  
Por outras grita, que lhe dém abono,  
Que hum braço heroico lhe arrasára o trono.

26.<sup>a</sup>

Oh peito varonil, oh Tirce augusta!  
Que invejada capella



A virtude immortal, em premio ajusta  
    Á tua fronte bella! ...  
Deosa não ha de tão merecido culto :  
Compraz-se Jove de incensar-te o vulto.

27.ª

Oh! que vistosas scenas o Futuro  
    Agora me apresenta!  
Seculos a milhoens de Gloria augúro....  
    Mas que força violenta  
Dos braços me arrebatá o livro santo!...  
Mais não he dado, pônho termo ao canto.

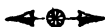


## ODE EPODICA.

### DEDICATORIA.

Vozes, que o patrio amor arranca d'alma,  
Que o brado universal da gloria ajudão,  
São hoje, como sempre, a teos ouvidos  
Vozes dignas de Ti, são prenda acceita.  
No meio da sem par, brilhante pompa,  
Com que em triumpho a Welesley conduzes,  
Quasi nos braços das mimosas Ninfas,  
Ao templo que lh'ergueste da Memoria :

No meio dos solemnnes, gratos cultos,  
Que ás Luzas armas fervoroso prestas,  
Ao mar da profusão soltando os diques;  
Versos não, mas d'hum peito comprimido,  
Hum peito em ancias d'imitar teos rasgos,  
Nas venturas da Patria extasiado,  
Mesquinho desafogo a Ti dedico.  
O nome d'Araujo he quem me arroja,  
Este nome que a Fama aos astros sobe,  
Nome caro á Nação, ao Trono caro.  
Ao sabio, ao rude, ao pequenino, ao grande  
Do Patrio amor sagrado archivo inculca,  
Inculca o Cidadão em zelo acceso,  
Inculca a Themis o mais firme esteio,  
Inculca o Genio que ao nutante Solio,  
De Minerva arrancando a luz, a força,  
Do que o rijo diamante hombros mais rijos  
Metteo, e segurou: o peso enorme,  
Que Athlaute acurvaria, não o acurva.  
Lisonjas não pregôo; Lyzia o sabe,  
E melhor do que Lyzia o seo Monarcha.  
Por sympathico influxo logo affectos,  
Affectos que são teos acolher debes.  
O que meo parecer no teo o illustra,  
E já meos versos serão versos d'ouro.



---

ODE

„Soldados... huma affronta vingar cumpre.  
„ Ás Herculeas balizas  
„ Hide, vencei; no fundo do Oceano  
„ O Leopardo expire.  
Assim a Fera sobre a c'roa erguida  
D'altaneiro rochedo  
O ronco desatara que nos montes,  
Nos valles inda echoa;  
Aquella Fera, que no Estygio gólfão,  
Qual sorvedoura tromba  
Dessedentando o bojo, o bojo inchara  
D'esqualida peçonha;  
Fera nefanda, a cuja horrenda vista  
Ennoitados os ares,  
Murcho o talento, e resequido o engenho,  
N'hum momento se torna  
Dos sabios a Nação, Nação de brutos.  
Insana! e que projectas?  
A que audazes destinos te abalança  
A desbocada furia?  
Contra que brio alardear teos brios?  
Que! remontou pujante  
Em vóo afortunado Aguiã tremenda,  
E das possantes guias

Já sobre o Oder, e o caudal Danubio  
Torrentes e torrentes  
D'horror, d'estragos, de ruinas, mortes,  
Despeja, atira, espalha?  
Mas o Ibéro Leão flamispirante  
Que por cem bocas ruge?  
Mas o Tamiza que empolado em gloria  
Triunfos mil trasborda?  
E as mimosas do Ceo e prenda sua  
Sempre adorandas Quinas?  
As Luzas Quinas!... acabaste oh Monstro:  
Agora sim a morte  
Aquella voraz vai engasgar-te:  
Para a antartica Zona  
Passo que moves he degráo que range,  
Que no teo trono estala:  
Punhal que amolas, contra ti o amolas:  
A que soltas faisca  
Vai de Lyzia no Ceo girar tão viva,  
Que as nuvens huma a huma  
Electrizando intensa, incendios, raios  
Ergue a milhoens, e todos  
De rondão em teos membros esbarrondão.  
Onde, que não te ampara  
Essa esguia Politica assombrosa  
Tão tua onde demora?  
Com Luzos baralhar tuas Phalanges,  
Teos perfidos systemas!

O Luzo peito no valor, na honra  
    He peito de diamante,  
He rocha donde o mar ao mar recúa,  
    Torre que as balas cospe.  
Sacratio de primor, de lealdade,  
    Thesouro de nobreza  
Por si, pelo seo Rei, pelo seo Templo,  
    Se nos Sertoens da Lybia  
Torrar o rosto o coração releva,  
    Se ressuadas palmas  
Convexos promontorios cavalgando  
    Com a espada na boca  
A braços com as ondas, com os ventos  
    Encrespados, revoltos  
Cumpre colher no Eufrates, Indo, ou Ganges;  
    Se ao trilhado Hemispherio  
Outro novo solar demanda a gloria,  
    Cada Luzo he Menezes,  
He Almeida, he Cabral, he Castro, he Gama,  
    E cada Gama, ou Castro  
He batalhão, que batalhoens descose.  
    Eis de Ulyssea as portas  
Já com horrida cauda açoitão Aguias  
    Himpando de soberba.  
Despejados no campo refulgurão  
    Os arsenaes do Sena.  
Furia, que n'huma mão veneno esconde,  
    Ouro n'outra alardea,

Que ora iniqua semente esparge a furto,  
Ora de suspeitosa

N'hum mar d'enganos subtil rede alastra,  
Em frente rompe a marcha,

E a estrada apalpa ás aguerridas hostes.

O Luzitano Estado

Tão vasta alluvião suster mal pode.

Coalhadas as campinas

Messes ondeão de emplumadas frentes.

Ai! como que nos Fados

Agouro, oh Lizia, assustador ressumbra!...

Não, que os Fados ja fôrça,

Fôrça a victoria a submeter-lhe as palmas

O Brazão do heroismo,

Gentil flor de Albion, do mundo assombro,

Welesley o grande,

D'esperanças sem termo c'roa, e base.

De Bellona os arcanos

Abre de par em par, volve e revolve.

Nos orbes de Mavorte

Novo Newton descobre fôrça nova.

Por seo punho brandido

O calculado raio jamais falsa.

„ Portuguezes ao campo,

„ Exclama trovejando... Ei-los em briga:

Não ja medonhos fossos,

Não ja bronzear muralhas abarrearão:

Hombro por hombro os Luzos

Travão de envolta c'os heroes da Galia :

Travão, e logo oppostas

Maças enormes, bem cerradas, firmes

Ao recontro primeiro

Claro espaçoso aqui, ali abrindo

Em tremulo balanço

Desajudadas dão de golpe em terra ;

E naufragadas taboas,

Boiando á conta de alterosas ondas,

Ou sem tino divagão,

Ou na furia d'hum vortice em rochedos

Vão ao meio lascar-se.

Aguias, que fito a fito o Sol encarão,

Das Portuguezas Quinas

Ao celeste clarão os olhos tapão,

Azas encolhem, fogem.

A espaços largos folego cobrando

Reabrem rombas unhas ;

Mas da vingança o inexoravel Numen

Espanca, tempestéa,

Nem toma alento até que de Pirene

Galgado o excelso pico,

Ferrando com tenaz affinco a hydra,

Por tres vezes rodada,

Tão despachado a atira á derradeira,

Que sibilante seta,

Arco immenso lavrando pelos ares

Com troante fracasso

Sobre as margens do Adaur em pó, em cinza  
Vai resaltar desfeita.

Hum ai retumba ja de desafogo  
Em Lyzia, Iberia, Europa.

No peito o coração se amplia, expande.  
Foragidos prazeres

D'entre as sombras do tumulto resurgem.  
Embalsamado, e puro

Novo horisonte de esplendor s'enfeita :  
Novo Ceo! nova Terra!

Parabens a razão presta á justiça,  
Esta a razão gratula.

He connosco a virtude... Epocha santa!  
O homem ja he homem:

A Nação he Nação: ha trono, ha templo.  
Epocha santa! Salve.

Que em breve os planos teos se desmalharão  
Feroz tartareo tigre!

Olha o quadro immortal, que a Gloria mesmo  
Por suas mãos nos pinta!

Olha o ferrete de vergonha eterno,  
Q'em teo nome se crava!

Olha milhoens de seculos vindouros  
Sobre ti debruçados

O fel da execração verter em rios!...  
E que pensavas? Lyzia!

Lyzia só cabe, se os mesmos Ceos cahirem.  
D'ouro eterna cadeia



Em Ourique prendeo da terra aos astros  
O Luzitano trono,  
Se quebrarem do Mundo os Polos ambos,  
Suspensa Lyzia sobe,  
E cercada de Sóes aos pés de Affonso  
Vai brilhar entre os Numes.

---

## ODE PINDARICA

*A D. Rodrigo de Lancastre.*

Orna a verdade mas não mente a Musa.

*Ant. Diniz da Cruz.*

## STROFE.

Se no cume do Pindo o som espraio  
D'auri soberba lyra,  
Não me diga a Calumnia, que delira  
Qualquer que bebe do Apollineo raio.  
Com cem grossos grilhoens sobre as espaldas  
Já la ficção nas fraldas,  
Servil adulação, fantasmas, sonhos.  
Clara verdade, clara mais que a Lua

Só a tua cubiço, immortal c'roa:  
Outro verso, outra voz em mim não sôa;  
Teos são meos versos, minha voz he tua.  
Se da terra os Heroes ao Ceo levanto,  
He só teo punho que me esfôrça a tanto.

### ANTISTROFE.

Sol que relumbras com terror dos Povos  
No Sceptro dos Tyrannos,  
Ante quem vibrão profetando damnos  
Cauda fatal Cometas sempre novos;  
Por mais que dobres o clarão sublime  
A borrasca do Crime  
Negreja sempre ao denodado Vate.  
Quantas vezes de olhar te horrorizado  
Pronto as redeas revolto aos meos Ethontes,  
E o Pastor vou cantar que jaz nos montes  
Ao tronco das Virtudes recostado!  
O sceptro então envolve-se em horrores,  
E o cajado matiza-se de flores.

### EPODO 1.º

No meio do Universo  
Então mortal pesado  
Inda á face do Globo reatado  
Já por modo diverso  
Rodão os eixos da existencia antiga.

Fogo nas veas immortal circula ,  
Aura celeste no refolego pula ,  
O Tempo faz-se eterno, a Morte amiga.  
De trevas esbulhado  
Se me antolha o passado ;  
E se as barreiras do futuro avanço ,  
Tambem victoria alcanço:  
Porque a prósida Musa que me inspira  
Telescopio me deo de longa mira.

STROFE 1.ª

Tal hoje aos Heroes todos, dando inveja  
No alcaçar da Memoria,  
Gravado entre relampagos de gloria  
Quero, Rodrigo, que teu nome seja.  
O dia em que nasceste, illustre dia,  
Sonora Poesia  
Vai no Olympo gravar com sello eterno.  
Ande e desande a Saturnina roda ,  
Bronzes o turbilhão dos annos coma ,  
Teo nome brilhador mais alto assoma  
Teo nome pode mais que a força toda.  
Heroe que da Virtude tem o escudo  
Ou na terra ou no Ceo domina tudo.

ANTISTROFE 2.ª

Em Lyzia sempre alardeou com pompa

A arvore donde emanas,  
Acçoens dos teos Maiores mais que humanos  
Cantou da Fama a clangorosa trompa.  
Como entre afagos o Leão Ibéro

Liso o aspecto severo  
Da tua alta progenie as plantas beja!  
Como Tamísa os resplendores conta  
Que ás suas ondas teos Avós mandarão,  
Da Historia o dedo com assombro aponta.  
Mas se eu repito da Razão os brados  
Tua gloria não vem de Alcoforados.

## EPODO 2.º

De ti provem somente  
De meos Hymnos a fonte:  
De brillhantes acçoens vasto Horisonte  
Corre á minha mente.  
Que alegre oh Ceos! que magestosa scena!  
Eis garboza Matrona vem marchando  
Astros e flores senhoril calcando;  
Nas maons hum livro que altas Leis ordena.  
Prende as azas Eolo,  
Neptuno abaixa o collo  
Curvados a seos pés os Elementos  
Fazem mil rendimentos.  
Entre rugas floréa a face augusta  
Tanto mais nobre quanto mais vetusta.

STROFE 3.<sup>a</sup>

Quem he esta, quem he, Musa sagrada?  
Quem, que tanto me encanta?  
Já sei, a Natureza Sacro-santa,  
Que vem das ternas filhas rodeada.  
Aquella he a Humanidade, esta a Clemencia  
Est'outra a Innocencia,  
Silencio, oh Filhas do Supremo Jove:  
Silencio: vai fallar a Natureza.  
„ Brotarão de meos dedos flores belas,  
„ Surge delles o Sol, surgem Estrelas  
„ Mas a c'rôa inda resta da beleza:  
„ Quando me esgoto do saber profundo  
„ He quando o Homem apresento ao Mundo.

ANTISTROFE 3.<sup>a</sup>

„ Que fiz? Que louca fiz?... Minha desgraça  
„ Forjei eu mesma: ai triste!  
„ O tigre ás minhas ordens não resiste;  
„ O homem, esse sim, todas traspassa,  
„ A Razão que lhe dei não o alumia:  
„ Quer antes para guia  
„ O Norte das paixoens, do erro o Espetro;  
„ Das minhas filhas a mais cara filha  
„ A sem ventura a pobre Humanidade  
„ Ao jugo da feroz barbaridade

\*

- „ Qual mansa rêz á foice o collo humilha,
- „ Dobra-se o pranto aos olhos infelizes
- „ Sangrentão-se de novo as cicatrizes.

### EPODO 3.º

- „ Que mal fazes, Clemencia,
- „ A quem tanto te odeia?
- „ Feroz orgulho, rabida impaciencia
- „ Te esmaga, te sopea.
- „ Alçar fingindo a vara da Justiça
- „ Coração de metal, peito de fraga
- „ Assim o natural impulso apaga
- „ Sacrilega Ambição, brutal Cubiça.
- „ He da Razão amigo
- „ Providente castigo,
- „ Mas por ventura perdoar o crime
- „ Sempre á Justiça o resplendor reprime?

### STROFE 4.ª

- „ E que vezes rebenta do Cocyto
- „ Fervendo em raios e peste
- „ Infrene monstro, que ardiloso veste
- „ A Innocencia com trajes do delicto!
- „ Intriga, de que gloria te não cobres
- „ Quando a verdade encobres,
- „ Quando te avultas com defraudo alheio!
- „ Ceva os olhos, la vai para o desterro,

„ La vai ao cadafalso o innocente.  
„ Inda que o Raio com furor ardente  
„ Partir-te jure o coração de ferro ,  
„ Basta ser a Innocencia filha minha  
„ Para ter , ai de mim ! sorte mesquinha.

#### ANTISTROFE 4.<sup>a</sup>

„ Dest'arte n'outro tempo me carpia  
„ Mas tu, sabio Rodrigo ,  
„ Tu ja me recobraste o lustre antigo ;  
„ E mais me déste do que então havia.  
„ Tu, meo sagrado Codigo aprendeste  
„ E o esteio te fizeste  
„ De minhas Leis, minha immortal doutrina.  
„ Verdadeiro philosopho, ao meo peito  
„ Do bom arrezoar fartaste a sede,  
„ Nem a Aguia que do Sol a altura mede  
„ Tão alto vóa como o teo conceito :  
„ Nem ja mysterios encerrados tenho  
„ Porque o veo lhes rasgou teo raro engenho,

#### EPODO 4.<sup>o</sup>

„ Da Grandeza á Virtude  
„ Oh que distancia immensa !  
„ Não vês no mesmo altar onde te incensa ,  
„ Fumo que outros illude !  
„ N'hum Polo ás vezes a Grandeza mora

„ N'outro a virtude separada existe;  
„ Tu estes Polos tão de perto uniste  
„ Que ninguém estremal-os pode agora.  
    „ Esta gloria só basta  
    „ Esta aos Heroes afasta  
„ Dos mortaes golpes a total ruina,  
    „ Esta na Campa ensina...  
Calou-se a Natureza: eu tambem calo:  
Já não cumpre cantar, cumpre adora-lo.

---

*Traducção da Ode de Sapho, segundo a  
versão franceza de Lille.*

Feliz aquelle, que a teu lado geme,  
Que sobre si attrahe tão lindos olhos!  
Essa tão doce voz, terno sorriso  
    Á dos Deoses similha.

Labareda subtil de vêa em vêa  
Me corre ao coração, quando te vejo;  
Minha alma se perturba, se extravia,  
    A voz me desampara.

Não ouço: cahe hum vêo sobre meos olhos;  
Já me arrebatto aos Ceos, já desfaleço,  
E perplexa, sem folego, perdida  
    Deliro, tremo, e morro.



---

ODE HEROICA.

O' et præsidium, et dulce decus...  
= *Horat. Odar. lib. 1.º Od. 1.ª ver. 2.º* =

Verdade augusta que me pesas n'alma  
Assalta em borbotoens, ao vulto, aos labios.

Relampagos sonoros

Da gratidão as azas

Caminho te abrem pelo Ethereo campo:

Dos orbes ao redor divaga, e tróa.

Rubras as faces, declinados olhos

Do Baculo (ou do Sceptro) a froxo trava

Despeitosa Modestia:

E em defeso recinto

Invicta sofre a resonante Lyra

Em sons dourados echoar seo nome.

Indomita explosão rebenta, estoirá:

Flammi-voma espedaça rochas, bronzes:

Dos estalados diques

Fumegantes rebolos

Rolando em turbilhoens nos ares negros  
Desabão sobre o mar, e o mar rebomba.

Chocão sem tino aos revoltos as maçãs.  
De encontro com a luz baqueia a noite.

Incompescível Furia

D'innato jus ufana

Do Globo em cinzas, se he preciso, o Chaos  
Na arrebatada arremettida arranca.

Sangui-negro furor nos torvos olhos,  
Vulni-cola avidêz nas secas fauces,

Nos hombros azulados

Vulcanéo carregume,

N'hum vortice de raios a Coragem  
Circumvolvida, atordoada gira.

A perda universal, a quem faz Côte  
Vendada confusão, enfuna em tanto

No coração presago

Á atroz desejo as velas:

Ordem, Prudencia, Lei, Corôa, Reino,  
Submerso conta em sorvedouro eterno.

Lysia! Lysia infeliz! a taboa illustre  
Que do naufragio quiz primeiro alçar-te,

Ousando intempestiva

Com giganteos embates

Marachoens repellir, cachopos, ventos,  
Hia contigo de mergulho ao fundo.

Subito á tua voz, sagrado Chefe,  
Á voz sonora d'attracção se embandão

Os soltos elementos:

Rainha do Universo

Harmonia os anneis, refaz mais firmes:  
Em orbita prefixa as forças rodão.

Grande sem par miraculoso acerto!  
(Guardai, ó Musas, no melhor do peito

De tão nobre thesouro

Tão rico esmalte he digno)

Jove na mente procreou Minerva:

Emula a Patria te acclamou Regente.

Genio, que nos Lyceos não vira Athenas  
D'audaz combinação no mudo cofre

Em ordenadas peças

O Universo concentras.

Corriges, soldas, regeneras, crias:

Em novo Mundo, novo Norte cravas.

Já de fortuitas, apinhadas turbas

Tremendas brotão marciaes cohortes;

Electrica torrente

De fila em fila estala,

Arde no coração pugnaz braveza,

Na mente repousado jaz o acordo.

Já tresplantado pelo undoso argento  
De honra ás maons flammi-spirante bosque  
          Britanico ardimento  
          Generoso peleja :

Ei-lo nas praias : e as que o Sol encarão  
D'armadura ao fulgor se encolhem , Aguias.

Já para o Tejo convergindo fluem  
Do Douro , e do Tamísa enchentes largas ;  
          Momentos de remanso  
          Não consente Belona :

Vermelhas fumão bronzeadas bocas ,  
Abortão montes turbilhoens de fogo.

Ao da trombeta horrisono retumbo  
Remuinhão trovoens , reservem golpes :  
          Sangrenta tempestade  
          Ás rajãdas recresce :

Rijo balanço os batalhoens da Galiá  
Por terra atira escalavrados , mortos.

Lá sé torcem no chão partidas serpes :  
Torres d'astucia esboroadas ruem :  
          Cahe o dólo , a impiedade :  
          Roxo tepido lago

Se empoça aqui , ali , onde a milhares  
Agonizando barafustão monstros.

Elmo emplumado de illusoens nefandas,  
Por escudo ambição, por cota enredos,  
Por alfange Rapina,  
São d'hum bosque a Politica.

A morte mesma vai cerrar com ella:  
Os membros esmigalha, o craneo escaca,

Exercitos, cadaveres, carretas,  
E pó, e fumo, e sangue, tudo em monte,  
Cavallos, Cavalleiros,  
Bandeiras, armamento,  
Tudo vai de rondão, varrido ás azas  
D'illustre acesa, energica Vingança.

Ante-posta, belligera Phalange  
No campo já não ha: e o Patrio Marte  
Serenar-se não pode:  
Labareda entranhada  
Lhe torra o coração, lhe escalda a fronte;  
Golpea ainda, e corre, e freme, e espuma.

Sobre a ruina das cortadas hostes  
Eis as sagradas Lusitanas Quinas  
Rasgando o ar, e os vivos:  
Salpicadas de sangue,  
Ainda tremolando, sangue orvalhão:  
Nos braços a Victoria as toma e beja.

Do cabo Occidental clarim sonoro

A Fama aponta ao Guerreado Arcturo:  
Ao estrondo dos feitos  
O Vistula, o Danubio  
Atando as maons na envergonhada fronte  
Contra seos fados, seos heroes dão urros.

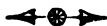
Da nunca havida portentosa gloria,  
Da gloria d'acurvar-se ás Regias plantas,  
O Equador todo ufano  
Mais alto se empavona,  
Promettendo-se agora abrir segunda  
Ao mesmo que a trilhou Real passagem.

Plano sublime! Quem te urdio he homem?  
Remonta do saber tão alto ao cume!

Os horisontes limpos!  
Desassombrado o Templo!  
Em culto as Leis! em segurança o Trono!  
Escravos hontem, somos livres hoje!

Peito, que salva o Rei, que a Patria salva,  
Se por força hade ser mesquinho o Sceptro,  
O Rei não galardôa.

Mas eu te congratulo,  
Veres salvo o teu Rei, a Patria, o Templo,  
Tal era o premio teu, tal he teu premio.



## ODE FUNEBRE

*A' morte de José Correa de Mello.*

Quis desiderio sit pudor, aut modus  
Tam cari capitis? .....

*Horat. Odar. lib. 1.º Od. 20 ver. 1.º*

Nem esperança nos resta... emfim he morto:  
Raio da guerra, Lusitano Marte,  
Bravo Heroe, que arrostando da morte o sceptro  
Cedeo á lei dos fados.

Oh Patria! oh minha Patria, quem poderá  
Na perda infausta de Correia illustre  
Ter hum peito de bronze impenetravel  
Aos golpes da saudade!

Á froxa luz, que pallida tremúla,  
Na tocha sêpulcral já se descobre  
Triste cadaver, Victima funesta  
Da voraz corrupção.

Jaz entre sombras quem nos Marcios Campos,  
Audaz vibrando despiedado ferro,  
Á frente posto d'inclitas phalanges  
Immortal parecia.

Envolto em rolos de sulfureas nuvens  
Entre o bravo estridor de canhoens roucos  
Trovejando levanta a voz terrivel,  
Enfurece os soldados.

Joven Herpe no peito leva a imagem  
Do caro Rei, da Patria que defende...  
Arme-se o inferno todo, não 'stremece,  
Não perde a côr do rosto.

Destemido leão s'avança aos muros,  
Lá cahem por terra flanqueadas torres,  
Lá s'aluem trincheiras, baluartes:

Que montes de ruínas!

Fuzile embora raios sanguinosos  
Contrária aos Lusos tetrica Bellona:  
Com as azas da morte não se cobrem  
As Lusitanas Quinas.

Nem tu, monstruosa Galia, que sangrentas  
Com perfido punhal o mundo inteiro,  
Que á força de traiçoens, d'enormes crimes  
Arvóras Estandartes;

Nem tu que ufana dos Estados todos  
Volvendo a Urna a sorte lhes destinas;  
Contra o bravo furor não te atreveste  
Do invencível Correia!

Já não existe... destemperadas Caxas  
Troando roucas o pranteão morto!..  
Ah! quantas vidas n'hu'a só arrancas  
Insaciavel Parca!

A quantos Cidadaons agradecidos  
Passaste a ferro lacerando os peitos,  
Que amorosa homenagem consagravão  
Ao Defensor da Patria!



Inda os vivas retumbão , inda sôão  
Os echos d'alegria, que se erguerão  
Nessas margens do Douro, quando invicto  
Triunfador entrava.

Semeão-se de flores os caminhos ,  
Embandeirão-se as Náos, bombardas troão ,  
Sonorosos clarins , carros pomposos ,  
Excessos d'alegria...

Que digo ! oh Ceos piedosos ! tudo sombras ,  
Tudo sentidos ais , lutuosos brados  
Hoje... ah ingrata fortuna , que depressa  
Fausta roda desandas !

Já não lhe cingem magestosa a frente  
Verdes c'roas de loiro triunfante ,  
Só verde-negros funebres cyprestes  
O tumulto lh'adornão.

Quanto se engana quem se fia credulo  
Se hu'a vez lhe surri maga ventura !  
Qual murcha folha sobre as maons do vento  
O homem he seo ludibrio.

Infeliz quem vivendo obscura vida  
Preso ao cepo da vil ociosidade,  
Comsigo leva o nome despojado  
De posthuma memoria.

Tu, Espirito fliz ; ligeira sombra ,  
Que do pó sacudindo as leves azas  
Voaste altivo á região dos astros  
Sobre doirada nuvem ;

Bem que de nós tão longe te ausentaste,  
Tua imagem se volve em nossos olhos:  
Eterna he a tua gloria, assim não fôra

A magoa de perder-te!

No silencio fatal da campa dura,  
Despedaçado á força de suspiros  
Preso o coração tens, coração nosso  
Que fiel te acompanha.



## ODE SAGRADA

*A' Virgem das Dores.*

Do rasgado peito, oh virgem,  
Cruenta seta dispara;  
E com ella a Canto augusto  
O meo coração prepara.

Voando a Ti sobe tanto  
A idea, tanto se exalta,  
Quanto desce envergonhada  
Philosophia a mais alta.

Huma só das que annuncias  
Sapientissimas liçoens,  
Faz riscar quanto escreverão  
Os Socrates, e Platoens.

Eis de rojo pela terra  
Revoltas paixoens rebramão,  
Emquanto minhas entranhas  
Em sacro fogo se inflammão.

Lei do peso, lei geral,  
Meos membros inda reveste ;  
Mas a alma d'essencia livre  
Esfera suprema investe.

Novo calor me repassa,  
Novo elemento respiro,  
Quasi espirito sou todo :  
Virgem, vejo-te, ou deliro!

Vejo-te: he certo o que vejo:  
Mas como n'hum mar de pranto?  
Como! á força d'agonia  
Arquejando tanto tanto?

Tu, que se Deosa não és,  
És por alta maravilha,  
Porque assim mesmo lh'aprouve,  
De Deos Mãi, Esposa, e Filha!

Rainha de Cherubins,  
De Tronos, e Potestades,  
So te fazem triste Côrte  
Amarguras! anciedades!

Ceos! que lugubre painel  
Se desenrola tremendo!  
Que ensanguentadas Pinturas  
Vão os meos olhos correndo!

Lá vibra sagrado Velho  
Reluzente fina espada,  
Com futuro que te agoira  
T'a deixa n'alma cravada.

„ Esse Filho q' a teo Seio  
„ Tenra fronte agora inclina,  
„ Será d'alguns salvação,  
„ Será de muitos ruina. „

Lá sôa fatal Decreto:  
Tanto berço ensanguentado  
Só para ver se teo Filho  
D'envolta vai immolado!

Estremecem-te as entranhas  
Ao nome, á sombra d'Herodes:  
Lá foges espavorida,  
Só assim salva-lo podes.

Mas tão longe!... por desertos!...  
Huma Mãi tam delicada! ..  
Sem auxilios!... sem aprestos!...  
He muito!... cruel jornada!

Ai! que energico suspiro!  
Quem ouvi-lo poderá!  
Perdeste teo doce Filho,  
Ninguem te diz onde está!

Cada momento que passa  
He seculo para Ti:  
Oh! quem me dera dizer-te!  
Alviçaras, ei-lo aqui!

Que! Tu mesmo he quem o mostras!...  
Melhor fôra não acha-lo,  
Não te succedêra agora  
De tal maneira encontra-lo.

Longo robusto Madeiro  
Em hombros tenros, gentis!  
Rijas cordas espremendo  
No colo as vêas subtis!

Roxas nodoas pelo rosto!  
Vergoens nos mimosos pés!  
Desfeito em sangue, em suores,  
Quem o Ceo, a Terra fez!...

Eis a bruta Soldadesca  
Pelas fraldas da montanha  
Redobrando os empuchoens  
Vai fartar a infrene sanha.

De rastos rasgando as Carnes  
Aqui sobe, acolá calhe:  
D'espumante sangue aos rios  
Ensopando a encosta vai.

Já do Golgotha no cume  
Estendido sobre a Cruz ,  
Pregado de pés , e maons ,  
Se eleva ao ar teo Jesus.

Ei-lo em ancias, em arquejos ,  
No extremo lidar da vida !  
Lá vem do alto seos olhos  
Dar-te a final despedida :

Tudo quanto estava escrito  
Agora se completou :  
Inclinou a Sacra Fronte:  
Já não tens Filho ! expirou !

Expirou ! mas não a raiva  
Dos monstros desenfreada ;  
A seo peito , ou a teo peito ,  
Lá se arroja outra lançada .

Virgem : a minha ternura  
He faculdade mortal :  
Se inda tenho de ver mais  
Poderei ver tanto mal !

**Que he isto! Eu tremo d'horror!  
Teo Filho morto nos braços!  
Teo Filho, que mal conheces!  
Teo Filho feito em pedaços!**

**Oh Heroe d'Arimathea!  
Oh generoso Varão!  
Já que o tiraste da Cruz  
Tira-lh'o agora da mão.**

**Contar huma a huma as Chagas!  
Ver saltar do meio os ossos!  
Em cada órgão estragos!  
Em cada Membro destroços!**

**Onde se imprimir quizeres,  
Teos roxos Labios extinctos,  
Onde ha de ser que não fiquem  
Teos Labios de sangue tinctos?**

**Eu ouço o estrondo da Campa....  
Lá t'o arranca honrada Mão....  
Fechou-se na Sepultura:  
Eis Virgem na Solidão,**



Já debalde olhas teos braços,  
Que inda ha pouco o sustentárão:  
Já não lhe encontras o peso  
Doce peso que encontrarão.

Volvem-se nuvens, e nuvens  
Do Futuro, e do Passado:  
Tudo são punhaes violentos  
No teo Peito atribulado.

Virgem Mãi, estás sozinha!...  
E esses tantos que adoptaste,  
Ingratos filhos que he delles!...  
Não mais, Virgem: baste... baste...

Não que eu queira que não quero  
Poupar a minha ternura;  
Antes minha justa dôr  
A tua dôr só procura;

Mas peço-te por hum pouco  
Me deixes forças juntar,  
Para vir com novas forças  
As tuas Dôres chorar.

ELOGIO.

*Ao nascimento do Infante D. Miguel.*

— 1802. —

Quanto póde a seo Rei hum fiel Povo!  
E hum bom Rei quanto póde!  
Queres, ó Lysia, testemunho novo?  
Liberal nos sacode  
Dos seos braços o Ceo ao nosso Trono  
Mais hum penhor, mais hum seguro abono.

Largo Oceano, que fervendo empola  
Em montanhosas serras,  
Que em si já não cabendo, ainda enrola  
Os regatos das terras,  
Até que trashedando sorve as praias;  
O' Gloria Lusitana, assim te espraia.

Grande te virão os primeiros Lusos,  
Rasgado o Ceo ao meio,  
Cahir do alto em circulos diffusos  
D'Affonso ao Regio seio.  
Avultas desde então tanto em grandeza,  
Que he teu vulto maior que a redondeza,

Cada Monarcha que nos pinta a Historia  
Tanto Esplendor derrama,  
Tanto se ensopa no clarão da gloria  
Tanto o pregôa a Fama,  
Que os mais Reis, não podendo equipara-los,  
Antes ser quererão seos Vassallos.

Quando os olhos em fogo a Inveja fita  
Nesta Lista sagrada,  
Por mais blasfemias que o rancor repita,  
A pensar he forçada  
Que ou Filosofos sempre governarão,  
Ou sempre sabios Reis filosofarão.

Venturas a milhoens borboteando  
Prazer, Doçura, Riso....  
Eis aqui o retrato venerando  
Do almo Paraíso:  
Dos Sabios a Nação imaginada  
Ei-la nos Portuguezes realizada.

Seculos seis arrósto que alardeão  
Faustissimos reinados:  
Monarchas vinte e cinco se encadeião  
D'eterna gloria ornados:  
Mas com magico enleio a fantasia  
As virtudes se prende de Maria.

Qual peito de ternura não se alaga  
Tão doce nome ouvindo?

Se podéra sentir a rija fraga ,  
A fraga repetindo  
Fôra aos ouvidos todos clamorosa :  
„ Maria he terna Mãi, he Mãi piedosa. „

Mal que o Sceptro dourado toma em punho,  
Graças á Divindade!  
A clemencia he o primeiro testemunho  
Que dá da Magestade:  
A vez primeira que o seo Mando entôa ,  
Á masmorra o perdão ligeiro vôa.

Amor, amor ao Povo a todo o instante  
O Coração lhe brada,  
Por mais que a chamma cresça devorante  
Inda a julga apagada:  
Mirrado, em santas cinzas já desfeito,  
He de amor inda pouco satisfeito.

Huma lagrima só, que hum triste solte,  
„ He preciso, diz Ella ,  
„ Que dos seos olhos ao meo peito volte,  
„ Onde d'amiga Estrella  
„ Encontre logo prospera influencia  
„ Enxugando-a a Real beneficencia.

„ Se os Povos a meo mando estão sujeitos  
„ Por legitimo imperio,  
„ Estes Povos tambem tem seos direitos

„ Vindos do Assento Ethereo :

„ Se a Dextra o Ceo me armou d'altos poderes,

„ Tambem aos hombros me arrojou deveres.

„ Justiça, corre igual por toda a parte

„ Com os olhos vendados :

„ Mas ah! não deixes nunca de lembrar-te,

Qu' entre os fêrrros alçados ,

„ Entre os duros horrores do castigo,

„ Póde a Clemencia ás vezes ter abrigo.

„ Ternura, vòa em torno a Lysia toda:

„ Qual pomba enternecida

„ Com beneficos pios accommoda

„ Toda a raça querida:

„ E se hum filho gemer vires enfermo,

„ Aos carinhos de Mãi não haja termo.

„ Terra, despe a dureza, abre o teo seio :

„ Florecei, murchos troncos:

„ Máres, ás velas dai franco passeio:

„ Estalai rochedos broncos,

„ Das montanhas correi ao Muro, ao Templo:

„ Servi aos Povos, que Eu vos dou o exemplo. „

E subito os rochedos se despenhão

Das montanhas fragosas:

Ventos, e Mares a levar se empenhão

Faixas mil alterosas,

E de frutos pujante a terra culta  
Pergunta ao Mar donde mais bem resulta.

Subito os Hospitaes se desafrontão

Do peso do tributo:

Já tantos contra a morte auxilios contão,

Que ao ver tamanho fruto

Gritão que o Ceo em dar esta Rainha

Deo tudo quanto em seos thesouros tinha.

Portugal melhor tempo nunca víra ,

Se a nossa alta ventura

Ao Trono João Sexto não subira ;

Filho, que na ternura ,

Nas virtudes d'hum Rei o mesmo he vê-lo,

Que ver a Augusta Mãi dos Reis Modêlo.

Jão nestes Contornos inda os brados

De exultante alegria ,

Com que do Porto os Cidadãos honrados

Celebrarão o dia ,

Que a vez primeira levantára o Sceptro ,

Lyras pulsando com Argivo Plectro,

Inda o Douro as melenas sacudindo

Sobre a arenosa praia

Chama das Ninfas o rebanho lindo,

Manda que Protheo saia

Arcanos do futuro revolvendo ,

Virtudes inauditas predizendo.

E acaso te enganaste, Illustre Douro?

Ah! que ainda não sabias

O valor remontado do thesouro

Que feliz possuias!

Agora sim que seo governo vemos

Mil vezes Semi-Deos lhe chamaremos.

Se elle não fôra, truculento Marte,

Ao teo feroz insulto,

Ruinas dardejando em toda a parte

O chamejante vulto,

Talvez que os nossos Templos, nossos Lares

Em pó voassem pelos tristes ares.

Talvez murchasse a tão soada gloria

Dos Nunos, e Pachecos,

E abafasse huma só funesta Historia

Da Fama tantos echos;

Que a fortuna das Armas, que tivemos,

Não he hum fôro, que nas Armas temos.

Talvez..... Mas João Sexto o fogo apaga

C'o sopro da Prudencia:

O dragão da Discordia aos pés esmaga,

C'o bastão da Sciencia:

A fronte por Minerva illuminada

Mais inda aterra do que á cinta a espada.

Brazão este será, ó Rei supremo,

Que aos vindouros ensine

Onde chegar da gloria pode o extremo :  
Que o premio determine  
Aos Reis, que julgão para o bem da Terra  
A Paz mais util, que a mais util Guerra.

O' Patria, se o teu punho levantasse  
Durador Monumento,  
Que tão heroico feito eternizasse,  
Onde a todo o momento  
João co' a Paz nos braços se adorára  
E não Rei, Deos de Paz se appellidára!

Ao menos tenha a Gratidão em tanto  
Mesquiinho desafoço;  
Mas se a Estatua faltar não falte o canto  
Em Pindarico fogo  
Ardendo immortalize o Luso peito  
Dos Reis o maior Rei, que o Ceo tem feito.

Por Mestres tão sublimes doutrinado  
Recem-nascido Infante,  
Que novo Heroe em Lysia levantado  
Não vai raiar brilhante!  
Renova as pennas desvelada Historia:  
Clarins prompta a sonora Gloria.

Não he prole o Falcão da terna rola:  
Aguias de Aguias se gerão.  
Assim, quem nasce, quem se instrue na Escola,



Que os Lusos Reis erguerão,  
De João Filho, de Maria Neto,  
Ha-de ser como os Pais da Gloria objecto,

Oh! como novos élos alongando

Vão a Regia Cadeia!

Oh! como entre nós outros roborando

Se vai d'hum Rei a ideia!

Entre o Povo, entre o Rei, que aurea harmonia!

Mais feliz hum Mortal onde seria?

Tu foste, Portugal, sempre o primeiro

No Regio acatamento:

O Ceo com graças mil, que he verdadeiro,

Faz ver teo sentimento:

He elle quem teos dias felicita

He quem te faz Credor de tanta dita,

Deleitosa união pintê-se embora

Com lisongeiras côres;

Que por mais que o engenho se afervora

Em sonhos brilhadores,

Perfeita não existe sociedade,

Sem que a governe Sabia Magestade.



ELOGIO

*A S. M. Fidelissima.*

— 1818. —

Saudade cada vez mais insofrida  
No crysol d'amor fino aprimorada,  
Breve pausa ao afôgo presentindo,  
Sobre o mais alto da soada serra  
Das horas a carreira atalaiando  
C'os veladores, almejantes olhos  
Pelos balcoens da Aurora dá rebate.

Abobadado pavilhão nubloso  
Entre as sombras ja raras ver se deixa.  
Já d'arrebol as bibulas cortinas  
Traspassadas a froxo s'apavonão.  
Eis o dia no centro, e logo á força  
D'energicos relampagos de gloria  
O docel, o espaldar esvaecendo  
Em diluvio de luz alaga os orbes,  
Oh dia de João! do Rei dos Lusos!  
Saüdem-te nos Ceos benignos astros!  
Saüdem-te na terra aves e flores!  
Debrucem respeitoso colo os montes!  
Silencio, oh Aquiloens, silencio, oh Mares!

Tabernaculo augusto, oh Natureza,  
Comprazendo-te fausta em seos encomios  
Solemnes roupas roçagantes roja.

Lysia como em teo seio gloria tanta!  
Que digno altar exalçarás em honra!  
Que grato aroma queimarás teo punho!  
O sangue, oh Rei, dos Reis Lição, e Inveja,  
O sangue inda em bulhoens, inda fumante  
Por ti vertido desde o Adour ao Tejo,  
Sangue de corações, que o perdem todo  
Por não perder da lealdade hum ponto,  
A joia he só com que enfeitar ousamos  
No teo Natal teo magestoso trono.  
Transumptos mil d'heroes, d'Heitor, d'Achilles,  
Que dar vida por ti tão bem souberão,  
Vê como nas amêas pendurados,  
Sóes de eterno fulgor teos muros dourão!...  
De mais rico matiz onde ha bandeiras?  
Com mais diffuso, atroador rebombo,  
Pregão do teo poder, onde estrondea?  
Sarcófagos, honroso sacro encerro  
De votadas a Ti mimosas cinzas,  
As aras sejam que enfloremos hoje.  
Oh! que incenso d'alli se expande ao Mundo!  
Quantos sobindo em successivos rolos  
Primores de heroismo em paz, e em guerra!  
Que adorabundas victimas do trono!  
Do geral sorvedouro a nós superstes

Quantas invejas seó bom fado crava!  
Qual aos Reis holocausto he mais aceito!  
Qual citara melhor desfere canto  
Que a taciturna voz destes moimentos!

Que grande o Rei não he quando se escora  
N'hum qual foi este esboroado pulso!  
Oh! se o houvera n'alta Roma Augusto!  
Ou n'Asia Cyro, ou Alexandre em Grécia!...  
Só assim a Real grandeza avulta:  
Qual do Libano o cedro agigantado,  
Qual monte audaz que sobreleva as nuvens.  
Trono em base d'amor he trono eterno.  
Sceptro só de clemencia, de justiça  
Entra nos corações a rogo delles.  
Filtrão-se as leis com o sabór do nectar.  
O que imperio já foi he gosto agora.  
Obdecem como obdecem Lusos

A Rei que he Pai amante, e Pai amado,  
Mais que hum dever cumprir, he sorver todo  
Favo de mel que a liberdade espreme.

Teo Nome, João Sexto, só teo Nome  
Na boca d'hum dos Lusos resoando  
Basta a accender d'amor Vezuvio intenso.  
A idea de quem és sopra em nós outros,  
Faisca que electriza os seios d'alma,  
Que o sangue em ondas faz rever nas faces,  
Que escalda a mente, e que alvorota os pulsos  
Para affrontar por ti mil mortes juntas.

A idea de quem és mais alta sempre  
Ao Globo, que a teos pés, teo Mando roda  
He eixo d'ouro, eixo inconcusso, eterno.  
Huma lagrima só d'um desvalido  
Do teo Manto Real á sombra enxuta  
Com mais affinco o teo Poder robora  
Que o castello roqueiro, bronzea torre.  
Teo Sceptro para erguer-se sobre os Lusos  
Vir d'Affonso, ou dos Ceos, não carecia.  
Tu és Rei per ti mesmo. A Realeza  
No teo Merito augusto inda primeiro  
Se ostenta aos olhos todos, que no sangue.  
Que he ser Rei, não he ser Pastor dos Povos!  
Salva-los de cruentas alimarias!  
Em paz rege-los, abundar seos pastos!  
Dar-lhes livre respiro em ares puros!  
Abrir de largos bens torrentes largas  
Na mansa posse de direitos sacros,  
No atilado resguardo a leis celestes!  
Leis!... Pôde Athenas aventar as tuas?  
E mais que as Leis não pode o teo Exemplo!  
Ha paixão por mais doce á fibra humana  
Que a teos pés conculcada não arqueje!  
A ambição aos Monarchas tão fagueira,  
Tão ceo aberto nos Reaes conceitos,  
Da C'roa afigurada a melhor Pedra,  
Afigurada a melhor Luz do Sceptro,  
O Realce melhor, Grandeza, e Pompa,

Essa mesma não jaz de rasto em ferros!  
Vencedor de ti mesmo não se espelham  
Nos feitos do seo Rei os teos Vassallos!  
Ha ahi costumes mais gentís, mais doces,  
Ha ahi de Leis, d'Archontes menos mingoa  
Do que quando a Virtude está no Trono?

Quantas sublimes Prendas florescêrão  
Desde o primeiro Affonso até á Primeira  
Sempre adoravel, e immortal Maria  
Nessa d'egregios Reis Teia fulgente  
Juntas em ti não reflorescem todas!  
No amplissimo horizonte de teos feitos  
Telescopio haverá de longa mira  
Que ao Sol da tua Gloria mancha aponte!..

Oh! vivas sempre em todo o andar dos annos!  
Não só de bem reinar és o Modelo:  
Na nossa adoração és quasi hum Nume.

Ah! se outra vez afortunada a Europa!...  
Se a America não mais que os cerros d'ouro  
Guardasse para si!.. Se justo o Oceano  
O que o Tejo emprestou rendesse ao Tejo!...  
Ah! Tu és Pai: no peito bem entranhas,  
Bem lá mettes no fundo d'alma os pios,  
Saudosos pios de afastados Orfaons  
No Patrio Ninho de gemer ja roucos.  
Se inda cumpre sem Pai que vivão filhos,  
Cumpra-se o teo Querer, e o seo Destino.

Dulcissima Illusão, Cópia sagrada!

Ao menos tu nos vérté o alento, e a vida,  
Dia dos annos seos solemne Dia  
Tu ao menos de jubilo nos banha:  
Tu ventura cabal em Lysia entorna.  
Honra eterna a João, á Regia Esposa,  
Á Prole Augusta, a seos Augustos Annos!

---

## ELOGIO

### *A El-Rei o Senhor D. João 6.º*

Silencio... Humilhação... Amor... Respeito...  
Eu te adoro, gentil, sagrada Effigie:  
Ao ver-te o coração aos olhos sobe,  
Sobe d'alma o fervor, sobe ella mesma.  
Quanto sou, quanto penso, quanto sinto,  
Tudo se embebe, se extasia, engolfa  
Nos circulos dourados, nos reflexos;  
Que a sempre Augusta Magestade tua,  
Pyramide de luz, dardeja, expande.  
Jão Sexto!... Que gloria!... Em copia mesmo,  
Coração Portuguez, da honra esteio,  
Da fé, do amor ao Rei, do patrio zelo,  
Venerando exemplar, archivo illustre,

Em copia mesmo, quando alcanças vê-lo,  
Quaes teos affectos são! Quaes teos transportes!  
Na face a todos labareda estala,  
Nas veias de tropel vai sangue, e fogo;  
D'acesa gratidão ondas com ondas  
Aos resaltos no peito se amotinão.  
Inda á pouco por ti sangue vertemos,  
Quem nos dera por ti verter mais sangue!  
Por hum Rei que he Rei homem, Rei amigo,  
Rei Pai, Rei todo amor, delicias todo,  
Que bem se perde, se se perde a vida!  
E tão doce prisão, que a ti nos liga,  
Tentava o Monstro lacerar ao meio!  
Ao peito Portuguez provar abalo!  
Contra o zelo a seo Rei sonhar tentamos!  
Oh! raiva! De furor espumão inda  
Entalados da afronta o Douro, o Tejo.  
O Monstro em mil pedaços descosido  
Lá vai aos repelloens de Lysia fóra.  
Novos Pachecos, Albuquerques novos,  
Sousas, Silvas, Coutinhos, Castros, Nunos,  
Leoens avanção, leoens garras, dentes  
Ferrão nas torpes, caudalosas Aguias,  
E os palpitantes, lacerados traços  
De rijo arremeção á força immensa  
Do Tejo aos Pyreneos vão esbarrar-se.  
De lá n'outro empuchão esmigalhados  
Sobre as ondas do Adour dão baque horrendo.



Gloria em torrentes das montanhas róla,  
Gloria ferve em cachoens, trasborda, alaga  
Cidades, Villas, Cortezoens, Pastores.  
Pendoens da liberdade hasteão praças,  
Roupas d'independencia arrastão muros.  
Mais que o Sol no zenith relampagueia  
Desafrontada a Sob'rania illesa.  
O Trono ao Templo congratula os louros,  
Congratula a Victoria o Templo ao Trono.  
Affonso, que as promessas vê cumpridas,  
Que jurara, que ouvio do Ceo as vozes,  
Sorri Affonso no clarão do Olympto:  
E jubilosas cá na terra as cinzas  
Retravando entre si sussurro brando  
Saltar anhelão pelas urnas d'ouro.  
Mas não pára inda assiun o Luso brio;  
Nobre orgulho tremer faz inda os queixos;  
Tão bem nascida colera os semblantes  
De verde e d'amarello tinge ainda.  
Que armas se atrevão contrapôr-se ás nossas:  
Embora.... Nossas armas ja levamos  
Do tumulo do Sol do Sol ao berço;  
Desenrolar porem do arrojo as vellas,  
Athe querer deslealdar os Lusos!  
Oh! raiva! Este descôco, esta insolencia  
O Tempo, a Morte, a Eternidade mesma  
Da memoria raspar não póde nunca.  
Aqui, onde o primeiro dos Monarchas

Se embalou carinhoso, aqui he, onde  
Primeiro sôa da vingança o brado,  
Retumbos do trovão não troão tanto,  
Tremêrão do Universo os Polos ambos,  
Tremeo Lusbel, e o Sceptro, e C'roa sua  
De degráo em degráo do Solio tomba.  
Boreas, que espanca as condensadas turmas  
Foi ver o patrio zelo a ferro e fogo  
Varrendo as bastas insolentes hostes.  
C' a morte nas espaldas mal seguros  
Se escoão de roldão sangrentos restos.  
Aos echos da victoria alvorotados  
Postos em pé o Vistula, o Danubio  
Nova refrega esbravejando gritão =  
„ Portugal esmagou á Hydra as testas,  
„ Cumpre ás outras Nações partir os membros. „  
Disserão, e cumprirão.... Que mais resta?  
Ah! Porque os mares não repassas prompto!  
Porque aos filhos não vens limpar o rosto!  
Oh! que se ás praias d'Ulyssea abordas, \*  
Se inda ver-te hum a vez! .... mas vives, basta:  
Guimaraens da saudade he grave o peso?  
Levanta os olhos..... Aqui tens, respira. —



## ELOGIO

### *Ao anniversario da Archi-Duqueza d'Austria*

O' Paz , ó flor do Olympto , ó Diva excelsa !  
Não só deve acatar-te o Mundo inteiro ,  
O Ceo mesmo colmar-te d'honras deve.  
No rodopío de esbofada guerra  
Desmantelado cabecéa o Globo!  
Fitos os olhos , estirada a guella ,  
Entrado ja na orbita , o momento  
D'engoli-lo d'hum sorvo espreita o Cahos!  
Eis tu possante mettes punho aos Polos ,  
O balanço refreias , o eixo escoras ,  
Harmonia lhe embebes , leis lhe encravas.  
De ti em desdobrada catadupa  
Jorrão bens sobre bens , em ti somente  
A planta social raizes prende.  
Só teo alento lhe fecunda o germen ,  
O tronco lhe frondea , a copa enflora.  
O' Paz , mimo do Ceo , do teo regaço  
Prenda só tua , como vem donoso ,  
Pelos amenos do horisonte alvares  
Espraiando-se fausto , evaporando-se  
Em orvalho dulcissimo , em aromas ,  
Rasto apôs si de magestade , e pompa ,  
Clarão de gloria antecedendo longo ,

Brazão dos Ceos, da natureza esmalte,  
Primor das eras, este augusto Dia!  
„ Sou eu, exclama assiduo, e os astros parão,  
„ Sou eu d'entre milhoens d'infindos evos  
„ Que dei a Leopoldina a luz primeira.,,  
O' Danubio, que nome!... Bem te vejo  
Sacudir madrugada as verdes tranças  
D'algun resto de pó cahido a Marte:  
Pelos ares delir balsamo puro  
Recemfendidos de infectadas Aguias.  
Bem te vejo acoçado inchar o bojo  
Á clangorosa, mosqueada concha;  
Ninfas, Tritoeus arrebanhar de golpe,  
Com elles adorar saudoso Berço,  
Berço, que mil virtudes embalarão,  
Da Heroína sem par, que te esclarece,  
Que rebrilha per si sem os reflexos  
Da torrente lucifera, que espalha  
D'Austria e Lorena o amalgamado Tronco. —  
D'alli se foi, daquella praia ao longe.....  
Marquem vestigios seos padroens de jaspe,  
Cravado n'alma remurmura ainda  
Aquelle adeos suave, heroico, e terno,  
Que a pranto move, mas reprime o pranto,  
Qu'inspira magoas, mas respeito infunde,  
Que affectos leva, mas liçoens nos deixa;  
Aquelle adeos... Vindouros, com que assombro,  
Com que assombro ouvireis troar seos echos!

Bem te vejo... Mas oh! como a teos cultos  
Reune o culto seo o Tejo absorto!  
„ Eis o dia dos seculos inveja,  
„ Honra eterna, retroa sonoro,  
„ Á Vergontea gentil, que brota ovante,  
„ Qu' o Germano esplendor apura, e dobra!  
„ Docel Imperial lhe presta a sombra,  
„ Presta-lhe amiga luz radioso Sceptro:  
„ Mil palmas, louros mil em torno crescem:  
„ Borrasca alli não ha, que o Ceo lhe enturbe,  
„ Nem ousa Eólo suscitar tumultos,  
„ Partilha he sua, efflorescencia eterna,,  
Ei-la nos braços, Jove assim o ordena,  
De Lustros cinco percorrendo os mares;  
Dobrando o colo respeitoso Oceano  
Acceita em paz risonha a turba fervida:  
Da estranha maravilha alvorotado  
Em pé nas ondas o Equador dá vivas,  
Respondem „ viva „ os Hemisferios ambos:  
Na praia surtem de Cabral invento.  
Lá c'hum ramo immortal da sempre clara,  
Sempre adoranda Bragantina 'stirpe  
Se trava, se entre-laça, se entre-aperta;  
Nelle a existencia confundida enleia,  
Nelle respira, nelle a vida alenta.  
Quer dos éros por vir, quer dos ja vindos  
A mais gloria Hymeneu ja não aspira.  
„ Celicolas, diz elle, neste Alcaçar

„ Mais alto , que até qui , me cabe assento ;  
„ A obra rematei da mor grandeza ;  
„ Vinculei para sempre em meos altares  
„ D'Austria a Princeza , e o Principe da Beira.  
„ Hoje he Dia natal d'esta Heroína ;  
„ Para a mão lhe beijar á terra desço....  
Ceos ! que estranho esplendor me cahe na mente !  
Flama divina me faisca n'alma !  
Pisão terra os meos pés , mas ja da terra ,  
Nem pensar , nem sentir deriva agora !  
Salve , quadro immortal ! Verdade , salve !  
Qual se mostra , Janeiro , qual se mostra  
Essa augusta Porção do melhor sangue ,  
De cadeia d'Heroes Anel fulgente ,  
D'Avoengos sceptigeros sem conto ,  
Pasma , Veneração da Europa inteira ,  
Prole d'um Semi-Deos , de Pedro Esposa ?  
De tão excelso gráo descendo , sempre  
A todos meiga , carinhosa , affavel :  
Hombro por hombro a humanidade mede :  
„ Esta maça he commum , acima desta  
„ Só razão clara , só virtude sobe.  
Manto rutila , que a indigencia ampara :  
Não chora a viuvez , não chora o Orfão ,  
Nem desvalido o merito definha.  
Não póde a sombra tolerar do crime ,  
Mas se encara no Reo , divisa o homem.  
Em honra sua acclamaçoens bem ouve

Do Luso, e do Germano Trono dignas.  
Troa o trovão na embandeirada torre:  
Lustrosa em tremolantes galhardetes,  
Empoladas ao vento as velas todas,  
Soberba não no salso argento arfando,  
Respondendo incessante, estrepitosa,  
De bombordo a estibordo he fogo he fumo.  
O rouco trom da esfusiada ronca,  
De serra em serra reverbéra horrendo.  
Larga o cajado o pegureiro incauto,  
Arrancão fuga atordoadas rezes,  
E a pavida donzella ouvidos tapa.  
Terror, e enleio aos olhos marcias filas  
Ante os Paços Reaes relampagueão;  
Entre sonoros retumentos rufos  
Os sagrados pendoens ao chão se acurvão;  
Pelos duros fuzis assacalados  
Successiva alegria em chammas corre;  
E mais ardente nos briosos peitos  
Energico alarido aos astros guinda,  
Mas o viva, que sahe lá da masmorra,  
Pelos ares trepando enfraquecido,  
O viva á protecção, ao Regio amparo,  
Que do leito da dôr mal se esvoaça,  
O viva da desgraça, e da indigencia  
São a seos olhos mais jucundo applauso,  
Mais pompa festival, mais Realeza.  
Verdade, solidez, pensar seguro,

Inexhausta, geral beneficencia,  
Que digna Esposa de tão digno Esposo!  
Do Ceo de Lysia que mais digna estrella!  
Futuro, se os arcanos teos me abrisses!  
Que Rainha! Que Mãi! Que Regia prole!  
Rainha! Oh magoa! Oh perda! ...arcanos fecha...  
A par de Pedro, a par de Leopoldina  
Eterno vivas, João Sexto, vivas.



## ELOGIO

*A El-Rei D. João Sexto*

— 1821. —

Vinde, sentai-vos na Curule eburnea,  
Clarissimos Varoens:... e que! não vedes  
De rosiclor pintado o niveo Globo?  
Do centro d'elle dadivoso Nume  
Das venturas por vir aos Lusitanos,  
Porque digno me crê, m'outorga a Urna.  
  
Ceos! que prodigio! .. hum Monte em dois se rasga!  
Sobre a minha cabeça extasiada



Labareda Heliconia cahe a prumo.  
Amor da Patria; ei-la no peito ainda  
A, que ao nascer me dardejaste, flecha.  
Patria! que doce Nome!... ser teu filho!...  
Eu me ufano, empavono, e devaneio.  
Quem todo a Ti se dá, só esse he Grande,  
He Nobre Cidadão, he Sabio, he Justo.

Oh! que bem que te adita João Sexto,  
Que extremos de fineza, que alardea!  
Bonissimo João, Honra dos Sceptros,  
Filosofo Monarcha, Idolo amavel,  
Que Nome a par do Teo a côr não perde!  
Em que Trono jamais tão altos feitos?  
Deos de ruinas, Deos de fogo, e sangue,  
Bem vejo, que paineis me desenrolas.  
Espada empunho postejando Mouros  
Emulo teu bem reconheço Affonso:  
Limites receiando além dos Mares  
Heroísmo gentil, João Primeiro  
Temerosos Pendoens affinca em Ceuta.  
Africano! Africano! ainda tôa  
Da Fama no Clarim o Quinto Affonso:  
Treme d'horror Alcaçar, treme Arzila,  
E Tangere grilhoens acceita, e beija.  
Neptuno em sanha, Adamastor aos roncós,  
Furor brutal d'estupidos Cocares,  
Teo preconceito, Emmanuel ditoso,

Do arreigado Discurso não des-eixa.  
Qual na mente a correras, tal já corre  
Sobre insolitas ondas estendida,  
D'onde o Sol nasce, até que morre, estrada.  
Inda he pouco: haverá hum Mundo novo!  
Mundo novo a teos pés do Cahos surge.

Mas carecem bons Reis d'alheios Reinos,  
D'estrage de Naçoens, sangrentos loiros!  
Ser grão Monarcha, he ser invicto Cezar?  
Embora.... e quem nos campos de Bellona,  
Mais palmas colhe, que João o Sexto?  
Se cumpre a Lusitania pôr em cobro,  
Se perfida invasão lhe empana o lustre,  
O maximo dos bellicos triunfos  
Não he seo, não nos salva, e salva a Europa,  
Europa, que gemia em luto, em ferros?...  
Estava longe!... mas de longe a idéa  
Mais golpes dava que de perto a espada.

Silencio, que a Razão nos falla agora.  
D'espesso fumo vortices medonhos  
Lá vão rodando alem das Lusas raias.  
Cahe dos olhos o véo, raia a Verdade.  
Que sereno, que fulgido horisonte!  
Tudo he luz, tudo paz, grandeza tudo.  
Grão Rei, já vês quem és, e quem he o Homem.  
Homem dos seres todos he o primeiro

Acima d'Agua, acima do Sol mesmo,  
Senhor de si, livre senhor do Globo:  
Tu és Homem melhor, que os outros Homens.  
(De Rei não desces, quando em homem sobes.)  
Mais, que na tua, na maior ventura,  
Ventura do teu Povo lidas sempre.  
A Vontade, o Pensar lh' espreitas firme,  
Seo Pensar, e Vontade he Regra tua.  
Assim juraste, e assim te exaltas, onde  
Até agora mortal algum se alçára.  
D'altos Monarchas na pomposa Escala  
O primeiro degráo he teu somente.  
Mais, e mais remontando-se o teu Trono  
Vai topetar com as estrelas mesmo.  
Tempestades em roda não remugem,  
Se remugirem, não d'Atlante os hombros,  
Dos Lusos corações hum só te escora,  
Rei, que attenta d'hum Povo á dignidade,  
Que não Vassallos, que respeita Filhos,  
Que habituaes, herdados pundonores  
Á luz adversos do saber sem nuvens,  
Postergando magnanimo levanta  
Mais alto a Lei, do que a Coroa áltiva,  
Não tem par no Universo, he só na terra,  
É faz da terra hum Ceo, de que Elle he o Centro.  
Oh Gloria, eu nado em Gloria... aquellas ondas  
Que respeitosas se enovelão mansas!....  
De ricas velas mosqueado o Pégo!....

No meio campeando Não dourada!...  
Que Não he esta? Quem acolhe dentro?  
A Ventura na prôa vem sentada:  
A Prudencia na pôpa o leme empunha.  
De bombordo a estibordo enfileirados  
Cantando remão divínaes Affectos.  
Alcyónios Dias nas ântenas folgão,  
Qual cardume d'insectos sussorrantes,  
Já Votos, já Prazeres a milhares  
Pelos mastros se enroscão, sobem, descom.  
Que Não he esta!... quem acolhe dentro?  
He Elle... não me engano, he João Sexto.  
O Codigo sagrado, que jurára,  
Com as maons ambas apertando ao peito.  
He Divisa Real... nem já quer outra.  
Lusos vinde, arrojemo-nos aos mares,  
Não sobre os mares, sobre os nossos hombros  
Venha em triumpho o maior Rei do Mundo.

---

*Pregão na Festa dos Estudantes de Guimarães, chamada de S. Nicolai.*

Oh Lysia! oh dos Imperios flor amena!  
Que pouco te importou, que inchado o Sena  
Trasbordando feroz o pezo ingente  
Desenrolasse da tremenda enchente

Sobre teos campos, teos estados, praças  
Rolando em cada onda mil desgraças!  
Que pouco te importou que o feliz Marte  
Que arrázou de Dantzic o baluarte,  
Que ás maiores naçoens arrima o hombro,  
E as maiores Naçoens cobre d'assombro,  
Sobre teos muros trovejasse horrendo,  
Em odio, em vingativa raiva ardendo!  
Heroe tiveste, que os Heroes esmaga,  
Augusto morador da excelsa Plaga,  
Que a frente d'immortal 'splendor matiza;  
E as Estrellas aos pés sagrados piza.  
Mimo de Jehovah, mimo daquelle,  
Que os Orbes todos assoprando impelle;  
Rei dos annos; Senhor da Eternidade,  
Maior, inda maior, que a immensidade?  
Foi elle; ninguém mais, foi, eu o juro  
Quem contra a Gallia ergueo bronzado muro:  
Elle qual Boreas, que o negrume espalha,  
Faz em pedaços a infernal canalha.  
A aguia feroz de sangue tinge a pluma,  
E açoitada na terra em raiva espuma.  
Guimações! Que se segue? o grato fogo  
Em gratos Coraçoes não rompe logo?  
Haverá entre nós algum ingrato,  
Que em culpada inacção fique insensato?  
Não, assim não, será; os seos louvores  
Eu ja passo a ordenar. Rufem os tambores.

A sua Guarda de Honra nós compomos,  
Ministros do seo culto só nós somos;  
Silencio respeitoso... Ordem do dia...  
„ Será sem Lei Escolastica folia.  
As ruas correndo a Juventude solta  
Quanto lhe agrade levará d'envolta.  
O condigno ornamento das janellas  
Damasco não será, serão as Bellas.  
Aos Ginjas que tolherem que ellas fallem  
Mil praxadas nas costas logo estãlem.  
O sordido taful, o audaz Caixeiro  
Que á Função se metter de prasenteiro  
Ha-de limpar-nos com a lingua as botas,  
E levar as costellas meias rotas.  
O Rendeiro a não estar bem preparado  
Ha-de ser no Toural arcabuzado.  
O official maior fica incumbido  
Do que mandamos a mostrar cumprido.  
Cubirão-se as testas, o clarim se emboque.  
Marchemos... O tambor ao Bando toque.,,



*Pregão para a Festa de S. Nicolau, que  
fazem os Estudantes de Guimarães,  
para o anno de 1818.*

Vem, Grande Nicolau, vem do teu trono  
Mostrar que só tu sabes ser patrono.  
A tenra juventude desditosa  
Á sombra da Cadeira carunchosa,  
Qual sombra a quem o sol jamais consola  
Definha, e morre no salão da Escola.  
No mar Tyrrheno, ou no volcão de Troia  
Já a cabeça perdida não vê boia.  
Martello aos golpes na tenaz bigorna  
Verbo, e Caso no ouvido estala, e torna.  
Esgota o sangue, a paciência, o tino  
Tanto genero neutro, e feminino.  
Lá vem Sanches, Vernei, lá vem Prisonio  
Para o nó desatar de Suetonio.  
Mais alto lá do Rostro papagueia  
Apostrophe!... immortal Prosopopea.  
Barbilongo o Senhor Quintiliano  
Com flores para a frase em todo o anno.  
Mal haja a sua magica loquela!  
(Bem rhetoricas dão os pais sem ella)

E qual não trava alli tenaz guerrilha  
Da Razão a chamada melhor Filha!  
Lá vai murro no pobre Sylogismo  
Por hum termo de mais.... Surge do abysmo  
Co' as cangalhas nas ventas Peripato;  
„ Que vai cá nestas eras! que he do pacto,  
„ Que fiz com Autems, Ergos, onde existe?  
„ O moderno Pensar em que consiste?  
Eis n'hum valente Objicitur esbarra,  
E no abysmo outra vez de chofre marra.  
Ai de nós tristes! que fatal açoite!  
Peza arrobas de chumbo cada noite.  
Peza mais do que o Mundo cada dia.  
Só de Ti, Nicolau, vem alegria.  
Só Tu ao coração prestas alento.  
Ha hum anno sem ti, murcho, sedento,  
Coitado!... já se expande, ja resfolga,  
Já vive,... Oh Socios meos, á folga, á folga.  
Dá férias Nicolau: em honra sua  
Nossos festejos veja o Sol, e a Lua.  
Guimaraens toda alastre-se de flores,  
Maons de neve ás baquetas dos tambores,  
Bucéphalos gentis 'spumem, rinchem,  
E jaez pouco airoso fóra pinchem,  
Mil farças, mil visagens appareção,  
As Bellas mais que nunca reflorecção.  
Desta vez Fanatismo cahes por terra,  
Hypocrisia, vai ferir-te a Guerra.



Hoje Archonte não ha insulso e pèco,  
Que tolha das facecias o embelêco.  
Podem as Ninfas de apurado gosto  
Mostrar a bel-prazer seo lindo rosto..  
Tomar hum ramo, fomenta-lo ao peito,  
Como vindo d'Adonis tão perfeito:  
Ou aquelle aceitar insigne pomo,  
Que a Tantos escrever fez mais qu' hum tomo.  
Que gloria ter aos pés hum Estudante  
Finezas de morrer rendendo amante!  
„ Eis aqui, minha Bella, o teo escravo  
„ Faz-me sorver d'amor o doce favo.  
Que gloria não he a tua, oh Sexo amavel,  
Em ouvir confissão tão respeitavel!  
Hum Estudante he a flor da Sociedade,  
Tem graça, tem primor, tem gravidade.  
Tudo o de que ellas tem maior dezejo,  
Nem d'armas lhes fallece o bom manejo.  
Estudante!... sobre tudo neste dia!  
Joia alguem mostrará de mais valia!  
Alguem de tão boçaes, longas orelhas  
Com elle tentará correr parelhas?...  
Ora abi vai a Lei!... tomai sentido:  
Bem alto fallo para ser ouvido.  
Funcção de Nicolau he Funcção nossa.  
Só ella he que os trabalhos nos adoça.  
A ninguem mais se outorga cabimento.  
Se alguem contravier ao mandamento,

Confisco logo da cabeça óca  
Para della em Vallongo fazer troca.  
Pernas, e braços para os caens do açougue;  
Quadra esta pena, como ao gafo-o azougue.  
A Vós da Ronda valoroso Bando;  
Escolta de valor, e bom commando,  
A Vós, a quem nenhuma força vence,  
Deste Decreto o = *Cumpra-se* = pertence.  
Viva, e reviva o lepido Estudante...  
O Rendeiro que estoure, que he tratante.



*Outro Pregão para 1819.*

Que viva!... eis finda o Sol tamanha volta...  
Correo os Signos doze á redea solta,  
Mas essa para os Mais. veloz carreira  
Para Nós foi tristonha vida inteira.  
Que viva!... que a Funcção dos Estudantes  
Ei-la torna galharda como d'antes!  
Ai de Ti, Guimaraens, ai que seria  
Se não fôra a Grandeza deste Dia!  
Não he ja outro de mais guapa fronte  
Este que em torno vemos horisonte!  
Matiz de nova côr não traja a Terra!

Écos de gloria não rebomba a Serra!  
Por maons calosas até aqui ferida  
Não vai hoje o tambor todo garrido  
Ao ver-se em maons de neve, maons mimosas  
Dignas só de esfolhar jasmins, e rosas!  
Não se afadigão já pelas janellas  
Em tremulo reflexo como estrellas  
Os olhos de formosas Dulcineas  
Setas d'ouro apontando ás nossas veias!  
Por ser na Villa, e ser nos ao-redores  
Dia de Nicolau, Dia d'Amores!  
Que esperaes, claros Filhos de Minerva!  
Erga-se o remoinho, a guerra ferva.  
Do arruido estremeça a praça, a rua,  
Folgança, e mais folgança nua, e crua.  
Hoje hão de remoer de raiva os Bonzos,  
Quaes perros gemem co' a ferruge os gonzos....  
Vêde como já foge para os matos  
Estupida caterva de insensatos.  
Do Escolastico açoute sacudidos  
Urrão aqui, alli d'horror tranzidos....  
E que pensavas tu, boçal basbaque,  
Que na cachola vãa forjando ataque  
Áquella, a esta Dama presumias  
Iguaes a Nós fazer cavallarias?  
O quê? sem pagar fôro á Palmatoria  
De Venus aspirar ao Cinto, á Gloria!  
Tu és, Crastino Dia, o Varredoiro

De tanta vil relé, tanto besouro.  
Resurge Aurora Sexta de Dezembro:  
Dos saons arranca o gangrenado membro.  
Das maons não largues válida joeira.,  
Que ha muito jofo, que enxotar na eira.  
Quem soffrerá hum parvo encodeado  
Porque ao Domingo sahe embonecrado  
Todo em bicos de pés, todo farfante  
De Braga seja vindo, ou d'Amarante, \*  
Porque lhe deo na tonta andar á moda  
Querer com Estudantes fazer roda?  
Querer armar das Damas á conquista  
Sonhando que não ha quem lhe resista?  
E como se espenica!... se espaneja!...  
Ao Norte como, como ao Sul bordeja!...  
Ámanhã o verás pateta bronco  
Quando a manopla te alimpar o monco.  
Não te lembrava este tumendo Dia?  
Nem palavra, nem huma cortezia,  
Se consente ámanhãa: ou seja pobre  
A Dama, ou seja rica, humilde, ou nobre,  
De qualquer geração que a Arvore seja,  
Ou só propria d'Heroes como a Palmeira,  
Ou de todos commum como a Oliveira, \*

---

\* Moço Çapateiro tal qual o pinta o A.

\* Allude á Oliveira, mulher publica de Guimaraens.

Tudo he só nosso, tudo he reservado  
Ao Filho de Minerva encarretado,  
Lei primorosa! Lei sublime, augusta,  
Que tantas lidas, e suor nos custa!  
Premio dos premios mais que o Nectar doce  
És oh Sacro Direito, e antiga Posse:  
E então hade perder-se?... O sol primeiro  
Nos bigodes d'hum Turco prisioneiro  
Estrebuchar veremos qual na tea  
D'Aranha a mosca até morrer pernea.  
Temos fino *couteau* tão cortadoiro,  
Que apenas apontado estira hum toiro.  
Temos lança Achillea, Herculea clava  
Catapulta feroz, Balista brava.  
Ha largo Chafariz para o mergulho,  
Ha sobejos torroens para o entulho.  
Escolastico murro o queixo escacha,  
Hum pontapé ao meio as costas racha.  
D'altas vinganças o momento he este.  
Tremei, Casquilhos... se esta Tropa investe...  
Austro, nem Aquilão não cahe mais forte  
Das nuvens entre a horrisona cohorte.  
Nicolau sim quer paz, mas quer respeito:  
Quer sempre elle só ver nosso direito.  
Quer a ponto ver pagas as medidas  
Co' aquellas honras, que nos são devidas.  
Qual pisco ao ver a rubra ventoinha  
Quer que ao Rendeiro trema a passarinha

Mal que á Renda n'hum Coche tremebunda  
Chegar Sua Excellencia rubicunda, \*  
Seja assim, Guimaraëns, Villa formosa.  
Façamos todos a Função gostosa.  
Ouça alegre a Manhãa, a Tarde, a Noite  
Sempre folgaz, não justiceiro açoite.  
Por honra tua, e bem do teo toutiço  
Assiste com mudez, e olhar submisso.  
Tal he deste Pregão toda a materia.  
Sentido oh lá!... depois não haja léria.  
Só fallar pode a Moça esbelta, e linda,  
Que por muito que falle, he pouco ainda.



*Outro Pregão para 1822.*

Tudo em torno de Nós, tudo he ventura.  
Surgimos da mais torpe sepultura.  
A campa de tremenda opacidade,  
Que abafava a Razão, a Liberdade  
Estalou por cem partes: nós já somos

---

\* He hum Cureiro da Collegiada vestido de Cardeal, em cuja presença se reparte a Renda aos Estudantes.

Nação d'Heroes, como outr'ora fomos.  
E a quem senão a ti, Nicolau Santo,  
A quem senão a ti se deve tanto?  
Tu nos despiste dos grilhoens os pulsos;  
Tu déste ao coração nobres impulsos.  
Dos Sábios Prôrector Sabios armaste;  
Com elles a Victoria coroaste.  
Leis nascidas no Ceo mandaste á Terra:  
O Mundo agora hum Paraíso encerra.  
He Portugal, . . . . qh Reino venturoso,  
Como te ergues ufano e glorioso!  
Todos a Nicolau devem dar graças,  
Porque elle anniquilou geraes desgraças.  
Mas tu, ó bella, Illustre Juventude,  
Que a Sapiencia cultivas, e a Virtude,  
Tu que já da mais alta antiguidade  
Usas especial festividade  
Para honrar Nicolau, qual neste dia  
Não se deve ostentar tua alegria?  
Onde acharás magnifico festejo  
Igual ao teu vivissimo dezejo?  
Aqui, alli exaltarás vistosos  
D'Emblemas cheios arcos magestosos!  
Carroças de triumpho adamascadas  
D'instrumentos sonoros carregadas  
Pelas ruas com pompa irão rolando  
Os olhos, os ouvidos encantandõ!  
Ingenhosos foguetes crepitantes!

Pintadas luminarias scintilantes!  
Ah! Tudo he pouco: a Gratidão no peito  
Regozijo demanda mais perfeito.  
Huma idea só ha que satisfaça;  
Só ella fecha em si grandesa, e graça.  
Sois vós, ó Sexo amavel, vós ó Bellas,  
Do mundo social ricas estrellas,  
Sois vós, que de maons dadas c'o Estudante  
A Função mais completa, mais brilhante,  
Qual nunca se tem visto, fazeis hoje.  
Vinde ligeiras porque o tempo foge:  
Deixai os vossos fastiosos lares,  
Vinde livres folgar em livres ares.  
Eis de myrtho ja promptas cem capellas,  
Festoens das flores mais gentis, mais bellas.  
Adornadas assim, assim floridas,  
Quaes as Ninfas de Venus mais queridas,  
Que dança festival não travaremos?  
C'os pés, co' as niveas maons eia, exultemo:  
Caia hum pouco no hombro o airoso rosto,  
Resumbrando na côr ternura, e gosto,  
C'os ventos fogem os cabellos d'ouro  
Por entre as rosas, e o viçoso louro.  
A furto ás vezes no travado enleio  
O seio delle toque d'ella o seio.  
Palpite o coração, core-se a face,  
Ou desmaio subtil a côr embace.  
Agora sim: mil vivas revoando



Com pleno gosto os pechos vão tocando:  
Nosso dezejo agora he satisfeito:  
Isto sim he prazer, : prazer perfeito.  
He funcção sem igual, funcção d'arromba,  
Aqui reviras tu, Inveja, a tromba.  
Aqui, oh Caixeirinho, que pensavas,  
Que hoje ão mel d'Amor favas chupavas,  
Qual na força da calma hum figo pêco,  
Morres mil vezes por lamber em sêco.  
Coitado! porém queixa-te da sorte:  
Sempre o fraco cedeo ao que he mais forte.  
Oh! como Dulcinêa bem se enlaça!  
Em Amaryllis que donaire e graça!  
Ferva a dança outra vez: os altos feitos  
De Nicolau cantemos satisfeitos.  
Libertou Portugal do Despotismo.  
Sumio rançosas leis no horror do abysmo.  
Eia, Turba escolastica, em memoria  
Façamos Guimaraens nadar em gloria.  
Mas não turve este gosto audaz pedante,  
Que, se o fez, feito em pó he n'hum instante.  
Temos lei: ignorancia não se alegue:  
Para que esta noticia a todos chegue,  
He que á voz do tambor, que vai troando,  
Vou eu ao ar este Pregão lançando.



## EPINÍCIO.

Onde do Cancro o Tropico he trasposto,  
E do Austral o Imperio origem toma  
O vento mudõ, em suspensão as ondas,  
N'hum extasi os Delfins, sobre hum rochedo,  
Obelisco do mar talvez primevo,,  
Harmonicos primõres gorgoeando,  
Serêa Americana assim cantava:  
„ Vem, dourado baixel, desdobra as azas,  
„ Vem d'alta Gloria magestoso Nuncio:  
„ He seculo o momento, em que não chega  
„ Do melhor Rei o Sim ao melhor Povo.  
„ Não vens de Colchos; Velocino d'ouro  
„ Da Grecia espanto, não ancêa Lysia.  
„ Da Olympia Zona a Prometheo devassa  
„ Não desces rico d'altaneira prenda;  
„ Lume dos Astros não perfaz seos votos.  
„ Thesouro de venturas nunca extincto,  
„ Urna adoravel de propicios Fados,  
„ Gloria sem termo a Geraçoens sem termo,  
„ Diploma Augusto da Sapiencia Fonte,  
„ O amor d'hum Rei em sùmmula transcripto,  
„ O Real Coração, que na ternura,  
„ Na Grandesa Longanime extra-alcance

„ Da humana esfera só a Jove cede ,  
„ Baixel soberbo no teo bojo encerras.  
„ Voa em cima das ondas , voa , voa.  
„ Já rubra a face , afogueados olhos ,  
„ Em coche d'ouro do Oceano á boca  
„ Almejando por ti te espera o Tejo.  
„ Rompe já dos Castellos igneo fumo ;  
„ Pelos Mastros das Náos empavezadas  
„ Matizados Pendoens c'os ventos folgão.  
„ Portugal! Portugal! Oh Flor dos Reinos!  
„ Todo o prazer do Ceo chove em teo seio.  
„ Não cabes em ti mesmo , exulta , exulta.  
„ Do teo Rei a vontade he só a tua.  
„ Tu imperas no Rei , que em ti impera .  
„ Por milagre d'amor és Rei , e és Povo.  
„ Só mede a Eternidade os teos limites.  
„ He Grandeza do Ceo tua Grandeza . „

Fez pausa a diviníssima Cantora ,  
E dentro já da apavonada nuvem  
Solta ainda esta voz „ Baixel ufano ,  
„ Voa em cima das ondas , voa , voa . „

---

Recitado pelo irmão de Francisco Barroso Pereira na  
noite de 5 de Maio de 1821 por occasião do festejo ao Ju-  
ramento da Constituição; que deo no Rio de Janeiro El-Rei  
D. João 6.º , e annunciando a sua vinda para Portugal.

\* Esta peça , e a outra que principia = O Codigó

## EPITHALAMIO

*Por occasião das Desposorios de D. F....  
com o Medico F....*

Genio immortal, doce Amizade, salve.  
Que demandas de mim! o sangue! a vida!...  
„ Quero que ostentes de bons versos hoje:  
„ Este que empunho tremolante raio  
„ Da quarta Esphera gentilmente brota:  
„ O Delio Numen, que passeia os Signos,

---

immortal que sobranceiro =, e a 3.<sup>a</sup> que principia = Vinde,  
sentai-vos na Curule eburnea =, que forão pedidas a ins-  
tancia de pessoas de muita anthoridade, e de obrigação para  
os meos sentimentos, forão escritas no tempo da Constituição,  
em que não era possivel escrever de outra maneira; v. g.  
na Ode aos annos d'El-Rei disse eu = Habituaes, herdados,  
pondonores postergando altivo =, e hoje diria, em vez de  
= pondonores = direitos. Na peça = Congratulação = a es-  
sencia da peça toda a faço consistir no gosto, que Portu-  
gal concehe, por ver que seo Rei approvára, e jurára a  
Constituição, donde he clara a conclusão, de que os Por-  
tuguezes sem a vontade do seo Rei nada querem. Afóra as  
obras deste tempo bem se pode colligir de resto quaes são  
os genuinos sentimentos do A.

„ No seo peito o gero: ei-lo to envia.  
„ Queime-te o coração fogo tão nobre;  
„ Aturdido de espanto o Mundo escute  
„ Cantares de Hymeneu tão alto a gloria. „  
Prompto obedeço; aos ares me abalanço.  
Nas azas da escaldada Fantasia  
Não só se altea o auri-plume Cisne,  
Que o Bosphoro gemente soto-punha.  
Milagroso poder possues, oh Estro!  
Aguia dobrando as esforçadas guias  
Não vinga o alto, que eu agora vingo.  
Túrgidos monstros da vaidade escravos,  
Idólatras do orgulho, da soberba,  
Os olhos envesgai, ardei de inveja.  
Mal vos extremo a subrojar no lodo.  
Que distancia entre mim, e vós medea!  
Eu entre os Deoses todo luz, e gloria,  
Folheio arcanos, penetraes devasso.  
Serve-me hum Genio, que ante mim precorre:  
Da mais reclusa, respeitosa sala  
Jove lhe confiou as chaves d'ouro.  
Sobre lustrosas immortaes Visagras  
Gemem rolando as diamantinas portas.  
Tudo a meos passos se franqueia... eu entro.  
Eu entro!.. que prodigio! os olhos vagos  
Em assombroso Labyrinto ondeão....  
Deoses aqui, e ali.... Coros de Numes....  
Desencerra-se o veo: Jove apparece ....

Revolto em fumo, rico aroma vòa,  
'Spumoso nectar pelo ar goteja.  
Eis a Celeste Mensageira se ergue:  
Faz signal a silencio, e feito exclama:  
„ Oh do Olimpo famosos moradores:  
„ Jove quer repartir devidos premios;  
„ Quem digno se julgar feitos exponha: „  
Muitos querem fallar, mas vence aquella;  
He a Deoza da Attracção, dêmos ouvidos.  
„ E quem, oh Jove, mais do que eu te serve?  
„ Não mais: sou a Attracção, isto me basta.  
„ Folhea a Historia do nascente Mundo.  
„ N'hum tenebroso mar jazia tudo,  
„ Informes da materia os elementos  
„ Em contenda feroz se repellião.  
„ Da luz fugia a luz, da terra a terra.  
„ Monstruoso Embrião surgio do Nada.  
„ Então emboco estrepitosa tuba;  
„ Da confusão se desembrulha logo  
„ Espantada d'ouvir-me a Natureza.  
„ Desvairados os Entes approximo:  
„ Atomos huns aos outros encadeio:  
„ Formas dou, laços teço, leis prescrevo;  
„ Balizas marco ao torbilhão das ondas:  
„ Valles no fundo das montanhas pousa:  
„ Sementes crio, crio flores, fructos:  
„ Invólucro ao terrestre Globo estendo:  
„ Ondas de fogo sobre fogo enrolo,

„ D'onde Planetas, d'onde Estrellas brotão :  
„ D'aqui as Estaçoens, d'aqui o dia.  
„ Da perfeição, que tens nas obras tuas.  
„ Eu sou e ninguem mais, eu sou autora.  
„ Que mais desejas, Celestial Monarcha !  
Feitos da Sympathia.... Esta responde:  
„ Serviços dignos d'elle, e de mim dignos.  
„ Não nego que a Attractão com mão robusta  
„ Em vez do Cahos concertára a ordem,  
„ Mas sempre agrihoou grosseiras maçãs:  
„ Só brutas maçãs subjugou triunfante.  
„ Eu mais útil empresa audaz commetto.  
„ Ao Iman não arrastro o duro ferro:  
„ Convoco os Coraçõens ao doce enleio:  
„ Homens selvagens. homens torno puros:  
„ Affectos com affectos emparelho:  
„ Em doce paz ideias equilibrio:  
„ Desvanço o feroz character rude:  
„ Semeio afagos, harmonia assento.  
„ Decide agora tu, Juiz Excelso ;  
„ Se os homens prézas mais que os outros entes,  
„ Meos serviços tambem prezar mais deves.  
„ E se a extrema fineza ouvir desejas,  
„ Fui quem Anarda aproximou d'Alcino,  
Jove quasi annuo; porem raivoso,  
Batendo c'hũa seta Amor no solio  
Lá grita c'hũa voz amarga, e forte:  
„ Do Mundo a vida n'estas mãos encerro.

„ Que! Sem Amor o Mundo viveria!  
„ Que emporta que Elementos se amalgamem,  
„ Que rebentem as flores, Astros brilhem:  
„ Se falta Amor á Terra o Calos torna.  
„ Podes muito Attração: porem qu'importa,  
„ Se do teo cego impulso o gosto he longe?  
„ Nem tu, ó Sympathia, te empavones:  
„ Sim, trazes a se unir remotos peitos,  
„ Duas distantes avisinhas almas:  
„ Mas no começo fica sempre a obra;  
„ Mais nada fazes, tudo o mais eu faço:  
„ Eu douro essa união, eu a prospéro,  
„ Eu venho de prazeres coroa-la:  
„ Apenas abres hua estrada rude,  
„ Eu a aplano, eu a alizo, eu a amacio,  
„ Eu de mil flores a alcatifo, e bórdo.  
„ União sem Amor he fugitiva,  
„ Hum momento a conclue, outro a dissipa;  
„ Hum encontro a gerou, hum sopro a leva.  
„ Podes unir, mas deleitar não podes;  
„ Podes, confesso, afugentar o odio;  
„ O leite he só meo, he obra minha;  
„ Nasce d'hum beijo, d'hum abraço, hum mimo,  
„ De altos segredos, que os amantes sabem.  
„ Testemunha tu, Jove; tu me abona.  
„ Que nova gloria aferventou tua alma  
„ Quando em teos hombros collocastè Europa?...  
„ Mas o remate de meos feitos ouve,



„ Dos meos serviços o maior contempla ,  
„ Baxa os olhos á terra, a terra espreita :  
„ Vê que illustre união! que honroso enleio!  
„ Anarda, Alcino em hum estreito abraço!...  
„ Que scena, oh Deozes! que invejada scena!  
„ Esta empreza, quem sou assás pregóa.  
„ Dos que te servem sou o Deos mais util,  
„ Se doura a gratidão tua grandeza,  
„ Da tua gratidão o premio espero, „  
Mais quizera dizer, mas em tom grave  
O Sagrado Hymeneu o atalha, e clama :  
„ Não te engrandeças mais, Filho de Venus;  
„ Quanto podes no mundo reconheço;  
„ Ou Deoses, ou Mortaes, tudo avassallas;  
„ Franqueas ao prazer douradas portas:  
„ Mas no alcance dos bens que males feryem!  
„ Teos frutos a final são amargosos:  
„ Mimoso véo gentil serpes abata;  
„ No calix do prazer ondea a morte:  
„ Quantas vezes, Amor, tal fogo accendes,  
„ Que depois vai mirrar Palacios, Templos!  
„ Quantas vezes da pyra não resalta  
„ Faisca mais fatal, mais perniciosa,  
„ Que a que rebenta do Mavorcio facho!  
„ Certo prazeres dás, mas o fastio  
„ He a coroa final dos teos prazeres.  
„ Gostos, que não se murchão, não definhão,  
„ São os gostos por mim santificados:

„ Eu abenço os sazonados fructos,  
„ Eu eterno prazer nos peitos planto;  
„ Eu Ventura immortal dos Ceos derivo:  
„ A raiz dos meos bens no Ceo he posta.  
„ Oh Deos, dos Deoses Pai, tu me defende;  
„ Que suaves delicias não te engolfão  
„ Des que teo braço uni de Juno ao braço?  
„ A ditosa união, em que Amor falla,  
„ A união da linda Anarda a mim pertence;  
„ Se Amor a aferventou; eu a eternizo,  
„ Eu a engrandeço, condecoro, exalto;  
„ Não vacilles, o premio a mim só cabe.  
Jove intenta fallar; silencio augusto..  
„ Pois bem: premiarei os quatro Deoses,  
„ Porçoens repartirei iguaes aos feitos;  
„ Mais que Amor, Hymeneu será attendido,  
„ Sympathia, e Attraction menos ainda.  
„ Mas primeiro que tudo cumpre agora  
„ Aos dous Esposos celebrar as ditas.  
„ Qual de vós a cadente Lira toma? „  
Eis-me, vate immortal, ao canto prompto;  
Perdoem Deoses, e perdoa Jove.

Nas azas d'Amizade suspendido,  
Da chamma que m'influe incendiado,  
Posso entre os Deoses desfaldar meos Hymnos;  
Posso cantos abrir do Olympo dignos.  
Abobadas eternas escutai-me.  
Anarda deo a mão ao terno Alcino,

Retumbem altos brados d'alegria;  
Entôa, ó lyra, tão pomposo dia.  
Anarda, Mai das Graças, da Belleza,  
Alcino, Honra, e Primor da Natureza  
Do Sagrado Hymeneu nos rozeos braços  
Eternos cerrão venturosos laços.

Anarda, eu te saúdo, eu curvo a fronte.  
Como te vejo tão viçosa, e bella!  
A verde mocidade mal rebenta  
Pelos teos labios, pelas faces tuas.  
Nunca Amor recolheo no seo Thesouro  
Fructo mais temporão, mimoso, e tenro.  
Nos teos olhos; nos gestos, nos discursos,  
Do berço a graça virginal pullula.  
Melindroso cristal sempre brilhante,  
Jámais te bafejou do crime o sôpro.  
Por mais que aguda vista apure a mira.  
De nodoa nem hum só signal se encontra.  
Da virtude nas mãos Amor te nasce,  
Da virtude nas mãos Amor rematas.  
A primeira paixão, que te acommette  
He a ultima paixão, que te acompanha.  
Teo nobre coração teve hum só Dono,  
Amaste, e quem amaste he teo Esposo.  
Se déste o Coração, logo a mão déste.  
Só Alcino beber vai os teos mimos...  
Oh! ditoso mortal, tanta ventura

Quantas invejas não semea, e crava!  
Retumbem altos brados de alegria,  
Entôa ó Lyra tão pomposo dia.  
Anarda, Mai das Graças, da Belleza,  
Alcino, Honra e Primor da Natureza,  
Do Sagrado Hymeneu nos rozeos braços  
Eternos cerrão venturosos laços.

Oh ditoso Mortal, ditoso Alcino!  
Tu das margens vieste do Mondego  
Aos miseros pastores deste Clima,  
Roubar a melhor flor, o melhor Astro.  
Flor mais viçosa não matiza os Campos;  
Estrella mais intacta o Ceo não doura.  
Compraz-te, que he razão, com tanta glória:  
Tóme-te o peito racional vaidade:  
Formosura enlaçada co'a pureza!  
Perfeição no semblante, e em todo o resto!...  
Talvez muitos não gozem, mas tu gozas.  
Attenta Alcino bem, gozas Anarda,  
Fructo da educação mais pura, e santa.  
Seos Pais, que os sentimentos lh'inspirarão,  
Ao vê-la tão amante, e virtuosa,  
As lagrimas lhe vem do rosto em fio.  
A ternura do Pai, da Mai o afago  
Em suspiros de gosto se evaporão.  
Attenta, Alcino, bem, elles t'a dão,  
Dando-te Anarda, dão-te o sangue, e a vida.

Ah trata bem .seo sangue, a vida trata,  
Desta planta, que põem á sombra tua,  
Aos Pais, ao justo Ceo és responsavel.  
Empenha o teo bom genio, a honra empenha,  
Toda a tua virtude empenha, esgota....  
Mas oh delirio meo! perdôa Alcino,  
Perdôa o zelo meo, os meos desejos:  
És sabio, o teo dever assás conheces;  
Assás da Probidade as Leis revolves;  
O bem de que és Senhor, assás estimas;  
Ao que he digno d'amor, amar bem sabes:  
A Razão t'illumina, Amor te escuta,  
Sempre Minerva te enlourou a fronte,  
Sempre o bom gosto te morou no peito.  
De ti só gloria, só prazer espero...  
Aqui, ó Jove, ponho termo ao canto:  
Cantem os Deoses, que eu não posso tanto.  
Retumbem altos brados de alegria;  
Entoem Lyras tão pomposo dia.  
Anarda, Mai das Graças, da Belleza,  
Alcino, Honra e Primor da Natureza,  
Do Sagrado Hymeneu nos rozeos braços  
Eternos cerrão venturosos laços.



*A' Senhora D. Joaquina Maria da Conceição Lapinha. (em Coimbra)*

CANÇÃO.

Lá vai dizendo adeos : oh Ceos ! que escuto !

Verdejantes campinas,

Como vos não toldaes de espesso luto !

Ingratas agoas, como cristalinas

Vos vejo inda correr, correr serenas !

Como á força de penas

Não estalas tremendo, ó Ponte dura !

Onde estás, que não vens, ó noite escura !

§

Lá vai dizendo adeos ! Alcina parte !

A meos olhos se esquivava !

E não vem, coração, despedaçar-te

Do voraz monstro a foice decisiva !

E posso a sangue frio dar ouvidos

A seos ternos gemidos !

Ver de longe os acenos extremosos,

Derradeiros signaes d'amor saudosos.

§

Ah! não fujas ainda! Alcina espera,  
Consente, que primeiro  
Arranque do punhal, que amor me déra,  
E n'alma de hum só golpe o crave inteiro.  
A furia, que aos estragos me persuade  
Não he, não he saudade,  
A Desesperação he quem me azeda,  
He quem dos olhos toda a luz me arreda.

§

Longe de mim resquícios d'alegria,  
Longe esperanças de gosto,  
Carregada d'horror a fantazia  
Só negro espectro ondêa ante o meo rosto.  
Fervendo irado contra a irada sorte,  
Meo sangue pede a morte;  
Se respiro, he veneno que respiro;  
Recebe, Alcina, o ultimo suspiro.

§

Mas onde se esconde ella? já a não vejo!...  
Já p'ra mim não existe!...  
Debalde por acha-la inda forcejo!...  
Des'pareceo emfim; ai triste! ai triste!...  
Atando as mãos na desgrenhada fronte,  
Nos olhos viva fonte

De lagrimas ardentes borbulhando  
Eis as Ninfas se carpem ullulando.

§

Arquejando feroz desfaz-se em brados,  
O sensível Mondego;  
Arrepella os cabellos prateados,  
Os braços morde furioso, e cego,  
Furtando-se á tragedia assustadora;  
No horisonte a Aurora  
O manto apavonado recolhendo  
Lá se vai entre nuvens escondendo.

§

E eu, que não merecidos mil favores,  
Gozei d'Alcina bella,  
Na falta de seos mimos, e primores,  
Em que mostro a paixão, que me desvella?  
Oh raio vingador, corre de veras,  
Enroscai-vos ó feras,  
Ensopai no meo sangue os torvos dentes,  
Tragai-me Stígias, lugubres correntes.  
Canção, meos ais saudosos,  
Que já no horror da sepultura ouviste,  
Assim mesmo no tom funebre, e triste,  
Leva d'Alcina aos braços preciosos:  
Saiba, que hum peito grato aos bens, que alcança,  
N'ausencia tem mais viva inda a lembrança.



NENIA.

*A' morte de Marilia na boca de seu Pai.*

Piedade, oh solidão do pranto amiga,  
Piedade, a minha dor vem implorar-te:  
Da turba dos ditosos fugitiva  
Vem no ponto central dos teos horrores  
Dar livre fuga aos comprimidos brados.  
Acolhe a minha dor: ... Ceos! ... já respiro!  
Entalado ate'qui o ancioso peito  
Já largo espaço ao desafoço encontra.  
Desabafados ja meos ais se espalham.

Dos insofridos olhos

Caudaes rebentão represados rios.  
Ciprestes, aparai os meos suspiros;  
Funebres plantas retratai meos males.  
Toldai-vos rochas de saudoso manto:  
Tartarea cerração cerre este bosque.  
Marilia! .. oh nome caro! .. oh doce filha! ..  
Ah scena afflicta que a memoria volve!  
Lá vem, lá vem após de ti a Morte!  
Pende-lhe o alfange do encurvado braço!  
Como se inflama em carniceira raiva!

Que envinagrados, truculentos olhos!  
Que horrisono bater dos rudes queixos!  
Ceos! tu cahes a meos pés!... a mim te encostas!..  
Ei-la te alcança,... ei-la te aponta o ferro.  
Suspende oh bruta Fera... a mim oh Morte...

Ai que o sangue já salta!  
Já range o golpe no rasgado peito!  
Oh dôr! oh ancia! que espectaculo, oh Numes!  
Cada vez mais borbulha o quente sangue..  
Vai-se em pedaços escoando a vida:..  
Hu'a só gota mais apaga o resto.  
Querida Filha, já teo Pai não ouves?

Enfiou-se o semblante,  
Parou a convulsão nos frios membros.  
Ennevoarão-se os olhos,  
O peito não arqueja,  
O halito acabou.

Eis nos meos braços balançando a fronte,  
Só a governa da materia o peso.  
Debalde á sua testa soto-posto  
Rijamente batendo,  
Quer o meo coração romper o peito.  
Debalde a ensopo com esteril pranto,  
Debalde ao Ceo piedoso os olhos ergo.  
Nem a minha afflicção, nem Ceo, ou Terra  
Torna a dar-lhe hum momento  
Para ante-ella perder primeiro a vida.....  
Oh vida! oh peso enorme! tu esmagas,

Tu acabrunhas os sensíveis membros.

Hum Pai, que perde tão amavel Filha

Tolerar-te não póde.

Sem Marilia viver não he ter vida,

He morte, he mais que morte,

Que fazes em reger inda o meo sangue!

Que fazes em mover inda os meos olhos!

De hum Pai desventurado

A desgraça só dobras, só ternura.

Foge, foge de mim... ligeira vóa.

Nada perco em perder-te.

Hum livido cadaver

He mais feliz do q'eu... não sente, eu sinto.

Eu sinto... E que pezar! que angústia acerba!

Que desesperação me queima as carnes!

Que dor me rala, me desfia os nervos!

Oh funesto Hymeneu!

Se tiuha de perder tão doce fruto,

A que fim as cadeias me lançaste!

Antes nunca os Altares te incensára!

E tu, oh Ceo, que os meos afflictos votos

Aparaste cruel em bronzeo escudo,

Se tanto a filha minha ambicionavas,

A que fim de ser Pai me déste a gloria!

Ou porque tanto me entranhaste n'alma

A paternal ternura!

Ternura paternal! que fina espada!

A nome tão infausto

Crivar-se o Coração de golpes sinto;  
Sinto mirrar-me hum turbilhão de raios.  
Ternura paternal! hydra sedenta  
    Com meo peito cosida,  
Que a longos sorvos o meo sangue chupa...  
Que horror! que escuto! que arruido horrendo!  
A Morte a rouca voz empresta aos bronzes!  
    Pelos ares tremóla  
    O pallido clarão  
Das catacumbas ornamento triste.  
Cara Filha, onde vás! quem te arrebatá!  
    Quem te arrastra ao Sepulcro!  
Oh Feretro! inda em ti affinco os olhos:  
    Ao Cadaver que levas  
Junta do Pai o coração saudosó.  
Oh Feretro! conheces o thesouro,  
    Que vás sumir na terra?  
Ah! não, não he Marilia a filha minha,  
He a honra, a obediencia, a probidade,  
He a mestra da virtude, a minha mestra:  
    Nas lições dos deveres  
O primeiro fui eu, depois foi ella,  
    Oh Feretro!... Escondeo-se,  
Ávida a Terra a desatar-lhe corre  
    Os inertes ligames;  
    Ai de mim, que pavor!  
Que sombras, que fantasmas se enovelão!  
Que trémulo rugir de estranhos monstros!

Que horrisono estalar de annosos troncos !  
Que rochedos do alto se despenhão !  
Que desdobradas cataratas troão !  
Que balanço ! que horror por todo o bosque !  
Oh Natureza , desandaste ao Cahos !  
Que he isto ! já meos pés não tem apoio !

A corrente m'os leva ,  
Eu sinto-me nadar n'hum mar de trevas...  
Ah já conheço ! já não sou da Terra.  
He este o Antro da saudade eterna :  
Aqui o pranto mora , a dor , e a mágoa.

Salve , sagrado asylo.  
Graças a quem me abriu tão util róta !  
Aqui sim fartarei o meo tormento.

Aqui por ti , ó Filha ,  
Meo alimento será pranto eterno.



He a colera da morte,  
Que ao peito me bafeja, e o sangue azeda.  
He do Ceo vingador a mão terrivel,  
Que da minha alma no mais terno ponto  
Raios atea, raios solta, e estala;  
Mão que solapa da existencia os eixos,  
Ou talvez os roborava  
Para dar ao tormento mais estejos.

Jozino já não vive!...  
Oh dôr que sobreleva as dôres todas!  
Oh perda que mil mundos não reparão!

Oh vida preciosa,  
Que arrancavas da mão da morte as armas  
Para o fio alongar dos dias nossos!..  
Debalde da intrincada natureza  
Negros misterios se abarreirão fortes;  
Tu devassas o Arcano, e os fados pasmão:  
Oh vida inextimavel!

Deos que em vulto mortal a essencia abafa,  
Parecias na terra,  
Quando sobre as mirradas roxas faces  
De frios moribundos  
Ás maons cheias vazavas  
Da sacrosanta Hygia as taças d'oiro.  
Davas á Esposa o já perdido Esposo,  
O Filho ao terno Pai, o Pai ao Filho:  
Com igual passo, com igual semblante  
Filosofo corrias

Misera choça, adamascado leito.

Ah! triste humanidade!

Minou da Parca o ferro a tua escora:

Os Seculos vindoiros

Atando as maons na testa

Sobre a campa virão mirrar-se em pranto.

Ah Jozino! morreste!

E não fui abraçar-te moribundo!...

E não fui recolher-te o ai extremo!...

Toda esta scena de mim longe passa!...

Só com pranto, com magoas, com suspiros

He que pode salvar-te o teo amigo!...

Oh! Fado, que o roubaste,

Para sempre maldito, ó Fado, sejam!

No teo seio, ó Mondego, no teo seio

He que este golpe receber havia!

Tu és quem me prendeste,

Quem o officio me tolhe mais sagrado.

Oh! toldem-se de negro as aguas tuas!

Rolem de envolta c'o as Estygias ondas!

Revoltos furacoens a paz te roubem!

. Aqui mesmo Jozino

Apertava em meos braços:

Aqui mesmo no horror da fria morte

Pesadas reflexões tecia ás vezes...

Quam depressa cortou teos bellos dias!

Nossas finezas acabárão hoje.

Morreste!.. nunca mais tenho de ver-te,

Nem tens da minha dôr noticia ao menos,  
Nem á custa do sangue de mil vidas

Posso salvar a tua!

Nem posso... Oh Ceos que horror, que borrascosa  
Pejada nuvem atabafa os ares!

Na mortalha da morte o Ceo se embrulha;  
Lampeja apenas a amarella tocha.

Aos seos tremulos raios

Vejo abalar-se hum pavimento ao longe,

Lá se volve hũa Campa, lá se mostra

Da sepultura a tabida garganta.

Entre rolos de vermes, pó, e cinza,

Lá vem roçando a rangedora ossada

Inteiriçado, frigido cadaver.

Ei-lo balança o descalsvado cráneo!

Desengonçados bamboleia os membros!...

Quem és? ... mas lá me acena,

Para o horror do jazigo lá me aponta.

Sim, eu corro; he Jozino,

Eu corro a revolver-me nessas cinzas:

Feliz eu, que inda posso dar-te agora

Huma prova de amigo,

Feliz eu que inda trago meio vivo

Hum terno coração para offerecer-te:

Sem ti o Mundo não prezava em nada.

Eu sim lá tenho do meo sangue ainda

Porçoens queridas, que me rasgão a alma.

Ternissimos Irmaons, Mãi adoravel;



Mas perdoe-me a sagrada natureza,  
Arraste-me a amizade á Sepultura:  
Vivemos ambos, morreremos ambos...  
Das horas o silencio he favoravel...  
Eu vou... eu vou contigo.

---

EPISTOLA

*De Ramos á Faimeir.*

Ah doce Amor! quem dissera,  
Que as letras, que me enviaste,  
Serião duro punhal,  
Que na minha alma cravaste!

”

Quem dissera, que esquecida  
Do meo amante transporte  
Com teo punho lavrarias  
Fatal sentença de morte!

”

Oh como vôou ligeira  
Minha risonha Ventura!  
Que depressa m'abysmei  
No pelago da amargura!

Meo rosto borrifar lhe ordena prestes.  
Erão tres horas da funesta noite,  
Oh noite do mortal despedimento!  
Quando a meos olhos vem pousar o somno,  
Sobre a janella que ao Mondego se abre,  
Onde com ais dilacerava o peito,  
Como quem chora d'hum amigo a ausencia,  
Dos extremos alentos exaurida,  
No esquerdo braço me cahio a fronte.

§

Mas de saudade o coração ralado,  
Bem que os sentidos em lethargo jazem,  
Hum só momento por ventura dorme?  
Então he que a memoria nos embanda  
De espectros frios successivos rolos:  
De hum vortice confuso atordoada  
Huns após outros nos enfia horrores:  
Já hum eterno adeos, já tempestades:  
'Stridor de Boreas, de Neptuno roncoss,  
Rotos os mastros, as antenas rotas,  
Rijos balanços escalando o lenho,  
Pronto a tragar os amarellós Nautas  
Roncador sorvedouro, e já entre elles....  
Longe o agouro, Fantasma, eu te maldigo.  
Então he que no peito a dôr mais viva,  
Represada rebenta impetuosa.

§

Eis a Saudade, de Plutão ministra,  
Roucas pulsando fusquilouras pennas,  
Subito a mão aos meos cabellos lança,  
Retórce-m'os tres vezes regougando,  
Tres me revira, e ao alto me arreбата.  
Envolto em pavilhoens de espessas nuvens  
Vou rodando nos ares, té que solto,  
De golpe á terra me despenha o Monstro.  
Na arêa sou, que lambe o Tejo Augusto.  
Ergue-se aqui abobadada furna,  
Cujo convexo coruchéo, algozo,  
Prolixos mares deseortina ao longe.  
Afouto subo á rocha, o cume vingo,  
Nelle me firmo, nelle espraio os olhos.  
E que vejo! ai de mim! quem nunca o vira!  
Já veleiro baixel se apresta á rota;  
A próa já de longe pondo a mira,  
Ora baqueando a testa, ora surgindo,  
Quer insofrida cavalgar as ondas.  
„ Este o baixel, exclamo furioso,  
„ He este o baixel perfido, que arranca.  
„ O sangue do meo peito, o meo Jozino;  
„ Oh barbaro! que furia desalmada,  
„ Te arrimou tão sacrilega ardileza?  
„ Que entranhas infernaes ha tão malditas,  
„ Que tanta audacia fomentar ousassem!

Ingrata, ao menos escuta  
O adeos de meo Coração:  
Vai, vai... mas sabe que fico  
Morrendo cá de paixão.

„

Quando fores... que tormento!  
Dar a meo Rival a palma:  
Lembra-te que despedaças  
Em mil partes a minha alma.

---

### CANTO NOCTURNO.

*A' partida do Illm.º Snr. José Francisco  
Maciel Monteiro para Pernambuco.*

Navis, quae tibi creditum  
Debes.....  
Reddas incolumem precor,  
Et serves animae dimidium meae.  
— Horat. Od. liv. 1.º Od. 3.ª ver. 5.

„ Das trevas feita abobada medonha,  
„ Só eu, diz o Silencio, só eu reino,  
„ Levando á boca o prepotente dedo,

„ Os mais revoltos Entes amadorno.  
„ Bravo o mar estremecendo embaça.  
„ Os ventos de rondão se escoão mudos.  
„ Marte a lança depõe, Ceres a foice.  
„ Quantas Cidades, quantos longos reinos,  
„ A meo aceno de pavor languecem?  
„ Perdeo-se o movimento, o som perdeo-se;  
„ Concedo apenas, porque assim me cumpre,  
„ Lá sobre a torre aos vigilantes bronzes  
„ Do tempo adusto a compassada marcha,  
„ Alta voz pregoar d'espaco a espaco.  
„ Teme-me o forte, o sabio me respeita,  
„ O sabio mais que todos me idolatra.  
„ Só tu, mortal sacrilego, te arrojas  
„ A traspassar profano os meos preceitos?  
„ Nescio! minha vingança não te assombra?  
„ Justa a dôr, que te rasga, embora seja:  
„ Essê correr de lagrimas a mares,  
„ Esse estrondo de energicos suspiros,  
„ Esse cruzar de mãos, partir de vestes,  
„ Bater das fontes, arrancar das tranças,  
„ Tudo são crimes, que me aggravão n'alma;  
„ Guarda-os longe de mim: o sol os veja.  
„ Mando, obedece, ou a vingar-me parto „  
Bradou-me assim, e d'improviso forja  
De calar minha dôr triunfoso alvitre.  
Servo o mais habil de Morfeo convoca:  
Com fatigante soporada massa

„ Sabes a quanto te abalanças, monstro !  
„ Ouve-o da minha bôca, ouve o teu crime.  
„ Olha no Douro, como são roucos,  
„ Os gemidos dos Orfãos, das Viúvas !  
„ Ceos, que alarido, que entenece os bronzes !  
„ Que rostos se macerão, se definhão !  
„ Quantos olhos correndo sempre em fio !  
„ Quantos de angustia corações se partem !  
„ Olha o Mondego espedaçando as urnas,  
„ Revolvendo na arêa a irada fronte !  
„ Olha o sagrado Tejo como freme !  
„ Ei-lo surge a vingar o affrontamento :  
„ Ei-lo na arêa affinca os pés nervosos,  
„ E as costas d'aço fino á proa aferra :  
„ Retrocede, te diz, infame lenho,  
„ Roubar não ouses á afflictiva Europa  
„ O Nume tutelar dos desgraçados „  
„ Olha como a avareza já se empola,  
„ Que até aqui por Jozino recalcada,  
„ Lá nos antros dos bosques se embalsava :  
„ Hoje o seu trono recupera altiva.  
„ O orgulho foi um ponto, hoje é um mundo.  
„ Ah ! Jozino, faltaste, faltou logo,  
„ Terror aos vícios, á virtude esteio.  
„ Oh barbaro ! és tão duro que os ouvidos  
„ Cerres a tantos ais, tantos lamentos !  
„ Mal haja a terra, que engrossou teu tronco ;  
„ Mal haja o ar, que respirou a rama :

„ Mal haja o fluido , que bebeste outr' hora ,  
„ Mal haja o raio , que do Ceo não veio  
„ Mirrar-te , esboroar-te , anniquilar-te . . . .  
„ Ai ! que os olhos me saltão pelos ares !  
„ Que vejo ! leva-se a ancora... lá foge ,  
„ E Jozino lá vejo , lá me acena...  
„ Adeos , me diz , Adeos... Ventos piedosos...  
„ O' ondas esperai , quero hum momento ,  
„ Hum só momento nos meos braços tê-lo !  
„ Piedosos ventos... amoraveis ondas...  
„ Esperai , que Jozino por mim chama .  
„ Recebe-me ó baixel , quero ir com elle :  
„ Ondas , ventos , estrellas ajudai-me. „  
Disse , e do alto da soberba rocha ,  
Sem tino , de mergulho , ao mar me arrojo :  
Abre-se com estrondo o mar bramando ,  
E circulos sem numero se alastrão .  
Desperta a concussão os meos sentidos .  
Vôa ligeiro o mal seguro somno :  
Engolfado outra vez na dôr immensa ,  
No tormentoso pégo da saudade ,  
Com rouco pranto , com mortaes gemidos ,  
O silencio da Noite a romper tórno .



## ENTHUSIASMO DEVOTO

*Pela Festa do Natal em 1819.*

Silencio oh Povos! Silencio...  
Mudez, Respeito profundo  
Abafe algum tempo as lidas  
O reboição do Mundo.

Nem sulque as ondas a Prôa,  
Nem campos lacere a Enchada  
Extasi divino absorva  
Toda a Machina creada.

No ar livre solta a Ideia  
Arranca veloz carreira...  
Oh! se os sentidos poderão  
Seguir-lhe a luzida esteira!...



Ei-la tanto mar transpondo  
Já pouza na plaga Eóa.... (1)  
Onde estamos!... não he esta  
De Sion a excelsa c'roa!

Aquelle lança de muro  
Não he da Santa Solima!  
Não he Siloe esta Fonte (2)  
Que Ara Sacra tanto estima!

Montanha das Oliveiras  
Não he esta, e o Moia aquelle!  
Aqui não he que a Torrente  
Do Cedron ondas propelle!

---

(1) Figura-se huma Viagem ao Oriente, começando no Monte Sion até Belem, pintando-se os objectos como hoje são, segundo as ultimas noticias do bem conhecido sabio, e viajante Chateaubriand.

(2) Fonte nas fraldas, ou valle immediato a Sion, onde Christo fez o milagre de dar vista ao Cego. Os Levitas aspergião agoa de Siloe sobre o Altar nas Festas dos Tabernaculos cantando = *Haurietis aquas in gaudio de fontibus Salvatoris.* =

Ah! que dita nos espera!  
Mais longe hãa pouco voemos;  
De Misterios profundissimos  
Que scenas encontraremos!

Este dia o rumo ensina.  
Convem Solima deixar:  
Posta só no Austro a mira  
Cumpre o Norte postergar.

Da Judea os altos Serros  
Nos guião pelo Occidente,  
Mar Morto, e Arabicos Montes  
Nos seguem pelo Nascente.

Oh Cidade de David!  
Oh venturosa Belem!  
Hoje de entrar no teo seio  
Haveremos parabem.

Somos na estrada direita,  
Já quasi ás portas batemos:  
Annuncios de que és já perto  
Diante dos olhos temos.

Eis o Rochedo em que Elias  
Das fadigas repouzava ,  
E a Oliveira, a cuja sombra  
O rosto desencalmava.

Agora os campos de Rama.  
Dos Filhos sorte cruel  
Inda parece que chora  
Neste tumulto Rachel. (3)

Vedes este longo Valle  
Pedregoso, avermelhado!  
Figueiras nesta colina,  
Oliveiras d'outro lado!

Reparaes como no meio  
Não alto Monte domina!  
Nelle mora a que buscamos  
Belem, Cidade Divina.

---

(3) Aponta-se ainda em forma de Mesquita o tumulto de Rachel = Vox in Rama audita est, ploratus, & ululatus multus: Rachel plorans filios suos, & noluit consolari, quia non sunt = S. Math. Cap. 2. v. 18. Jerem. Cap. 31. v. 15.

Tudo em torno he solidão,  
Estragos, ruínas, danos:  
Tudo meios nus selvagens,  
Ou descidos Musulmanos.

Tudo he bárbaro por fóra:  
Mas dentro em seo seio a terra  
Oh que Encantos, que Grandezas,  
Que Maravilhas encerra!

Subamos ... somos no Templo  
Em forma de Cruz talhado,  
De Columnas, obra prima  
Do Sinzel Corynthio ornado.

Templo augusto, quantas vezes  
Por bruto ferro aluido,  
E quantas outras aos Astros  
D'entre as ruínas erguido!

Altar dedicado aos Magos  
Nos mostra o alto da Cruz:  
E oh! como do Altar na baze  
Marmorea estrella reluz!

Esta estrella corresponde  
Ao ponto exacto do Ceo  
Em que dos Magos a Estrella,  
A carreira suspendeo...

Mas desçamos sem demora  
Aquella escada espiral:  
Por ella se desce á Gruta  
Que d'hum Deos he Chão Natal.

Já do Orgão magestoso  
Resoa a harmonia rara:  
D'ella o Arabe attrahido  
Seos camêlos desampara.

Coração, que vás tu vêr!  
Podes ter gosto de ti:  
Mas ai! responde primeiro:  
És digno de entrar aqui!

Será d'Alexandre, ou Cyro,  
Ou d'algun Profeta o berço!...  
Ou he do Deos dos Profetas,  
Do Rei dos Reis do Universo!

Lá fóra paixões infames,  
Fataes dilicias do Mundo...  
Cabe aqui só da Innocencia  
A flor, e o nectar jucundo.

Cherubins e Serafins  
Aqui forão a milheiros;  
Se a alguém mais entrar he dado  
He a Christãos verdadeiros.

Ou a mim, que em dor partido,  
Que em pezar rasgado o peito  
Por tanto funesto engodo,  
Tanto erro, tanto máo feito,

Á funda, azul negra chaga,  
Que n'alma se abrio medonha,  
Balsamo venho buscar  
Contra o mal, que m'empeçonha.

Ai! Que horror me toma todo!...  
Como os cabellos se estacão!  
Como convulsos, e frios  
Os membros todos afracão!

Eu ver! Ceos!... E dais-me aos olhos  
Tão mais que muita licença!  
Eu indigna mesquinhez  
Aos pés da Grandeza Immensa!

Eu ver!... sim vejo, eis o marmor,  
Que o Chão, que as Paredes orna:  
Eis as bellezas, que a Mão  
Liberal d'Helena entorna.

Alampadas trinta e duas  
De Monarchas brinde augusto  
O lugar me estremão onde  
Nasceo por essencia o Justo.

Marmor com jaspe embutido  
Argenteo círculo em volta  
Com raios ao centro vindos  
He hum Sol, que raios solta.

No fulgor dos seos contornos  
Diz o letreiro esculpido:  
„ Aqui da Virgem Maria „  
„ Jesus Christo foi nascido. „

Em terra, joelho em terra...  
Por esse Chão nos prostremos,  
Por elle roçando os labios  
Osculos mil arrastemos.

Coração : d'aqui não sahes...  
Onde achar melhor estrella !  
A que eterna te alumia,  
Te esclarece, olha he 'aquella.

Jesus Christo aqui nascido!...  
Foi, foi aqui o Curral,  
Foi alli a Mangedoura  
O bafo do irracional.

Que reflexões, que suscita  
Este Sitio Sacro-santo!  
Vérge a mais altiva Idea  
Ao pezo d'assombro tanto.

Como assim, nascer lh'aprouve  
Dos Ceos, da Terra o Author  
No desprêzo mais obscuro  
No abatimento maior!



O Christo ha quatro mil annos  
Por Profetas promettido,  
Figurado em Ceremonias,  
Por Justos appetecido!

Sello da Eterna Alliança,  
Arco Iris verdadeiro,  
Não esse que as nuvens pintão  
Na materia, e côr grosseiro!

Aquelle Unico que a Deos  
Gloria restitue roubada;  
Que brinda os homens com paz,  
Paz até li não gozada!

Que do Culto exterior  
Rejeita o pomposo fausto,  
Preferindo o culto d'alma  
Ao cruento do Holocausto!

Que do Judeo, e Gentio  
Huma só familia forma,  
Barbaro, e Grego emparelha,  
Scythia e Romano conforma!

Conquistador de Judá,  
D'Israel Libertador!  
Deos Incognito em Athenas!  
Dos Povos Legislador!

Que une a Terra com o Ceo  
A carne santificando,  
A carne em quem a grangrena  
Sem remedio hia lavrando!

Jesus, Gloria do Universo!  
'Splendor Maximo dos Ceos!  
Eterno Filho do Eterno!  
Jesus homem, Jesus Deos!...

E os Ceos então não se abrirão  
Quaes sobre o Sinai outr'ora  
Tecendo de milhoens d'astros  
Estrada rutiladora!

Ao clangor d'aureas trombetas,  
Ao rebombo de trovoens  
Não annunciação os Anjos  
A sua Vinda ás Naçoens!

Tremem do Cenac'lo os eixos  
Mal sentem sua Presença;  
E o Presepe sem abalo  
Acolhe a Grandeza Immensa!

Sim: porque mais a soberba  
Suas victorias não dobre,  
Quiz ser de Cezar escravo,  
Quiz nascer humilde, e pobre.

Quiz ensinar-nos qual he  
A verdadeira grandeza;  
Que cegos nossos sentidos  
Chamão grande o que he baixeza.

Que no gozo dos prazeres  
Assenta mal a ventura  
Porque logo ao encetallos  
Nos trava fêl, e amargura.

Que a Razão he temeraria  
Quando ao Mysterio se arroja;  
Que he só justa, se das azas  
Em honra á Fé se despoja,

Que o das Eras promettido  
Não he Messias carnal  
Seo Culto, Gloria, e Doutrina  
He tudo espiritual.

Em novo Altar, novo Templo  
Poem Victima, e Sacerdote;  
E quem he! He Elle mesmo:  
Porque as fizezas esgote.

Oh amor d'hum Deos só digno!  
Quem te pode apreciar!  
Toda a Eternidade he pouca  
Para tanto amor louvar.

Pullulem dentro em noss'alma  
Novas virtudes tambem;  
De mil paixoes sacrificio  
Complete-se hoje em Belem.

Esteril he quanto vemos:  
Esteril nossa jornada,  
Se por fruto não tiramos  
Huma vida reformada.

Eia honrados Soçios meos :  
Ou sempre aqui nos fixemos ,  
Ou d'hum Deos nascido o affecto  
N'alma jamais apaguemos.

Cantemos Anjos do Ceo ,  
E jámais se julgue assás :  
A Deos Glória nas Alturas ,  
E na Terra aos Homens paz.

---

## DISTICOS

*para a Eça no Funeral de S. Magestade  
a Senhora D. Maria 1.<sup>a</sup>*

### 1

Quereis cifrar , oh Séculos vindoiros ,  
D'immensa história immensa maravilha !  
Cifrai assim : Maria a Sabia , a Justa ,  
Mãe de tal Filho , e de tal Pai a Filha .

### 2

Nunca meos hombros a de ti fiassem ,  
Oceano cruel !... exclama o Tejo...  
E nem ao menos enflorar a Urna  
Negro Fado permite ao meo desejo !

3

Arrasta, Portugal, dobrado luto,  
N'hum mar de pranto he justo as faces molhes;  
Perdeste a melhor Mãi, e no teo seio,  
Sagradas Cinzas nem sequer recolhes!

4

Bronco rochedo á sua voz estala,  
Rompe a testa a montanha, fontes correm,  
Das feras mansa ovelha apaga o rasto,  
Alma Ceres loureja, abrolhos morrem.

5

Em furna escura agrilhoad o crime  
Nunca tão rijo suportou flagello,  
E nunca tão suave o criminoso  
Vio difundir-se o Maternal desvelo.

6

Guimaraens, que primeira foi na Gloria  
D'embalar a nascente Monarchia,  
Primeira he hoje em lamentar a Perda,  
Funesta Perda da immortal Maria.

7

Propicia Estrella foi, a cujo influxo  
No monte o pinho, a faia os Ceos tocava,  
E d'alli para os campos de Neptuno  
Carregado de frutos velejava.

8

Onde quer que soar tão doce nome,  
Onde quer que luzir tão cara imagem,  
Será Pranto, Respeito, Amor, Saudade  
Por seculos sem fim nossa homenagem.

9

Filha, quanto te devo! ... adeos oh Filha!  
Leva este Adeos ao Nume Sempiterno:  
Cala-se a Religião, Maria sóbe  
Do Trono Portuguez ao Trono Eterno.



## HYMNO PATRIOTICO

*Aos Soldados Portuguezes depois da guerra  
peninsular, em 1814.*

Oh sempre claros  
Deoses da Guerra,  
Que encheis a terra  
E o Ceo d'horror:

14

Oh sempre invictos  
Lusos tremendos,  
Raios horrendos  
No Campo hostil.

Com que alvoroço  
Em riso, e em pranto  
Vos vai no manto  
Lysia envolver !

Com que torrentes  
De gratidão  
Remido chão  
Vai alagar !

Ás vossas plantas  
Eis já mil flores ;  
D'aureos labores  
Telas subtis.

Ninfas, Napeas  
Abrem os braços,  
Ternos abraços  
Aprromptão já.



Em remoinho  
Vivas revoão,  
Echos resoão  
D'alto louvor.

Aqui se aponta  
A torre illesa,  
Que avara presa  
Fôra sem vós.

Ali zombando  
Já de ruínas  
Gemem Campinas  
Com frutos mil.

Se o primo alento  
Da terra veio,  
Depois esteio  
Foi vossa Mão.

No molle berço  
A tenra infancia  
Grita com ancia  
Que vós sois Pai,

\*

Encanecido  
Pasmado Velho  
Curvo o joelho  
Arroja ao pó.

E remarcando  
Tanta fortuna ,  
Bem opportuna  
Lagrima cahe.

A Liberdade  
Que espavorida  
N'huma bastida  
Se encurralou ,

Sahindo a campo  
Desafrontada  
A mão sagrada  
Vos quer beijar.

Lá 'stão nas raias  
Sacros Direitos  
Os vossos feitos  
A recontar,

Postos em forma  
Com reverencia  
A continencia  
Querem fazer.

Anhelão gratos  
Ser os primeiros  
Nos verdadeiros  
Sinaes d'amor,

Em aureo coche  
Sentada a Gloria  
Com a Victoria  
Correndo vai.

Seo proprio punho  
Por mil Acçoens  
Bronzeos padroens  
Levanta aos Ceos.

Seo proprio punho  
Orna Muralhas,  
Cunha medalhas,  
Tece paineis.

Ah vinde, vinde  
Bravos Soldados,  
Que suspirados  
Ha tanto sois.

Vinde Guerreiros  
Incomparaveis,  
Inestimaveis  
Heroes sem par.

Heroes que déstes  
Vozes á Lei,  
Á patria Rei  
Ao Mundo a paz.

Vinde engolfar-vos  
No mar de gosto,  
Que está disposto  
A vos cobrir.

Todos amigos,  
Todos irmaos  
Os Cidadaos  
Vos querem ver,

De tantos loiros  
O carregume,  
Nobre ciume  
Das mais Naçoens,

Não vos demore,  
Claros Guerreiros,  
Voai ligeiros,  
Voai, voai.



## COLLOQUIO

*à Virgem das Dores.*

Eis-me oh Virgem a teos pés...  
Antes fogir-te quizerá;  
Mas onde longe de Ti  
De teos olhos me escondêra?

Onde quer que eu m'apresente  
Os meos crimes vão comigo:  
O remorso que me punge  
Priva-me de todo o abrigo.

Eu erguer aos teos meos olhos!  
Eu ao pé do teu Altar!  
He desdouro á tua Imagem,  
He teu Culto profanar.

Com peito de nódoas cheio,  
Com tão negro coração,  
Como insolente me arrójo  
A rogar-te Protecção!

Entrar em tão ricas Vodas  
Sem vestido nupcial!...  
Deves d'aqui afastar-me,  
Não sou digno d'honra tal.

Thesouro das tuas Graças  
Para mim está fechado,  
Porque o fechou por seo gosto  
Meo coração obstinado.

Sim, tens lagrimas que podem  
Amolgar hum marmor duro:  
Eu mesmo me abalo hum pouco  
Mas distrahir-me procuro.

Quando me lembro que és Mãe  
D'hum Filho, que morrer viste,  
D'hum Filho, que era Senhor  
De tudo aquillo que existe:

D'hum Filho, que sem embargo  
Das penas que te causava,  
Por ser nosso fino Amante  
No alto da Cruz se crava:

He verdade que a minha alma  
Naturalmente sensivel  
Bem quizera consolar-te,  
Quanto lhe fôra possivel:

Mas se a Fé, e se a Razão  
Mostrando qual he o meio,  
Me diz que arranque as paixoens  
Que brotão dentro em meo seio.

Bem que d'isso me convença,  
Bem que agradeça o conselho,  
As Paixoens de novo rompem,  
E não dispo o homem velho.

Faço o que fazer não quero :  
O que quero não o faço :  
A Lei do Espirito esqueço :  
Á dos Membros satisfação.

Huma vontade sincera  
Reina ás vezes na minha alma ;  
Mas se chega a Occasião ,  
A Occasião leva a palma,

Feroz dragão do remorso  
Então me roe as entranhas :  
Cahe o pranto, como cahe  
Grosso rio das montanhas.

Mas inutil rio he este,  
Porque as nodoas não me lava ;  
Porque as cinzas não extingue  
Do Volcão que chamejava.

Tudo he 'steril commoção :  
São huns affectos ligeiros ,  
Que cedem logo do crime  
Aos afagos lisongeiros.



Nem devo dizer, Senhora,  
Que eu quero, mas que não posso:  
Com este pretexto o fel  
Dos meos males não adoço.

Posto que a bem regular-se  
Custe assás á liberdade;  
Não culpo só a fraqueza,  
Culpo inda mais a vontade.

Mas oh Virgem, tu és Mãi,  
Mãi d'hum Filho omnipotente:  
Deste attributo parece  
Participas igualmente.

Podes logo se quizeres  
Corrigir minha vontade:  
Eia, faça este milagre  
Tua triste Soledade.



## Á NOVA MESA DE S. TORCATO

*Termo de Guimaraens.*

Do Mar vermelho alem posto na praia,  
Resgatado Israel cantando espraia  
Hymnos sonoros em cadente lyra  
Ao Deos, que o mar em serras dividira,  
E passagem segura ao Povo dando,  
Sobre o inimigo o fez cahir rolando.  
Assim a Renda do Immortal Torcato  
Livre da escravidão, do desbarato  
Por influxos de nova honrada Mesa  
Subindo cada dia a mor grandeza,  
Medrando a par da honra e da Virtude,  
Esmagado a seos pés o int'resse rude,  
Hoje por tantos bens agradecida,  
Em pelagos de Gloria submergida,  
Acatadoras maons ao Ceo levanta,  
E louvores sem fim bradando canta.



## CONGRATULAÇÃO

*recitada em Guimaraens a 3 de Maio de  
1821, por ocasião de prestar ElRei  
o seu consentimento á Constituição.*

O Codigo immortal, que sobranceiro  
Ao vôo excelso de Solon, Lycurgo,  
Mais acima que o Sol, que o Ether puro,  
No mais alto do Olympo se acclamara  
Do Cerebro de Jove Omni-sciente  
Sagrada Emanação, nova Progenie  
A Minerva segunda, o Esforço extremo  
Já tinhas, Portugal, pois que o juraste.  
Já rutilando em remontada esfera  
Vias o Luso a par dos Deoses quasi:  
Do teo ameno Ceo para mais nunca  
Despintado huma vez o Erro, o Crime:  
Debaixo de teos pés que Segurança!  
Dentro do peito que Grandeza d'alma!  
Sobre a cabeça que montoens de Gloria!

E porque então no mar de tantas ditas  
Não soltavas ao vento as velas todas?  
Porque os olhos erguendo á Obra prima

Dos Seculos Assombro, á sempre augusta  
Piramide eternal, que erguêra o Doiro,  
Raiar em tórno de seo cume excelso  
Consumado prazer não vias sempre!

João Sexto, és bom Pai, mas nós bons Filhos:  
Sem ti descahe, desfolha a melhor dita:  
Trava nos labios o mais doce nectar,  
Em quanto o Regio voto, o Sim Augusto...  
Que escuto!... ei-lo já sôa, ei-lo troando  
Pelos Paços Reaes com vivas, vivas.  
Das Varandas volvendo sobre a Praça  
Do Augusto Sim reverberos sonoros  
Quantas delicias, quantas mil venturas  
Milhoens d'ouvidos d'hum só trago bebem?

Eólo, que nos braços ledos o acceita,  
(Jove assim decretára a bem de Lysia)  
Eólo aos ventos centuplica as azas;  
D'hum salto ao Equador, d'outro a Ulyssea,  
A hum tempo os Lusos extasia todos.  
Eis tocado o Zenith da gloria extrema:  
Hum apice não ha, que addir se possa:  
He comnosco o bom Rei, seo Voto he o nosso,  
„ Liberdade, e Razão, Honra, e Virtude,  
„ Da Natureza o jus intacto sempre... „  
E que outra idea a discrição dos Lusos  
Do Modelo dos Reis torjar ousava!

Monarchas do Universo! deste lance,  
Divino lance de João o Sexto,  
Os olhos não tireis, e inveja tende.  
Reinar n'hum Povo livre he que he ter Reino:  
Sobre Escravos reinar he só de Escravos.  
Corôa de Leão não cumpre aos Homens.  
O estrago d'Azia, o Macedonio Raio  
Sobre horror, que bem foi da Natureza,  
Foi a vergonha de seo sabio Mestre.  
Agora sim, na Eternidade agora,  
Portugal venturoso a base assentas:  
Poder não ha que o teu Poder arrote.  
Povo, e Rei n'hum só corpo, huma só vida!...  
O Mundo em seus Annaes jámais encontra  
Povo mais forte, nem mais firme Trono.  
Que mais desejas, Portugal ditoso?  
Nada te resta, Portugal, és tudo.

---

## PROCLAMAÇÃO.

— 1808. —

Às armas, Cidadãos, he tempo, às armas.  
Lysia, a Flor das Naçoens, a Mãe da Gloria,  
A Patria dos Heroes, a nossa Patria

Em triste desamparo, infeliz Orfã,  
Ei-la nas unhas empolgada grita  
De truculentas, sanguinosas Aguias ==  
Filhøs! meo coração arqueja, estala.  
Por momentos se escôa o sangue todo:  
O Trono já cahio! O Sceptro Augusto  
Por compaixão de generosas vagas  
Que lhe dobrárão respeitoso collo,  
N'outro Hemisferio foi dar honra illustre.  
Surta das Cinzas de Cabral a sombra  
A estrada lhe apontou, valei-lhe agora.  
O Templo, ai triste! O Templo bambalea.  
Vai mão subtil as bases solapando,  
Cedo desabão as paredes santas,  
Cedo o Thesouro Celestial... Oh filhos!  
Filhos dos Nunos, Albuquerque, Castros!  
Que val a vida a par do Trono e Templo!  
Não são melindres de fogosa mente,  
Não são de Gabinete ávidos planos,  
Enredados, politicos mysterios,  
Não são faíscas de Troiano incendio;  
Limpa de Nuvens resplandece a causa,  
Sou eu que estou ferida, o Trono, o Templo.  
Ás armas, Cidadãos, he tempo, ás armas.

Quem tem com mais afinco a paz amado?  
Que sacrificios que já fiz por ella!  
Cuidava que a innocencia, que a virtude,

Que a minha rectidão, que a honra minha  
Escudos erão contra a hostil audacia.  
Tudo o Tyranno postergou intruso.  
Torrentes de illusão o Sena entorna.  
Em circulos se alastra ao Tejo, ao Douro.  
Beijando as praias ardiloso finge  
Curvar á terra supplice joelho.  
Eu me dou pressa a recebe-lo affavel.  
Qual terna pomba no meo seio o acolho.  
As portas da opulencia em par abertas,  
Honras, adoraçoens, afagos, mimos...  
Eis de improviso rapido rebenta  
Envolto o monstro em peçonhentas hydras.  
Adeos Razão, Justiça; Adeos Direitos,  
Adeos Leis, Gratidão, tudo o sagrado;  
Nada sou, nada sois, nem jus, nem votos;  
O monstro he Rei, he Deos, o monstro he tudo.  
Aureas campinas, invejados fructos,  
Ricos palacios, sumptuosas torres  
Em negro cahem captiveiro infame,  
Eu mesma em ferros, vós em ferros todos.

A Gloria lia tantos seculos illesa,  
Que de Ourique em relampagos diffusa  
Troando horrenda sobre horrendos p'rigos  
Relumbrante clarão 'sparzira ao Ganges;  
A Gloria que n'hum ponto nasce, e logo  
Cresce igual ao diametro da Terra,

As partes quatro assoberbando ovante;  
A Gloria Lusitana! enfia, embaça...  
Que he isto, filhos meos? Q'espera ainda  
O Luso brio, o denodado esforço,  
Gentil esforço que d'altiva Roma  
Gelára as Aguias de amarello susto!...

Lá remurmurão as sagradas cinzas  
Dos Illustres Varoens da Patria esteios:  
Aqui, ali os tumulos se rasgão;  
A campa vò a pelo ar desfeita;  
Manes de nossos Pais, honrados Martes  
Espada em punho, capacete á testa  
Portugal! Portugal! na boca e peito,  
Eis no meio de vós enfileirados  
Indomitos leões bramando accesos,  
„ Ás armas, Cidadãos, he tempo, ás armas.

„ A Patria o pede, pede-o o Trono e Templo.  
„ As Lusas Quinas que do Ceo descêrão,  
„ Que em nossos braços floreárão sempre,  
„ Hão de arrastar-se, hão de volver-se em terra?  
„ O sangue que aos bolhoens espadanamos,  
„ Tingindo o chão, tingindo Rios, Mares,  
„ Será de infamia monumento eterno  
„ A desbriosos, despejados Netos?  
„ Oh cinzas, se assim he, gloriosas cinzas,  
„ Revolidas em fêrvido remoínho



„ Atirai-vos de golpe além dos mares.

Ai! Não, oh caras, venerandas Sombras!  
Nós somos Lusos, somos dignos filhos.  
Lysia, querida Mãi, enchuga o pranto,  
Adorna as tranças, desgrenhadas tranças,  
Nós somos Lusos, sel-o-hemos sempre.  
Hum só suspiro teu vale mil vidas.  
Eis os pulsos, as armas, as bandeiras,  
Em olhos fogo, em coração vingança,  
Morte á direita, pela esquerda morte,  
Arcabuzes, canhoens, bombardas, bombas,  
Valor, intrepidez, coragem, peito.

Já basta de soffrer: temos soffrido  
Té onde chega o soffrimento extremo.  
Passamos inda além talvez á nodoa...  
Nódoa foi a vingança tardar tanto.  
Corramos a lava-la em mar de sangue.  
Tyranno, morrerás ás mãos da honra.  
Tu admiravel, suspirado Ramo  
Verás prender-te ao Bragantino Tronco.  
Não se perca hum momento: he tempo, “ Ás armas,  
„ Ás armas, Cidadãos, he tempo, ás armas. „



## SOLILOQUIO DE JOVE.

*Em hum Elogio á Rainha D. Maria 1.<sup>a</sup>  
no Theatro do Porto em 17 de De-  
zembro de 1804 dia dos seos annos.*

Eis-me de nuvens, de misterios solto.  
A vós que tantos seculos gemestes,  
Que tanto junto ás Aras suspirastes,  
Vastos Povos do Nilo, Armenia, e Persia  
Sem a noite d'oraculos, d'arcãos  
Em Jove os olhos pôr não vos foi dado.  
Deoses do Polo Austral, Deoses do Arcturo,  
Viude em concerto adereçar meo Trono.  
Astros d'eterna luz, brillhai mais vivos.  
Esvoaçai-vos divinaes aromas.  
Rios de nectar murmurai suaves.  
A pompa, o lustre, a gloria, a magestade,  
Todo o excelso esplendor d'Olympio solio  
Manda este Dia alardear solemne.

### §

Hoje nasceo dos Reis a Gloria, e a Inveja:  
A mente para as Leis a mais sublime,  
Rosto para o Imperio o mais affavel,

Para a Justiça o mais perfeito braço,  
Para a ternura o coração mais doce,  
Para a tormenta o mais robusto leme,  
Para o mar largo o mais seguro norte,  
O Sceptro mais augusto, mais glorioso...  
Cuidaes que Zoroastres vos recordo?  
Que Minos, ou Solon, Lycurgo, ou Numa?...  
Não te empavones, presumida Athenas,  
Nem tu Persia, nem tu famosa Creta,  
Nem tu 'Sparta, nem tu soberba Roma...  
He Lysia, he Lysia quem tremóla a palma,  
He nella que nasceo, e nella vive  
A Rainha immortal de quem vos fallo.  
O joelho, oh mortaes, fixai na terra:  
Deoses, curvai o cóllo, eu vo-la mostro:  
Eis da excelsa Maria a Cópia Augusta.  
Eis de meo coração imã Sagrado,  
A melhor joia, que no Olympio brilha,  
Da minha c'roa a mais luzida estrella,  
E do meo sceptro o mais fulgente esmalte.  
Nenhu'a illustre dos Monarchas turma,  
Por mais que embande mil dispersos dotes  
C'hum só dos della emparelhar se atreve.

§

Eu que ás Esferas dei primeiro impulso,  
Que a Virtude, e a Razão creei no peito,

Eu que ás Leis dou a vida, e dou a morte,  
Eterna origem do que ha justo e santo,  
Para realce á gloria de Maria,  
Quero que os homens, e que os Deoses contem,  
Que Jove retratou no Ceo, Maria,  
Maria em governar retrata a Jove.



MOTE.

*Amor, Razão, Natureza.*

GLOSA.

Marcia, em quem Amor plantára  
As sementes da ternura;  
Marcia a quem a luz mais pura  
Da Razão illuminára;  
Marcia que as Leis profundára  
Da natural singeleza,  
He tratada com fereza  
Por dar cultos ao meo culto:  
Defendei-a deste insulto,  
*Amor, Razão, Natureza.*

*Quando Amor prepara o arco  
Dobra o joelho a razão.*

GLOSA.

Não he só no humilde charco  
Da terra, que os mortaes gemem;  
Té no Olympo os Deoses tremem  
*Quando Amor prepara o arco.*  
Com meo sangue a gloria marco  
De quem vencer a paixão;  
Nem armas, nem reflexão,  
Com forças de amor hombreão,  
Que ante Amor armas fraqueão,  
*Dobra o joelho a razão.*

---

*Não tenho inveja a ninguém.*

GLOSA.

Entre vivas Scipião  
Sobe o alto Capitolio:  
Cezar do Tybre no solio  
Joelhos mil vê no chão.

Tremolando ante elle vão  
Aguias que vencido tem ;  
Meos dezejos não contém,  
Não, tão frivola ventura :  
Se Marcia tiver ternura  
*Não tenho inveja a ninguém.*

---

MOTE.

*Não tenho inveja a ninguém.*

He a honra hũa flor mimosa,  
Que mureha nas mãos d'Amor :  
Manda a razão esta flor  
Conservar sempre viçosa.  
Marcia quer ser amorosa,  
Mas de a perder medo tem ;  
Deste obstaculo he que vem  
A desgraça ter comigo ;  
Se dissipa-lo consigo  
*Não tenho inveja a ninguém.*



DECIMAS.

MOTE.

*Amor, Razão, Natureza.*

Fuzila com Sceptro d'ouro  
O Monarcha sobre o trono;  
Em quanto colhe o colono  
De Ceres o fruto louro.  
Hum com gloria, outro desdouro,  
Hum altura, outro baixeza;  
Mas apezar da destreza,  
Que as distincções tem forjado,  
O Sceptro junta ao cajado  
*Amor, Razão, Natureza.*

---

MOTE.

*Empenhou-se a natureza.*

Houve na Grecia hũa dama,  
Que foi de Troia a ruina;  
Houve Ignez, Ignez divina,  
Em Portugal, que inda hoje ama.

No Olympto Venus se acclama  
A Deosa da gentileza ;  
Mas o Primor da belleza  
Não estava criado ainda ;  
Em criar Marcia mais linda  
*Empenhou-se a natureza.*

---

MOTE.

*Empenhou-se a natureza,*

A Natureza em teu rosto  
Pintou as flores mais bellas,  
Pintou a luz das estrellas,  
Deo rasgos do melhor gosto:  
Sahio hum feliz composto  
D'inimitavel belleza;  
Em todo elle, que destreza  
Ostentou! que serio estudo!...  
Mas nos olhos sobre tudo  
*Empenhou-se a natureza.*





MOTE.

*Ninguém me excede em firmeza.*

Tysbe que em bosque cerrado  
A Pyramo procurava ,  
Acha em vez do que buscava  
O seo corpo ensanguentado :  
O punhal lhe vê cravado  
Por extremo de fineza ;  
Eis o tira , e com presteza  
„ Diz , junto deste cipreste ,  
„ Faço o mesmo que fizeste ,  
„ *Ninguém me excede em firmeza.*

---

MOTE.

*Justo Ceo ! porque me dêste ,  
Hũa alma capaz de amar ?*

Oh ! que horrivel transe he este !  
Eu amo , mas amo em vão ;  
Hum infeliz coração ,  
*Justo Ceo , porque me dêste ?*

A tudo o que tu fizeste,  
Justo fim soubeste dar,  
E eu não tenho que esperar?  
He feliz a planta, o bruto,  
Só não hade colher fruto  
*Hũa alma capaz de amar?*

---

MOTE.

*Quem diria que o amar  
Havia de ser defeito?*

Que fosse crime o forrar  
D'odio o peito contra alguém,  
Muitos dirião: porem  
*Quem diria que o amar!*  
Sinto mesmo repugnar  
Dentro o coração no peito;  
Se o Ceo mesmo he que tem feito  
Para amar o coração,  
Para que o fez, se a paixão  
*Havia de ser defeito?*



MOTE.

*A não ser de ti Jozino*  
*D'outro mais nenhum serei.*

Bem pode o cruel destino  
Mil decretos resolver,  
Que juro a vida perder,  
*A não ser de ti Jozino:*

Meo amor constante, e fino  
Pode mais que toda a lei,  
Hũa vez que protestei  
Adorar-te eternamente,  
Hei-de ser tua sómente,  
*D'outro mais nenhum serei.*

---

MOTE.

*Só póde a santa Amizade*  
*Tornar-nos ditosa a vida.*

Elevar a humanidade  
Da amargura em que nasceo,  
E fazer da terra hum Ceo,  
*Só póde a santa Amizade:*

Quem sustenta a Sociedade,  
Com cadeias d'ouro unida?  
Quem faz a sorte luzida  
De quem vive á dôr entregue?  
Só esta Deosa consegue  
*Tornar-nos ditosa a vida.*

---

MOTE.

*Querer bem, e ter juizo,  
He cousa difficultosa.*

Para amar não he preciso  
Perder a luz da razão;  
Póde hum recto coração  
*Querer bem, e ter juizo:*  
Póde haver cautela, e siso  
Na paixão mais extremosa:  
Com ella hade ser ditosa  
A nossa correspondencia,  
De outro modo sem prudencia  
*He cousa difficultosa.*



MOTE.

*As vozes d'Amor são mudas ,  
São mudas , mas bem se entendem.*

Razão santa , tu me escudas  
Contra o poder da paixão :  
Quando soltas teo clarão  
*As vozes d'Amor são mudas.*  
Mas as mãos , com que me ajudas ,  
De todo me não deffendem :  
Restão cinzas que se accendem ,  
Que a arder mais talvez provocas ;  
E as vozes , que á Amor suffocas ,  
*São mudas , mas bem se entendem.*

Este Mote foi dado pelo insigne Poeta Manoel M. Barbosa du Bocage ao Dr. João Evangelista de Moraes Sarmento , quando este se achava em Lisboa ; pois ouvira elogiar os seus versos , e desejava formar o devido conceito do seu estro. Vendo que o glória quasi de repente , reconheceo o seu merito , e o abraçou apertadamente , ficando ambos d'ahi em diante muito amigos.

---

MOTE.

*Teo nome escrevi na areia ,  
Que banha o visinho mar ;  
Eu vi as ondas pulando  
Teo nome virem beijar.*

GLOSA.

1

Es tu, Lilia? Ah! se souberas  
Finezas, que eu tenho feito,  
Alegrear meo triste peito .  
Ha quanto tempo vieras!  
Na praia hum passo não deras  
Sem vê-la de signaes cheia ;  
Eu mesmo em zelosa ideia  
Junto das pisadas tuas,  
Para niuguem pôr as suas  
*Teo nome escrevi na areia.*

2

Sem saber da arte, ensopei  
No múrice o pincel rude,  
E teo nome, como pude,  
N'humta taboa desenhei.  
Digno assento procurei  
Para o quadro collocar;  
Das vellas fiz hum altar,  
Do remo grosseira tocha,  
E o templo arnei n'hũa rocha,  
*Que banha o visinho mar,*

3

Zeloso Neptuno então  
Roubar-me o Idolo tentou;  
De bravas ondas mandou  
Á praia rijo esquadrão:  
Gelou-se-me o coração

Ao vêr as vagas rolando;  
Mas que alegre scena quando  
Do braço de Amor batidas,  
Ao pégo retrocedidas  
*Eu vi as ondas pulando !*

4

Este que agora estendi  
Chinchorro algoso vem vêr;  
Nas boias com que praser  
Teo doce nome escrevi!  
Tudo está cheio de ti:  
Tudo como eu quer amar:  
Té os peixinhos do mar,  
Ardendo em gloria, e ciumes,  
Verás em densos cardumes  
*Teo nome virem beijar.*

---

MOTE.

*Como póde Amor ser crime,  
Se dos Ceos Amor nascêo ?*

GLOSA.

Fanatico, a voz reprime:  
Teos echos não me assombrarão:  
Se os mesmos Deoses amárão,  
*Como póde Amor ser crime ?*  
Da paixão ninguem se exime;  
Para amar o homem nascêo;  
Jove mesmo isto soffreo;  
E se ha alguem que o contradiga,  
Venha Jove, e Jove diga  
*Se dos Ceos Amor nascêo ?*

*Ao fazer o Juramento  
O mesmo Templo tremeo.*

GLOSA.

Fui jurar no altar cruento,  
Onde immortal pyra ardia;  
Puz a mão, a mão fugia  
*Ao fazer o juramento*  
Tão cruel presentimento,  
Que eras falsa não valeu;  
Insisti, mas antes que eu  
A jura acabe, e profira,  
De horror se apagou a pyra;  
*O mesmo Templo tremeo.*

---

CANÇÃO

*aos annos da Illm.<sup>a</sup> e Exm.<sup>a</sup> Senhora D. Anna Rufina  
de Mello Souza Tavares.*

Quando a sabia Natureza,  
Annalia, te quiz formar,  
Com Amor, com as tres Graças  
Primeiro foi consultar.

Movêrão varias questões  
Sobre qual era melhor,  
Serem teus lindos cabellos  
De escura, ou de loura côr.

Decidio huma das Graças,  
Que fossem de côr escura;  
Que as sombras sempre fizerão  
A belleza da pintura.



Todos nisto concordarão ;  
Porém para a côr do rosto ,  
Disse Amor : he necessario  
Que façamos hum composto.

De cristal em rica taça  
Logo as tres Graças pegarão ;  
Pondo-lhe hum véo , puro leite  
Na rica taça lançarão.

Depois , de purpureas rozas ,  
Que para tal fim colhêrão ,  
Algumas gôtas no leite  
Com alvas mãos espremêrão.

De leite , e çumo de rosas  
Esta mistura engraçada ,  
Figurava a côr da Aurora  
Na risonha madrugada.

Logo assentárão que fosse  
A côr do teu rosto assim :  
Torna Amor : seja a da bocca ,  
Do coral , e do marfim.

O peito , os braços formados  
Devem ser da côr do rosto :  
Lembrão as Graças , que deve  
Ser esbelto este composto.

Faltão , diz a Natureza ,  
Risos para o acabar :  
As Graças risos lhe derão  
Com que o pudesse animar.

Inda não está completo ,  
Sorrindo Amor, disse então :  
Falta formar-lhe inda os olhos ,  
E formar-lhe o coração.

Escolherão para os olhos  
Das estrellas a luz pura :  
O coração, disse Amor,  
Seja o da mesma ternura.

Já vaidosa a Natureza ,  
Nos encantos que previa,  
Destinou para formar-te  
Este venturoso dia.

Formou-te, e nelle mais bella  
Do que fôra projectado,  
Appareceste, deixando  
Este dia assignalado,

Pedio Amor ao Destino,  
Que hum dia tão singular  
Do poder do Tempo duro  
Quizesse livre deixar.

Ficou livre; Amor e as Graças  
Entregues d'elle ficarão,  
E nos livros da Memória  
Com letras d'ouro o gravarão.





## ODE

*recitada em Guimarães, no Theatro particular em que se  
hia representar a Tragedia — Radamistho e Zenobia —  
traducção do Author.*

Não mais em tórno ao cepo, em que amarrados  
Da Juventude innumeros talentos  
Acalentar folgavas, torpe Ignavia,  
    Não mais a corda enroscas.

Pallas baixou do Ceo, vibrou-te o raio;  
Labareda immortal reverberando  
Re-duplicados nos revolve em fumo,  
    E varre o vento as cinzas.

Elastico expandindo o Genio as pennas  
Em desatado arrôjo pelos ares,  
Do gôsto, da razão o alcaçar vinga;  
    Lá pausa, ri, floresce.

Já planos infantis, enleios futeis,  
Rasteiras propensões, molleza inerte  
Ao raiar nova luz d'envolta rodão,  
    Em arrancada fogem.

Caliginosa treva cahe dos olhos,  
Philosophico tom no mundo troa,  
Verdade, solidez, o grave, o util  
    Rege ideias, costumes.

•

Eschola de Melpomene, e Thalia,  
Tu, que o engenho, que o prazer apuras,  
Que docemente pelas veias filtras  
Moral austera, e dura;

Tu, que Roma, que Athenas afamaste,  
Tu és da gloria o remarcado campo,  
Onde colher Vimaranenses braços  
Vão invejados louros.

Tu és do vicio ante-mural roqueiro;  
Em vão se assestão contra ti bombardas;  
Teu bôjo arremegadas balas cospe,  
Proterva furia enbaça.

Teu ameno jardim recrea o sabio;  
Nelle a virtude aromatiza os ares,  
Nelle enchentes de nectar borbotoão,  
Em que a razão se imbebe.

A Razão, quando as armas emprestara  
A Lycurgo, a Solon, a Zoroástro,  
A Razão lastimou ver mallogrados  
Da Victoria os projectos.

Na voragem dos erros balançando,  
Ponteiros ventos sempre, e mares verdes,  
Sem Iman para o Norte a mente humana  
Arvoada soçobra.

Só quando o teu farol, ó Drama, accendes,  
Gema o Bósphoro embora, fervão settas,  
Segura róta, se lhe apraz, enfia  
Aos terminos do Mundo.

Para amar-se a Razão de ti carece;  
Sem teu aureo verniz, sem teus floreios  
Espectro aterrador se representa  
De repulsiva força;

De teu rico donaire, ornamentada  
Quer vê-la o coração, e sorve encantos;  
A face he esta, em que a Moral mais dura  
Soffrego bebe, esgota,

Agora sim, que exemplos arrebatão,  
Que sainete vivaz as Leis tempera;  
Agora, Sociedade, agora podes  
Blazonar d'imperfeita.

Parabens, Guimarães: em quanto ao longe  
Porção de filhos teus illustra Marte;  
Minerva no teu seio a outra engolfa  
Das letras na doçura.





# PANEGYRICO

A

## S. JERONIMO

RECITADO NO SEU DIA, E NO ANNO DE 1819

NO REAL MOSTEIRO DA COSTA.

---

PRODUCCÃO DE

*João Evangelista de Moraes Sarmiento.*

---

*Qui autem fecerit, et docuerit,  
hic magnus vocabitur in regno  
coelorum. — S. M. c. 5. v. 19.*

*O que guardar meus preceitos,  
e ensinar a guarda-los, esse será  
reputado grande no Reino dos Ceos.*

**E**is com dous rasgos lançados no Evangelho acabadamente proposto o relevante quadro de Jeronimo. Perfeito observador da Lei = Qui fecerit = Mestre consumadissimo = Qui docuerit: Assombro na pratica, Oraculo no ensino; eisaqui o Grande no Reino dos Ceos, eisaqui Jeronimo. Que infinitamente abaixo da sublimidade desta ideia jaz a mentida grandeza do ambicionado senhorio de vastissimos Imperios, o tyranno alevantamento do sceptro sobre a maior porção do globo, o arruido das victorias, o fulgor dos trofeos, a pompa dos applausos, o pregão da historia, e a adulação dos bronzes e dos marmores, grandeza esteril, acabadiça, corrupta! Que immensa distancia não corre entre o desneyoado sol desta gloria, e o lastimoso enlevo dos

Lycurgos, Pythagoras, Socrates, e Platões, palpando sempre trevas no mais vivo da sua sabedoria; vagabundos de despenho em despenho, dissaborosos no gôzo, desalentados n'adversidade, mal contentes no seio profundo das suas proprias demonstrações, anciosos d'um ponto fixo, mas descobridores apenas d'estradas tortuosas, escorregadias, buscando debalde o intimo repouzo em engenhosas invenções, illusivas apparencias, enfeitados sistemas, ou sonhos, ou delirios? Vangloria futil, vaidade miseranda, engodo d'infelizes! Graças ao Supremo Provizor de tudo, em perfeições por essencia infinito! Que fez baixar do seu seio, unica fonte da verdade, eterna como elle, clarão triunfador, que estremasse com evidencia sem réplica o proveitoso acerto da perniciosa mentira! Já sem perversidade indisculpavel se não podem trocar no mundo as ideias da verdadeira, da solida, da immortal grandeza. Já sem voluntaria cegueira o homem, que aspira a ser grande, não pôde mendigar fundamentos no thesouro dos Cressos, no Lyceo d'Athenas, no Solio dos Augustos. Feito homem o Divino Verbo, Consubstancial a seu Pai, Deos como elle, imbanda numerosas turmas, fala, explica, decifra, aplan. Creador diz o que quer da creatura. Juiz Universal propõe regra ás acções, estabelece premio e castigo, ensina uma eternidade feliz ou desgraçada, segura-nos com a infallibilidade d'um Deos, que nesse dia terrivel, em que o Universo fôr chamado a Juizo, só os que praticarem e ensinarem sua doutrina serão reputados Grandes.

Eis para sempre desmascarado o frivolo pensar dos insensatos. Fóra do Evangelho a Razão offerece a imagem do desvairado Planeta, que solto da attracção central não lhe seria dado senão esbarrondar-se pelos abysmos do Chãos. Fóra do Evangelho, nosso espirito immortal está fóra do seu centro.

Oh! que bem cavou neste fertil terreno de nascedio celestial o illustre heroe, cuja memoria celebramos! Que bem se deixou embeber de seus vivificantes sucos! Que bem se compenetrava do amago da sua substancia! Caridade inextinguivel, desprendimento cabal de quanto é mundano, fito sempre immovel nas acções do Divino Mestre, reluctancia perpétua a qualquer grata sensação, flagello dispiedado da propria carne e sangue, penitencia asperrima, aturadissima, abnegação de si mesmo, affinco sómente á Cruz, ao seu gravame, á sua aspereza. . . . . Jeronimo é



o Evangelho em prática. Propugnaculo invencível da Fé; Conciliador de dissensões scismaticas, crisol purificante de mescladas doutrinas, Zelador infatigavel da Orthodoxia, esquadrinhador, e corrector sem igual das Sagradas Letras, esteio inconcusso das maximas Apostolicas, Apostolo elle mesmo no immenso pregão, que desata nos seus escritos por todo o Orbe, e por toda a eternidade das verdades limpas, que constituem a perfeição do Christianismo.... Jeronimo é o Evangelho na Doutrina. Que singularissimo objecto não es de santa emulação para a terra, e que avultada grandeza te não cabe lá nessas ineffaveis alturas do Ceo!

Desculpai-me, Senhores; eu não posso attentar na grandeza de Jeronimo sem que um enthusiasmo desusado me suba á mente. A minha imaginativa já se acende, o coração electriza-se, os pensamentos fervem, vastissimo horizonte de prodigiosos feitos se dilata ante os meus olhos. E' desta vez; arrojo-me a tanto; é desta vez, que não me espavorece o melindre do lugar, o arriscado do ministerio, o transcendente da empreza. A mesma sublimidade do assumpto por uma parte me eleva, e me sustenta, e o Evangelho por outra me conduz seguro como pela mão na que devo trilhar florida e magestosa estrada. Vereis em Jeronimo perfeita observancia do Evangelho, 1.º ponto. Vereis o ensino universal, que fez do mesmo que praticava, 2.º ponto.

Nunca, Supremo Ente Increado e Creador de tudo, como hoje, eu o confesso, nunca tanto careci de teus vigorosos auxilios, mas nunca tambem como hoje confiei mais no teu soccorro, porque havendo de fallar de Jeronimo, não hasde consentir, que a mesquinhez dos talentos do Orador desaire nem levemente a gloria do mais mimoso dos teus servos, nem desdigão as expressões da grandeza do Maximo dos Doutores.

Congresso preclarissimo, como Filósofos, e urbanos, escutai com docilidade as virtudes do Varão singularissimo; como Christãos, ouvi attentos e com proveito o modelo da santidade.

### DISCURSO.

E' a sensibilidade uma lei inherente á nossa organização, e consequencia della pelo agradável das sensações medirmos o nosso bem ser. Em quanto a vida jaz escondida no interior dos órgãos, somos indifferentes á vida. Só

quando exteriormente diffundida alarga mais e mais o circulo das relações com a multiplicidade dos entes, que nos circumdão, e quando destes resaltão para nós impressões amigas, suaves, doces; só então nos comprazemos com a nossa existencia, só então nos congratulamos do nosso bom destino. Esclarecida a razão puramente humana pela razão da Fé descobre, assim é, outro horizonte mais limpo, outro modo d'existir mais solido, outro methodo mais seguro de direcção, outra pedra de toque para avaliar os bens, outro thermometro para graduar os prazeres e sua energia. Mas o homem resta sempre homem. Que montão de contrariedades, que opposição de movimentos, que nuvem de affectos não é necessario abafar, torcer, extinguir para se tomar a reflectida deliberação de escondermos o rosto ao bem, que se nos antolha, ao deleite, que nos saborea, á fortuna, que nos convida, ao modo de ser, que nos apraz, que nos delicia, que nos mimosea? Que ponderosa guerra cumpre que o homem trave consigo mesmo? Que fundo de forças, que posses releva empregar para cingir o louro da victoria?... Podes tudo, graça do meu Deos, podes tudo, mas teu singular poderio não aniquila as funcções do livre arbitrio. Concorres com a vontade, com os esforços do homem, decides o combate, mas o homem combateo; seguras a palma do triumpho, mas para empunhar-se primeiro careceo ella de ser regada com profusos suores.

Em que assombro, pois, em que respeitoso pasmo não nos deixa a consideração de quem é, e do que faz Jeronimo. Tudo em tórno delle na clarissima Estredonia sua Patria o convida a tomar a salva a todo o genero de prosperidades. Herdeiro d'avultadissimas riquezas, successor d'amplissimo Potentado, ramo nobilissimo de preclaros avoengos, unico penhor, unicas delicias de seu Pai, idolo dos seus domesticos, encanto dos seus amigos, gloria de todos... a fortuna surri a seu lado; seus pensamentos podem despedir livre carreira; suas paixões em vez d'obstaculo achão aleito no assôpro de lizongeiuras auras; o respeito segue seus passos; a condescendencia aplanalhe os caminhos, a adulação cobre-os de flores. Para dar mais realce a tão luzidas condições, Euzebio seu Pai o envia para a Cidade, por excellencia metropole do Orbe, a famigerada Roma. Quer cultivar seu espirito com todo o ornato das sciencias; quer polir a sua educação com todo o lustre da

Côrte; quer enriquece-lo com todos os meritos d'um homem d'Estado, circumspecto, urbano, policiado. Aqui é que a esfera de perigosos attractivos infinitamente se dilata. Roma, que era Rôma? Mais celebre talvez por suas illuções, que por suas victorias, empavonava-se orgulhosa com a sujeição das Nações, e dellas recebia seus idolos, erigindo-lhes altares nos mesmos Templos, em que pendurava glóriosos troféos: dava ferros aos povos, e os povos tornavão-lhe viciôs. A vida de magnificencia deslumbradora, só reconhecia por elementos seus o fausto vão das sciencias, o brilho das Artes, o fulgor das Armas, a sumptuosidade do luxo, a liberdade do deleite, a magica dos sentidos, o solto alvidrio das paixões. Theatros, Colisseos, Thermas, a libidinosa Deosa de Paphos celebrada aqui muito afincadamente, espalhando, ás mãos cheias, funestas delicias do Foro ao Capitolio, ao Campo Marcio, do bairro das Carinas ao Circo de Nero, ao Pantheon d'Aggripa... Que temerosas syrtis, que horrendos cabos para forçar ao naufragio a sensibilidade de Jeronimo, bem havida com a fortuna no mais bello, no mais vicioso, no mais ardente dos seus dias! Ainda mais; a amenidade destas scenas sympathiza com as disposições da sua compleição; a doçura destas impressões cala-lhe de fibra em fibra até o amago do peito. Debalde contrasta esta aliciadora perspectiva com a sombria frequencia das tenebrosas catacumbas; surto dessas lobregas cavernas; desses taciturnos corredores, onde frouxa e palida luz mal descobre infleirados tumulos, eis novô assalto, guerra nova. Os sentidos encantão-se, o sangue ferve, o coração lateja: o mundo quasi triunfa de Jeronimo: de mãos dadas com o mundo, preceito Paternal o convôca para seu successor, e com a torrente de prosperidades lhe offerece para o thalamo nupcial uma Virgem da mais abalizada formosura.

B' então, quando tudo o prende á terra, quando um mar de delicias o cerca, quando todos os bens mundanos em cardumes, todo o embebimento, toda a gloria se lhe torna fagueira, aduladora, escrava, no mesmo ponto em que se nos antolha impossivel; é então que recém-generado pela Agua Baptismal rompe no mais valente denodo, que tem visto os seculos = Sou Christão, é é esta a escola de Jesus Christo?... Oh confusão! oh vergonha!... Disse, e por uma vez morre para elle o mundo: nas suas turbu-

lentas ondas larga para sempre redes, e barca: ás offerecidas pompas succede o sacco, e o cilicio: ao fervido reboliço de incontinentes Orgias contrapoem o retiro e oração: ás Filosofias dos Platões, ás Rhetoricas dos Ciceros, o Evangelho; aos affagos da Patria os horrores da solidão; ás delicias do thalamo proposto, e caricias Paternas o suspirado pezo da Cruz. No asperrimo trato de alguns Monjes d'Alexandria, na vida de Santo Antão levada ali por Athanasio seu Bispo encontra o modelo do antigo Monacato. Já professa este rigoroso estado; já seus sentidos não vagão pelo Orbe; seu ponto fixo é o Ceo. A ideia de cavernoso seio d'alguma montanha gira sempre no seu cerebro. Em Roma não vê senão assustadoras ciladas. Cumprir fugir para segurar a victoria. A taciturna voz dos desertos da Thebaida e da Palestina retine a todo o momento nos seus ouvidos. Paulo, Hilarião cravão-lhe inveja santa. Elias assim se houve, assim se houve o Baptista; está tomada a resolução=vidit, et fugit... montes exultaverunt=Adeos Roma, adeos familia Panonia: eilo em fuga com Evagro, Innocencio, e Heliodoro. Posta a mira no oriente já posterga Aquilisa, já corre a Thracia, o Ponto, a Bythinia, a Galacia... Onde deparará com um escondidoiro cheio do mesmo horror, de que elle vai cheio?... Arenosos paramos de entre a Syria e a Arabia, terrorificas montanhas de Calcis, paradeiro asperrimo de bravias alimarias, foco incomportavel de pestifera calma, sois vós, sois vós seu ameno refugio. Aqui se embrenha, aqui se engolfa; aqui, isolado da Natureza, vive só para o seu Creador. Trançados juncos encobrem sua nudez, sem alinho a barba, hirsutos os cabellos. De toscas pedras e barro fábrica mesquinho reparo, coberto d'escassa ramagem. Seu leito he dura rocha; seu alimento agreste hervagem: o jejum nunca interrompido; vigilia frequentissima, oração fervorosa. Se baixa a noite, hymnos ao Senhor; se desponta aurora, canticos devotissimos. Biblia d'um lado, d'outro Crucifixo: aqui cilicios, d'ali caveira: suspiros em nuvens, lagrimas a mares. Neste constante exercicio se vai devolvendo sobre sua cabeça um e outro inverno, um e outro estio. Cada vez mais desapêgo da terra, cada vez mais affêrro á Gloria celestial. Está no tempo, mas seu coração passeia já pela extensão sem fim da Eternidade. Pezão ainda seus ossos e sua carne, mas seu espirito já bate as azas no throno de Jehova.

Sensibilidade funesta, origem fatal de tanto martyrio; calaste já teu atraído bramido? O homem velho ousará ainda mesclar-se com o homem novo? O tropel de Babilônia turbará ainda o respeitoso silencio de Sion? Arrojar-se-ha Roma a apresentar-se em Calcide? Que vejo?... Oh mil vezes fragil barro que somos!... Entre idéas tão graves, tão puras, tão santas lá vem dar assalto á ternura de Jeronimo, delineado pelas mãos de Lusbel, o donairoso quadro de uma Belleza Romana d'estremadissimos quilates. Armada de rica aljava, e vistoso arco já vai a disparar a seta d'oiro, já...=Que é isto, meu Deus, (\*) como irei ao teu Juizo?— A este grito com a mão esquerda trava do Crucifixo, com a direita de um pezado seixo, e todo ancias, todo suores, e todo lagrimas, foge, desampara a cella, corre o concavo das montanhas, e lá onde um escarpado esbarrondadeiro rasgado em temerosa garganta abre imagem do abysmo, horrendissima fuma, ahí mergulhado e sepultado contunde, macera, despedaça o anhelante peito. Um e outro pezame leva-lhe o coração delido aos olhos; e os olhos afogados em amargosos borbotões não podem fitar-se claros na adoravel face do Juiz misericordioso mas tremendo. Que arrancar de suspiros! Que estalar de dôr! Eis vibrão (\*\*) mais repetidos os estrondosos golpes. A seus retumbos parecem estremecer os penhascos brancos. Espavoridos Leões ouriçando a emaranhada juba extaticos embação. Anjos do Ceo, sustentai lhe os vitaes alentos, e teci vós mesmos o florido diadema para ornamento de tão assinalada victoria. Sim, venceo: lá fica em cem partes degolada a ardilosa serpente, que tentava envenenar sua pureza. A dor, as lagrimas, o despiado flagellar das carnes suffocou na raiz a audacia de perigosos incitamentos.

Oh melindre do seculo presente! e trará ainda a campo, para justificar a tua impenitencia, o frivolo argumento de compleição frouxa e delicada, de educação mimosa despro-

---

(\*) Em alguns Mss. lê-se — Que é isto, Deus meu! ai de mim! como hirei ao teu Juizo?

(\*\*) Em outros Mss. lê-se — Eis vibrão com mais força, vibrão mais repetidos os estrondosos golpes.

porcionada ao pezo das austeridades? Ou arguirás deficiência de graça para entrares no caminho do Senhor? Attenta neste modello, envergonha-te, e cala-te. Quem mais rodeado d'obstaculos quasi invenciveis? Mas vistes seu triumpho... Deves-o á cooperação da Graça! Sim; mas a Graça não o dispensou do muito lidar para della fazer proveitoso uso. Será sempre eterna a sua gloria, diz o Espirito Santo no Ecclesiastico, porque podia transgredir a Lei e não a transgredio; podia fazer o mal e não o fez. *Erit illi gloria æterna, qui potuit transgredi, et non est transgressus, facere mala, et non fecit.*

Mas vós em Roma e em Calcide não tendes visto a Jeronimo senão todo entregue ao desvello da sua salvação: vistes nelle a mais heroica renúncia do mundo e suas pompas; vistes um extremo prodigioso da mais singular penitencia. Não é isto só porem o que constitue o cumulo da perfeição Evangelica; é necessario mais, é necessario á pratica das virtudes ajuntar a instrucção dos nossos Irmãos. *Qui fecerit, et docuerit.* Fiquem pois em silencio tantas outras virtudes de Jeronimo, tantos illustres testemunhos de santidade exemplar. A superabundancia de maravilhas transberda sobre os limites prescriptos a uma Oração: na escassez do tempo dado ao Orador nenhum astro correria tão dilatado horisonte. Fiquem em silencio; e esse humilde, sombrio Anacoreta appareça já aos vossos olhos, revestido da magnificencia de Oraculo, derramando como centro de luz por toda a redondeza da terra, e por todos os seculos tão sobrepujantes raios, quae só cabia dardejar ao Maximo dos Doutores.

## 2.<sup>a</sup> Parte.

Somos entrados n'um pélago d'assembros. Bem nos era mister o desatado arrôjo, o possante olhar da Aguia para em alternados e repetidos vôos poder seguir fito a fito do Oriente ao Poente, e do Poente ao Oriente o magestoso Luzeiro a cujo extenso clarão, fugindo cardumes de grosseiras nuvens, resurge desassombrada e limpa, tal qual é d'immaculada pureza, a Igreja de Jesu Christo.

Cathecumeno ainda já nas aulas de Donato, e Victorino por estrondosos presagios annunciava Jeronimo a emnencia do saber, a que havia de remontar-se para encher

de racional inveja e respeitoso pasmo as presentes, e vindouras éras. Infatigavel na collecção, e copia de Manuscriptos levanta riquissima Bibliotheca. Inquire, revolve, profunda. Seus progressos são agigantados saltos, que sobrelevando infinidade de degrãos, no alcaçar das sciencias, vingão em breve a extrema, alcantilada guarita.

Sabios de todas as classes, vinde, eu vos convindo; vinde comprázer-vos nos prodigios, que vos offerece um genio sem igual. Quantos ricos floreios alardeára a gentil penna de Cicero; quantas caudaes torrentes de magestosa eloquencia devolvêra Demosthenes; quantas arrebatadoras melodias gorgearão na Grecia os Cymes de Salamina, do Ismeno, de Lesbos; na Italia os do Mincio, de Venuza, de Sulmona: quanto variissimo pensar se enredava nos intrincados labyrinthos das concepções Filosoficas já da Escola Jonia, filha de Thales, e renovada por Anaxagoras: já da Escola d'Italia ostentosa producção de Pythagoras, e de suas ramificações da mais estrondosa nomeada a Escola Elea, a d'Epicuro, a de Heraclito, a de Pyrrho; já do respeitavel Socrates, da celeberrima Academia, do famigerado Lycêo; quantas amalgamadas ideias compunhão nos seus dias no Oriente e no Occidente o famoso Sincretismo, parto da Escola d'Alexandria, tudo em exactissimo painel, em bem proporcionado mappa se coordena, e resume no luminoso espirito de Jeronimo. Elle só bastava agora a reedificar submersas sciencias, a recompor extinctas Bibliothecas. A' vastissima erudição reúne a mais subtil agudeza d'engenho, e a mais profunda solidez do raciocinio.

Munido assim de todo o saber humano, prestantissimo nas Lingoas Latina, Grega, Hebraica, Caldaica, Arabica, dirige a valentia do seu espirito, e toda a obstinação do seu estudo para a eterna Pyramide da verdadeira e unica Sciencia, cuja base pouzando na terra entranha pelo Ceo o sublimado vertice. As Divinas Escrituras são o seu mais doce alimento, a sua mais suave respiração, as delicias dos seus sentidos, o onleio de suas potencias, seu unico desvelo, encanto e gloria. Exulta, Igreja Santa, desprende em magnifico apparatus todos os transportes do teu jubilo.

Que inexpugnavel ante-mural vai erguer-se em tua defenza? Que viçosa tem de verdejar a tua longuissima seara com o rico manancial, que a Providencia te destina? Romoínhem embora encapelladas ondas, soprem bramindo im-

petuosos ventos, lá está sobida no horizonte a Polar Estrella; com ella segura a direcção, desfeita a tempestade. Exulta, e rende ao Senhor eternas graças = Lauda Jerusalem Dominum, lauda Deum tuum Sion = Não tens Pedro, não tens Paulo, nem os outros de tão saudoza memoria Apostolos teus Pais: Ah! Nem por isso te julgues em abandono = Non ergo te putes esse desertam, quia non vides Petrum, quia non vides Paulum, quia non vides eos, per quos nata es = A mão de Deos, que jámais se contrahio = Ecce non est abbreviata manus Domini = te suscita entre outros um filho na virtude e na doutrina digno successor d'aquelles Pais = Ecce pro patribus tuis nati sunt tibi filii =

Abre Jeronimo com a voz e com a penna a brilhante carreira do seu ensino; derrama-se logo universal espanto = Fama nominis ejus per cunctorum ora volitabat .. E em que notavel epoca; No meio de que illustres heroes alteia a magestosa copa este augusto cedro do Libano?... Sobre o throno Patriarcal d'Alexandria troveja, esclarece, e triumpho o immortal vingador da augustissima Trindade, venerando oraculo do Concilio de Nicea, Martyr da Divindade de J. Christo, Santo Athanasio. Em Constantinopla relampagueia o brilhantissimo luminar do Oriente, decantado Cicero da Igreja Grega, Doutor profundo, sublime, encantador, S. João Chrysostomo. Na Cappadocia impunha a palma da instrucção e do recreio nos seus escritos, e declamações, o Theologo por excellencia, Isocrates dos Padres Gregos, Orador atiladissimo, S. Gregorio Nazianzeno. De mãos dadas com elle floresce e reina amedrontando Tyranos o inclito Bispo de Cesarea S. Bazilio, por antonomasia o Grande. Em Milão, com que magestade de estilo, com que força, e com que agrado não desenvolve quasi tudo o que ha de importante nas verdades da Religião o respeitabilissimo Santo Ambrosio? E que diremos de seu discipulo o nunca assaz admirado Bispo d'Hyponia, Director da Graça, Santo Agostinho?... Entre nomes de tão sonoro ecco, de tão desmedida grandeza haver direito ao titulo de Sabio, de Doutor é já subir ao cume, ao ponto extremo d'elevação: ser sapientissimo, ser o Maximo dos Doutores, é traspassar todas as balizas, é saltar as barreiras mesmo da possibilidade. Mas Jeronimo as saltou, e é d'elle que parece fazer o retrato o Livro da Sabedoria



quando escreve = *Spiritus intelligentiae*, disertus, subtilis, stabilis, acutus, omnia prospiciens, qui capiat omnes spiritus. =

Com effeito, quem nasceo com tão remarcavel excellencia de genio, com tão decidida faculdade para comprehender todo o incomprehensivel da Sabedoria? = *Spiritus intelligentiae* = Seus primeiros passos o predisserão, e os fructos ultteriores o evidenciárão. Quem como elle possuiu aquella eloquencia, que propõe o objecto, e o encrava logo n'alma? Que n'um só termo fecha pezada sentença, e n'uma sentença numerosos documentos? Eloquencia, que fertil na instrucção é superabundante no garbo dos adornos, que prendem, na destreza dos abalos, que determinão, no apuro do sainete, que arrebatam, no vivo das faiscas que abraçam, amolgam e triumphão? = *Spiritus disertus* = Absortas por isso tantas matronas Romanas illustres pelo engenho, como pela virtude, Marcella, Albina, Leta, Paula, e Eustochio pendião do seu discurso, sorvendo com o grave da doutrina inexauriveis favos de ineffavel doçura. Amedrontada por isso a altiva Discordia, que accendêra horrivel facho entre o Pontifice Liberio, e o Clero Romano, some-se no abysmo, e a santa Paz abraçada com a pureza do Christianismo, esvaecendo a borrasca torna o Ceo de Roma sereno, alumiado, e bonançoso. Folhee-se no precioso archivo de suas Epistolas; quem não vê nellas todo o rico matiz da locução, todos os primores da eloquencia? Altissimo original, sublimidade d'imagens, engravado de allegorias, exactidão de similis, variissima, e disertada erudição? Uma só para nós parece tudo; para Jeronimo todas ellas quasi são nada.

E' só a verdade o iman, que arrasta o seu coração; debalde o erro para engodar seu espirito se enverniza com as côres della, debalde se atavia artiloso com todos os seus enfeites; agudeza de Jeronimo não é para deslumbra-mentos = *Spiritus acutus* =

Inalteravel rochedo no meio das ondas segura-se em bazes de eterna firmeza = *Spiritus stabilis* =

Ao lado da Cadeira de S. Pedro, a rogo de S. Damaso seu successor, tomando todo o pezo á sua tiara, qual se ostenta ali este Varão insigne, aturdindo o mundo com não vistos portentos de virtude e de doutrina! Quantas capciosas maranhas de euredada Politica não deslinda?

Quantas dissensões soismaticas não abafa, quantas heresias não fulmina! Que despotismos que revoga! Que direitos, que reintegra, que inuigios mortaes que reduz á harmonia! Como aplanos os caminhos da justiça! Como fomenta o cultivo da caridade! Como afervora o zelo Christão! Que lustre, que respeito accrescenta á Religião de J. Christo, e com que medida circumspecção, com que delicadeza de meios? = Spiritus subtilis = Remorde-se a inveja, revolta-se a calúnia... O escudo da innocencia, o recinto de Belem cospe toda a Lusbelina seta.

Filosofo! que direitos a este titulo! Que valentia, e que evidencia nos seus argumentos! Que solidez nos principios, e que cerrado ligame nas deducções! Ao desfecho dos seus raios cahe esboroadado o colosso do Erro ou com destreza paliado, ou com audacia anteposto.

Theologo! oh para aqui é que foi o accumular de thesouros sobre thesouros de toda a casta de conhecimentos: para aqui é que faz convergir todas as sciencias accessorias para d'aqui divergirem pelo Universo os mais uteis esclarecimentos das verdades escritas, e tradicionaes do Christianismo. Mas como sondar um golfão insondavel! Força é contrahirmos as vellas, soçobrados por uma vastidão sem limites. A mim não; Sacerdotes respeitaveis, Theologos abalizados, Summos Pontifices do seculo quarto e quinto, a mim não, a vós cabe o recontar-nos como submissa a fronte avidamente bebieis clarissimas decisões ás vossas propostas; como o profundo sentido das Escrituras surge prompto ao lume d'agoa; como logo é corrente o que até ali era espinhoso e inaccessivel: tornão-se chãos fragosos cerros; alinhão-se tortuosas estradas; rompe-se o veo da dúbida, devassão-se os arcanos, desencerra-se o recondito... a vós cabe recontar como o espirito cobiçoso de saber sacia n'aquella fonte toda a sua ambição. Cabe a ti mesmo, immortal Agostinho... Em que nome toquei!

Ah Senhores! Se d'antigos, bem graves, e bem pollicados Povos foi singular passatempo, foi alvo das primeiras attentões o despejado ardimento, com que em campo raso se ferião batalha, se disputavão a victoria dous nervosos atletas, senhor cada um das trombetas da fama, que embeber não deve a nossa attenção o magestoso confictio, em que se travão estes dous tremendissimos Athletas da Christandade—Agostinho, e Jeronimo? Da Hipo-

nia a Belem, e de Belem á Hiponia cruzão-se veando temerosos passamuros. Vão os rasgos d'uma penna despedidos com tão azeza energia, que parece poder baquear o mundo, mas chocando no alvo, com tal reacção se contrastão, que ao retroceder, com pejo reverbêrão, descorçoados resaltão. Já se contende sobre a genuína intelligencia da arguição de Paulo a Pedro; já sobre a utilidade da trasladação das Escrituras segundo o Hebreo: aqui cede o Primeiro, acolá cede o Segundo. Assim se debelarão, e assim alternadamente se vencião dous sabios da primeira grandeza, modelos ambos do desinterêsse da gloria, do amor singello da verdade. Que edificante certame! Que bem digno era de mais amplo desenvolvimento!... mas seja para nós uma digressão apenas. Atenos o fio, que levavamos. Jeronimo como Sol no Zenith vê, e illumina todas as couzas. — Spiritus prospiciens omnia —

Soprado pela furia do Principe das trevas arroja-se Helvidio a attentar contra a immaculada Virgindade da Rainha dos Anjos, Mãi do Salvador J. Christo, e concebe o descaramento de arrastar para prova algumas passagens da Escritura. Ceos! que labaredas de zelo estalão no coração de Jeronimo? Escreve; cada rasgo leva consigo um poder aniquilador; tapa ao impio a esganada boca, desafronta as Sagradas Paginas da matilha de vituperios; faz ver em toda a luz, que Maria foi sempre virgem, que seu Esposo o foi tambem; e extasiado na excellencia desta virtude demonstra o quanto ella excede em perfeição ao estado do matrimonio, sem com tudo deprimir a dignidade deste Sacramento.

Que! Mais para ali rosna grosserias o hypocrita de Milão, o temulento Joviniano — A carne de J. Christo é fantastica: Jejum e penitencia não é acto meritorio — Eilo baqueado em terra. Jeronimo com os seus escritos desfaz a sordida poeira, com que havia enxovalhado a pura atmosfera do Christianismo; e exprobrando a devassidão dos seus costumes, acaba fazendo da sua morte tão horrenda pintura, que lingua não ha que a traslade — Inter phasidis aves, diz elle, et carnes suillas non tam emisit spiritum, quam eructavit.

Genio faceto e desprezador lá se arma nas Galias Vigilancio para atacar quantos objectos lhe offerecem ase á chocarrice, á inofa, á chança: dest'arte vilipendia o res-

peito ás reliquias dos Martyres ; dest'arte á profissão do Celibato, e assim do mais ; e leva o descaramento até calumniar de Originista a Jeronimo mesmo. Oh que vehemencia, que impetuosidade d'argumentos borboteia então na boca deste sublime Apostolo ! N'uma noite responde ao infame libello com tão energica refutação , que este só traço das suas obras bastaria a qualifica-lo d'inimitavel ; e feita a descripção da monstruosa immoralidade do monstro , remata em desabafo com este epiphonema , penhor do seu triumpho — Tales habet adversarios Ecclesia ! Taes são os adversarios da Igreja !

Ganha-se a victoria, mas não cessão os combates : lá veste horrisona armadura , lá sahe a campo vaidoso de somma de forças o execrando Pelagio. Que blasfemias que desenrola ! — Quer peccasse, quer não , Adão morreria : O seu peccado não empecêo a seus filhos : A graça tira o livre arbitrio : reparte-se segundo os merecimentos — e d'aquí quantos destemperos ! A sua obra com alguma dôse de engenho allicia e ganha prozelitos. A Igreja soffre sensibilibissimos golpes. Mas eis rola já como nas azas do trovão a resposta de Jeronimo, e rebentando sobre a cabeça da empolada fera em cem partes a esmigalha.

Assim murchão , assim perecem os multiplicados renovos do eivado tronco do Originismo , do Montanismo , do Arianismo. Tudo cede ás decisões da sua penna, tudo se rende ao estrondo da sua voz. Fadigas domesticas , governo de Mosteiros , perturbações de saude , perseguição d'emulos , desvello pelos seus hospedes , caridosos e activos officios para todo o estrangeiro , nada o desvia da nobre occupação de corrigir os erros , de rectificar ideias , de imprimir no espirito de todos com profundeza indelevel as verdades eternas. Ao contemplarmos as horas , que dispendia nestes actos , parece não restar uma para a composição dos escriptos : ao considerarmos estes parece impossivel comprehenderem-se todos dentro do estreito circulo da vida de um só homem. Numerosas Epistolas , Livro de Custodia Virginitatis , Catalogo dos Escretores Ecclesiasticos , Apologia contra Rufino , Disputas com Santo Agostinho... onde me encaminho !.. Que pertendo ! Recensear , Jeronimo, teus serviços feitos á Igreja !.. Oh ! não é preciso mais... vem a meus braços preciosa urna dos eternos segredos , deposito sagrado das vontades d'um Deos ; vem oh Santa

Bíblia! Qual eras antes de Jeronimo, qual es depois d'elle! Não nos insultavão os Judeos tocante ao Testamento Velho, de que o texto da Vulgata Itala não era genuino nem sincero? Não se achava o texto do Testamento Novo pela audacia dos copiadores, e variedade de codices tão alterado, que baralhava já o que era Canonico com o que o não era? Não foi este o fundamento de tanta discordia de opiniões, de tantas questões interminaveis, tantos scismas, tantas perturbações na Igreja? Sim, é necessario refundir a Vulgata.... mas onde esconderá a terra outros 70 varões insignes de proporcionados hombros para tão agigantada empresa? Aqui é o abysmar: Jeronimo só se abalança a tudo. Já sobre o Grego, já sobre o Hebreo traduz, corrige, purifica, aperfeiçoa; e qual lhe brota das robustas mãos esta veneranda obra, o Sacrosanto Synodo de Trento o declara e manda crer. Eis o Maximo dos Doutores, o Sabio dos Sabios; eis o Espirito, que em si absorve todos os espiritos, a Intelligencia, que comprehende todas as intelligencias = Spiritus qui capiat omnes spiritus = Que homem, Deus meu, suscitaste no mundo! Quem deixará de engrandecer as tuas maravilhas? = Quis non loquetur potentias tuas, Domine, qui talem virum orbi terrarum ostendisti?

O termo da grandeza do Heroe deve ser o da Oração. Eu acabo. Cumpre mesmo deixar-vos em silencio reflectir e repassar pela memoria o muito que Jeronimo trabalhou no desempenho da prática do Evangelho, e no ensino da sua doutrina. Praza aos Ceos que o sentimento d'admiração vos inspire o outro da nobre resolução de o imitardes quanto em vós fôr, para que seguindo seus passos na Jerusalem terrestre, o acompanheis tambem na celeste, participando d'aquella grandeza, promettida no Evangelho a quem guardar, e ensinar a guardar, os preceitos do Senhor. Qui fecerit, et docuerit, hic magnus vocabitur in regno coelorum.

*D i s s e.*



# RHADAMISTHO

E

## ZENOBIÁ.

TRAGEDIA

DE CREBILLON.

POSTA EM VERSO PORTUGUEZ

PELO

*Dr. João Evangelista de Moraes Sarmiento.*

---

OFFERECIDA A SEU IRMÃO

O ILL.<sup>MO</sup> SNR.

*Dr. Francisca José de Gouvea Moraes  
Sarmiento*

PELOS EDITORES.

## ACTORES.

FARASMANE.....	Rei da Iberia.
RHADAMISTHO.....	Seu filho, Rei da Armenia.
ZENOBIA.....	Mulher de Rhadamistho com o nome supposto de Ismenia.
ARSAME .....	Irmão de Rhadamistho.
HIERON.....	Embaixador da Armenia , e Confidente de Rhadamistho.
MITRANE.....	Capitão das Guardas de Farasmane.
HIDASPE.....	Confidente de Farasmane.
PHENICE.....	Confidente de Zenobia.
GUARDAS.	

A Scena he em Artanisse , Capital da Iberia , no Palacio de Farasmane.





## ACTO I.

### SCENA 1.ª

*Zenobia disfarçada com o nome de Ismenia, e Fenice:*

ZENOBIA.

Ah! deixa-me, Fenice, não redobres  
O horror do triste estado, em que me vejo:  
Deixa-me entregue á dor, lidar com ella.  
A tua compaixão, os teos conselhos,  
A vida, a vida mesmo são a o'roa  
Dos males em que abafa a triste Ismenia.  
Ceo justiceiro! oh Deoses vingadores!  
Tal pois devia ser a sorte minha!

FENICE.

Sempre hei-de ver, Senhora, esses teos olhos  
Arrazados de lagrimas a mares!  
Sempre teos ais afflictos hão-de encher-me  
O coração de sustos e cuidados!

Debalde o seo licor nestes lugares,  
Como em todos os mais entorna o sono:  
A Noite para ti não tem descanso.  
Cruel! já que d'amor te não commoves,  
Minha triste amizade attende ao menos.  
Dize, quaes podem ser tuas desgraças  
Gloriosa Captiva n'huã estancia  
Em que amor a teos olhos tudo rende.  
Da triste escravidão em que nasceste,  
Não surges hoje para ter em jugo  
Hum temeroso Amante, o Rei da Iberia?  
Sim: que pertende o Vencedor de Roma  
Senão brindar-te c'hum soberbo Sceptro?  
Se de tantos repudios enfadado,  
D'inuteis homenagens já se cança;  
Quem senão tu, á força de rigores,  
De desprezos crueis, crucis tormentos  
Seos zelos, seo furor tem acendido?  
Ah! longe de afroxar tão viva chamma,  
Lizongea, Senhora, os seos desvellos,  
Logo o verás mais terno, e mais submisso.

ZENOBIA.

Quem seja o duro vencedor tyranno,  
Por quem debalde ao coração me fallas,  
Ninguém melhor do que eu, conhece a fundo.  
Apesar desses titulos pomposos,  
De todo esse amplo estrondo de triunfos,  
De toda a gloria da soberba fronte,  
Nada off'rece a meos olhos o universo  
Mais digno de odio, de rancor eterno.  
Longo tempo trahi tua amizade,  
Occultando o que passo a declarar-te;  
Mas devo emfim recompensar teo zelo.  
Ao menos em sabendo os meos destinos  
Obstac'lo não porás á minha morte.  
Se até gora somida me tens visto  
Entre ferros n'hum pobre abatimento;

Nem por isso este estado de baixeza  
A humilde nascimento corresponde.  
Quantos são meos Avós tantos Reis conto.  
O nobre sangue que nas veas gira,  
Só c'o sangue dos Deoses não hombra.  
Farasmane esse Rei, que d'Asia toda  
O Imperio faz tremer, que dos Romanos  
Insulta o vão furor; esse Rei duro,  
Cujo empenho pertendes que eu prospere,  
He irmão d'aquelle, que me deo a vida.  
Prouvera ao Ceo, que a sorte que o meo liga  
A seo sangue por laços tão sagrados,  
Por mais doces prizoens me não ligára!  
Mas ella o fez ser Pai do meo Esposo:  
N'huã palavra he Pai de Rhadamistho.

FENICE.

Tu Zenobia! que escuto! eu pasmo! oh Deoses!

ZENOBIA.

Sim, cara Amiga, eu sou, sou essa mesma,  
Filha de tantos Reis, resto do sangue  
O mais illustre, bem que desgraçado.  
Depois de longas, rispidas batalhas  
Mithridates meo pai em paz vivia  
Com seo falsario irmão: Armenias ambas  
A's nossas leis sujeitas, o elevavão  
Ao cume da grandeza mais sobido.  
Feliz, se tanto lustre não picasse  
De seo irmão a perfida cobiça!  
Mas o cruel no fundo do seo peito  
Bem cedo devorou sua grandeza.  
A fim de allucinar meo Pai lh'envia  
Se o filho inda n'aurora de seos annos.  
Contente Mithridates o educava  
Como hum Amigo seo, e meo Esposo.  
Sensivel ao prazer de seos agrados

Julguei dever ama-lo, eu o confesso ;  
Jamais porem me veio hum dia á mente,  
Que debaixo de meritos externos  
Tão bellos, tão brilhantes poderia  
Nutrir do crime propensoens damnosas.

FENICE.

Jamais com tudo n'Asia houve Monarca,  
Cujo nome estendesse tanto a Fama.  
Elle dos Reis terror, flagello, assombro...

ZENOBIA.

Sim assás ostentou o seo esforço.  
Eu era apenas no terceiro lustro,  
Quando deste hymineo s'aprompta o facho.  
Rhadamistho seguro se julgava:  
Eis que em nossos estados de repente  
Entra seo pai injusto rebellado,  
De Tridates seguido, deste Partho  
Que minha fé, meos votos anhelava;  
E que ao ver-me roubada em braços d'outrem,  
Cruamente, de colera mirrado,  
Semea em toda a parte o horror, o assombro.  
Por seo perfido irmão acabrunhado,  
Mithridates ardendo de vingança,  
As cruezas do pai no filho pune.  
Sem mais consid'ração logo a Tridates  
Meo Sceptro, minha Mão promette prompto.  
Foi então que irritado Rhadamiistho  
De tão pezada, tão funesta affronta  
Ao desagravo solta as redeas todas.  
Cahe como raio espedaçando tudo,  
Tudo abrazea, tudo dilacera.  
Já destrona meo pai, já o seu repulsa;  
E a nada olhando desesperado, e cego  
Apesar de Numidio, e a Syria inteira  
Constrange Pollião a que lhe entregue

Meo desgraçado pai: tentei salva-lo  
Hum generoso amante enternecendo.  
Elle prompto promette esquecer tudo,  
Se visse a sua fé recompensada  
Da minha mão com a segura posse.  
Que logo que hymineo nos enlaçasse,  
O Imperio tornaria á lei primeira.  
Desta doce esperança allucinada  
Eu mesma junto ás aras apressava  
O fatal hymineo: quando perjuro  
Meo amante o conclue tinto do sangue,  
Do mesmo sangue, que por este preço  
Eu queria salvar: o Ceo irado  
Contra tantos horrores allumia  
Com a tocha das furias impios laços!  
Que barbaro hymineo! oh justos Deozes!

FENICE.

Eu sei, eu sei que o povo alvorotado  
Culpando-te do Rei na infausta sorte...

ZENOBIA.

Barbaros! sem saber que m'occultarão  
Seo destino fatal vingar quizerão  
Sobre meo peito sua morte dura.  
Perturbado c'o pezo de seos crimes  
No extremo deste p'rigo Rhadamistho  
Desfalecer parece; porem logo  
Todo o antigo furor aviventando,  
Estragos desaparzindo, horror, carnagem,  
*Vem, me diz, o povo que m'ultraja*  
*Debalde a meo valor fecha a passagem:*  
*Segue-me, vem: e as aras postergando*  
Eis nos braços me toma em furia acezo:  
Entre a chusma dos seos terrivel rompe,  
Rompe o mesmo Artaxates que ja tarde  
A morte de meo pai yingar tentava.

Apertado com tudo immensamente,  
Da multidão em torno assoberbado,  
Meo Esposo volvendo a mim os olhos...  
Mas longe de pintar acção tão negra  
Sua infausta memoria respeitemos.  
Poupa á minha virtude a fea historia  
Dos feitos que desluzem sua fama.  
Hum infeliz assás culpado tenho:  
Não posso despertar tão triste idea,  
Sem lamentar de Rhadamistho a sorte:  
Fenice, basta emfim, basta dizer-te,  
Que arrojada por mão que me era cara,  
Mão inda com meo sangue fumegando,  
Victima d'hum amor desesperado,  
Quasi morta me vio nas suas ondas  
De mergulho cahir turvado o Araxes.

FENICE.

E quem? foi teu esposo? oh deshumano!

ZENOBIÁ.

Já da morte os horrores enevoavão  
Meos froxos olhos, quando o Ceo benigno  
Deparando-me hum braço caridoso  
Me salvou d'hua morte inevitavel.  
Mas apenas do tumulto surgida  
Força me foi chorar perdido o esposo.  
Soube não sem tremer, que seo pai duro,  
Pelo augmento do filho embravecido,  
Pretextando vingar do irmão a morte  
Contra nós revoltára os povos todos;  
Que no seio d'Armenia introduzido  
Elle mesmo arrancára ao filho a vida.  
Dando então aos pezares livre fuga  
O cuidado detesto de meos dias:  
Sem mágoa perco o trono, perco a Pátria,  
E desfarçada com supposto nome

Assim na Média incognita vagueio.  
Já passados emfim serão dez annos  
D'humilde escravidão, e de tormento,  
Sem nome, sem asylo, sem amparo,  
Por toda a parte foragida sempre,  
Quando esperava mais tranquillias horas,  
Subito a Guerra rompe, e n'hum instante  
Meo pobre acolhimento alue, arraza.  
Ante seos passos o terror levando  
Com o raio na mão Arsame avança:  
Arsame para mim d'hum sangue odioso,  
A meos olhos com tudo assás amavel,  
Filho d'hum pai traidor, e deshumano,  
De Rhadamistho irmão, de meo esposo...

FENICE.

Mas sem embargo de tão sacros laços,  
Do Esposo os Manes por ventura ultrajas  
Aos affectos d'hum Principe cedendo,  
Que tem por tantos generosos rasgos  
O seo ardente amor assignalado?

ZENOBIA.

Ah! se tão dura ausencia não roubasse,  
Não roubasse esta unica esperança!...  
Mas por triste dever Arsame ausente  
Nem sombra de esperança me permite.  
E para maior mal soube que Armenia,  
Que por justo direito a mim só cabe,  
Nas mãos dos Parthos cahiria prestes,  
Ou talvez dos Romanos, se não fosse  
Em mais barbaras mãos dar sua sorte.  
No seo feroz dezejo havendo certa  
Sua conquista Farasmane aprompta  
Com ancioso fervor sua partida.

FENICE.

Pois bem: foge das suas leis injustas:

Os Romanos não tens da tua parte,  
E não tens o que he mais os teos direitos?  
Por hum Embaixador da Syria vindo  
Sabemos hoje, que só deve Roma  
D'Armenia decidir: tu que és Rainha  
Destes Estados, contra hum Rei tyranno  
Faze empenhar o Embaixador de Roma,  
Que nesta Capital hoje se espera.  
Justiça, Protecção implora a Cezar:  
De seo Embaixador o apoio escolhe:  
Que te defenda; aliás com elle foge.

ZENOBIA.

E como quebrarei tão duros ferros?  
Como além disso acreditar-se pode  
Huã incognita escrava fugidia?...  
Como?... porem que objecto?... aqui Arsame?

SCENA 2.<sup>a</sup>

*Zenobia com o nome de Ismenia.*

ARSAME, FENICE.

ARSAME.

Ser-me-ha dado off'recer-me inda a teos olhos?...

ZENOBIA.

E's tu? és tu, Senhor, que já d'Albania...

ARSAME.

Tudo está submettido: em toda a parte.



De mil favores m'accumúla a Gloria:  
Por entre tanto brilho só Ismenia  
D'abater-me parece, que faz timbre.  
Bem certo de que vai minha presença  
A colera attrahir d'hum pai severo,  
Não podendo com tudo com meos zelos  
A abandonar m'arrójo d'insofrido  
A meo dever os postos confiados.  
Ah, Senhora, he verdade que hum Monarcha  
Tão feroz, tão terrivel, tão de ferro  
Aos encantos se rende de teos olhos,  
E que hoje ha-de Hymineo doirar-lhe a c'roa?  
Perdôa a agitação, o sobresalto  
D'hum amante infeliz: assás conheço  
Que a minha dor te enfada; he bem patente  
Como ouves constrangida as minhas queixas.  
Com razão: hum rigor lançar em rosto  
Só convem aos amantes venturosos:  
Mas eu objecto sempre de desprezos,  
Cheio d'amor, sem raio de esperança,  
Victima infausta de tenaz flagello  
Bem que ás leis tuas sempre o mais sujeito  
De que me hei-de queixar; que me fizeram?  
Foi-me acaso algum premio promettido?  
Indignado com tudo contra a sorte  
Que pender vejo sobre a tua fronte,  
D'hum barbaro rival, de ti me queixo.  
O amor, o terno amor que me electriza,  
Não he por infeliz menos zeloso.

ZENOBIA.

Não, não te nego, que hum fatal incendio  
Mil chammas desenvolve, que eu detesto:  
Mas por mais que se enfune de grandeza  
Seja o poder qual for que o Rei ostente,  
Dispor da minha fé em vão pertende.  
Não infras porem, que já sensivel  
O teo resentimento acolho, e approvo.

ARSAME.

Apesar da paixão que me enche o peito  
Faze-me embora objecto do teu odio:  
Impoem ao meu amor a lei mais dura,  
Com tanto que a meu pai a mão recuzes.  
Se não tens de ser minha, se por outro  
Ha-de teu coração inda inflamar-se,  
Então dá-me rivaes, que immolar possa,  
Contra quem sem murmúrio o odio rompa.  
Nem sempre Amor respeita a Natureza.  
Bem me dizem que não do zelo os gritos.  
E quem sabe se o Rei for teu esposo  
Até que ponto a minha cega raiva  
Por tamanha injustiça me despenhe?  
Não he só este o bem de que me priva.  
Na eleição de teu Rei Armenia attenta  
Por desvelos d'Hierão em mim decide.  
Ancioso por quebrar tuas cadêas,  
Colocando a teos pés teu trono, e sceptro,  
Eu vinha esta homenagem consagrar-te;  
Mas o injusto rival, pai deshumano  
Teu Sceptro, e tua mão tudo me rouba.  
Que leve muito embora Armenias ambas,  
Leve Reinos, e Reinos; mas não leve  
A doce, a bella, a encantadora Ismenia,  
Ismenia, que só faz minha ventura,  
Ismenia a cujos olhos agradando  
He todo o bem que os Ceos fazer-me podem.

ZENOBIÁ.

E porque causa a tão funesto sitio  
Havias de trazer-me? por ventura  
Lá onde estava, ao menos meu destino  
A' sombra do repouzo não corria?  
Teus excessos a meus males aggravarão.  
Mas, Senhor, desse affecto que he o que esperas?  
Convem por huã escrava tanto extremo?

Ah que as minhas desgraças inda ignoras.  
Não, de meo pranto a fonte não se enxuga.  
Ainda quando Amor nos enlaçasse  
Não ligava Hymineo os nossos fados.  
Apesar do poder que o Rei inculca,  
Rival não he, que mais temer te cumpre.  
Hum dever rigoroso, indispensavel  
Teo amor a silencio eterno força.  
Eu oiço estrondo... lá se abrirão portas...  
Eis o Rei... quanto temo a sua vinda!

### SCENA 3.<sup>a</sup>

*Farasmane, Zenobia com nome de Ismenia, Arsame,  
Mitrane, Hidaspe, Fenice, Guardas.*

FARASMANE.

Que diviso! meo filho em Arthanise!  
Sem eu saber, Arsame em minha Côrte!  
Comtigo Arsame!... calas-te, Senhora!...  
Que devo suspeitar de tanto assombro!  
E tu de quem fei minha vingança,  
A quem honrei com tão luzida escolha,  
Príncipe dize, que motivo estranho,  
Que urgente precizão, que utilidade  
Aqui te conduzio sem ordem minha,  
Sem te lembrar ao menos dar-me parte?...

ARSAME.

Vencidos como são teos inimigos,  
Podia eu presumir que a minha vinda  
Tão estranha te fosse, e até suspeita?  
Senhor, qual he meo zelo, meo character  
Assás conheces para bem julgares  
Da bastante razão porque viria  
Depois do emprêgo, que de mim fiaste.

A tuas armas tudo está sujeito:  
E quando tanto á custa do meo sangue  
Teo trono adórno de viçosas palmas;  
Quando tudo resoa c'o arruido  
Da minha alta victoria; em premio della  
He este o que me dás acolhimento?  
Soube que Syria, e Roma t'ameaçavão;  
Soube que Iberia Corbullon investe.  
Por seo dever teo filho conduzido,  
Até se lisongeava de que agora,  
Com gosto mais que nunca o reverias.  
Jámais me pôde vir ao pensamento,  
Que a minha promptidão, minha impaciencia  
Suspeitas na tua alma encravaría.  
Que me abrissem as portas esperava  
Quando neste lugar Ismenia encontro.

FARASMANE.

Não temo Corbullon, nem Syria, ou Roma;  
A zombar desses nomes vivo affeito.  
E apesar de primor tão generoso  
Não, approvar não posso que voltasses  
Do teo destino sem licença minha.  
Além disso que fez de mais teo zelo,  
Do que hum filho, hum vassallo fazer deve?  
E duvidas, por mais que te engrandeção,  
Por maiores que sejam teos serviços,  
Que hum crime só qual este apaga todos?  
Pois sabe que teo Rei se lembra delles  
Só para não punir tençoens que ignora.  
Sejam quaes forem entretanto parte,  
E parte antes da noite: vai a Colchos  
Extinguir d'atrevido amor os restos.  
Desde já ver Ismenia te prohibo.  
Ella vai ser á minha sorte unida.  
Hymineo c'roará hoje os meos votos.  
Assás tão digno, tão sublime objecto  
A sob'rana grandeza tem m'recido.

Se inda hontem escrava, hoje Rainha...  
Mas he dizer-te muito: meos ciumes  
Como tu testemunhas não consentem  
Nem hum momento de demora; parte.

SCENA 4.ª

*Farasmane, Zenobia com o nome de Ismenia, Mitrane, Hidaspe, Fenice, Guardas.*

ZENOBIA.

E com que estranha lei, com que direito  
Assim escravisar ousas minha alma?  
A suprema grandeza em vão m'off'reces:  
Meo coração por ella não se compra:  
Sabes aliás quem sou, se o meo destino  
Já por outro hymineo se tem ligado?  
Sabes se o sangue que me deo a vida  
Me permite escutar os teos affectos?

FARASMANE.

Não sei que sangue as veias te circula;  
Mas quando fosse tal qual ser merece,  
Tanta gloria no meo superabunda,  
Que ousa c'os Deoses mesmo aparentar-me.  
Artificio debalde ao rigor juntas:  
Ingenhosos rodeios são frustrados:  
Pois que enfim obedeças he preciso.  
Se até gora fallei no tom de amante,  
Pois que nada omitti para agradar-te,  
Desde hoje como Rei quero me escutes,  
A Grandeza Real he quem te falla.  
Do meo poder, das minhas iras treme.  
Bem que cheios d'amor, d'amor vassallos,  
Os Reis jámais consentem resistencia.  
Nem na minha paixão te fundamentes:

Amor deve curvar a fronte ao Sceptro,  
Tudo, aos Reis deve tudo ser sujeito.  
Nem me he desconhecida a grande causa  
De taes repudios, de despresos tantos;  
Sei que á vinda d'Arsame devo tudo:  
Mas teme que teo pranto antes de á noite  
Me deixe do audaz filho assás vingado.

SCENA 5.<sup>a</sup>

ZENOBIA, FENICE.

ZENOBIA.

Ah barbaro! ah tyranno! pois he força  
Que a abafada ternura se despregue,  
E que o meo odio teo furor castigue;  
Teme, teme que Amor armado apenas  
De meos poucos, meos debeis attractivos,  
Te faça quantos males me tens feito.  
Eia, que espero, porque espero ainda?  
Manes de Mithridates, não he tempo,  
Não he já tempo que á vingança estale?  
Sagrada sombra do meo caro esposo,  
Vem, vem em meo soccorro oh sombra augústa,  
Enche meo coração da raiva tua:  
Ensopa-me no fél dos teos ciumes:  
Vingue o meo braço deste monstro a todos...  
Inda melhor:... vinguem-nos do monstro  
Por mãos dess'outro filho, que lhe resta.  
O crime a teo respeito commettido  
Seo outro filho só expiar deve.  
Só delle os Deoses seo supplicio fãõ,  
E a seo braço de vingança armemos.  
Fenice, corre, vòa, vai dizer-lhe  
Que á sua compaixão me entrego toda;  
(Mas sem me descobrir soccorro implora;)

Que para me salvar deste tyranno  
Na minha justa causa Roma empenhe;  
Que seo Embaixador hoje se espera  
E que este pôde ser o meo apoio.  
Pinta a seos olhos bem d'Armenia o trono:  
Pelo brilho do Sceptro a honra abala:  
Pinta-lhe os males da infeliz Ismenia:  
A desesperação, a magoa pinta.  
Pois foi amor quem fez minha desgraça,  
Ninguém senão amor vingar-me deve.





## ACTO II.

### SCENA I.

RHADAMISTHO, HIERÃO.

HIERÃO.

Que vejo ! devo crê-lo ! Rhadamistho !  
Rhadamistho inda vivo , e nestes sitios !  
He possivel , que o Ceo te restituisse  
A meo saudoso pranto , e me conceda  
Dos dias meos o mais ditoso dia !  
Es tu , Senhor ! por que feliz acaso  
Da tua morte a fama assim desmentes !

RHADAMISTHO.

Prouvera ao Ceo , Hierão , que a mão avara ,  
Que o Sceptro me roubou , roubasse a vida !  
Mas o Ceo me deixou por justo premio  
Dias cheios de magoa , d'horror cheios.

•



Ah ! longo de mostrares gôsto e zêlo  
Por hum Rei , que o destino torna a dar-te ,  
Não me vejas senão como hum furioso ,  
Digna preza da colera dos Deoses ,  
Que a sua alta vingança proscrevêra :  
Exccração, escandalo dos homens ,  
Que o mesmo ar infecta, que respira :  
Como hum monte de crimes e remorsos ;  
Indigno de gozar a luz do dia ,  
E muito mais gozar tua amizade ;  
Como hum monstro d'horror, monstro dos monstros ,  
Perfido á amor , traidor á Natureza ,  
Usurpador , perjuro , parricida...  
Ah ! que se mil remorsos roedores  
Em turbilhoens me não fervessem n'alma ,  
Vendo impunes os meos , negar havia  
A existencia d'hum Ceo , que os crimes pune !

HIERÃO.

Folgo de ver , Senhor , esses pesares ,  
Mas he sempre o dever a nossa guia ?  
Faltando á fé votada Mithridates  
Parece impôr-te a Ley de te vingares,

RHADAMISTHO.

Como te atreves inda a lizongear-me ?  
Pinta-me antes o horror d'atrozes furias ;  
De Mithridates lembra a negra sorte ,  
Lembra esse dia , os juramentos lembra ,  
Que com sangue manchei dos infelizes.  
Se he que podes contar victimas tantas  
Pelos meos crimes , meos remorsos conta.  
Já quero , que traidor , qual foi comigo ,  
Mithridates do golpe fosse digno ;  
Que ao roubo , que me fez , á afronta , á infamia  
Todo o seo sangue bem devido fosse ;  
Mas Zenobia que fez ? ... Ah tu já tremes !  
Já te horrorizas todo ! sim tu mesmo

\*

Com tua propria mão , tu cravarias  
No meo peito o punhal , se eu te contasse  
Té onde me arrojou do zêlo a furia...  
Meos crimes , ou desgraças ouve todos ,  
Ou antes por meo pranto delles julga.

HIERÃO.

Como tu de teos males commovido  
Não examino se és ou não culpado.  
Entretanto não he mui criminoso  
Quem a tantos remorsos se abandona.  
Serena a agitação , que te perturba ,  
E digna-te contar com mais socego...

RHADAMISTHO.

Como hei-de proseguir tão negra historia?  
Como ousar descrever tantos furores ,  
Se com a idea só todo o meo sangue  
Sinto ao centro acolher-se , e congelar-se !  
Sem que meos impios labios o repitão ,  
Tu sabes o que fez meo braço iniquo :  
Viste , como apinhado em torno ás áras  
Todo o povo em motim m'arreatára  
A fortuna a meos dias destinada.  
Viste , como atravez d'immensos p'rigos  
Aos torvos olhos seos Zenobia arranca:  
Esforço inutil ! tudo foi baldado !  
Pensa neste momento , qual seria  
Para hum alma sensivel como a minha  
A desesperação , o apêto , o affôgo.  
Quiz immolar-me , mas Zenobia acode ;  
Mil vezes de joelhos me supplica ,  
Mil nos braços me toma , e com seo pranto  
Banhando minhas parricidas armas ,  
Diz-me o que Amor inspira de mais terno ,  
Amacia , enternece , amolga , afaga...  
Que objecto , caro Hierão ! Que doce objecto !  
Jámais tão gentil quadro , tão mimoso

A meos olhos mostrára o mundo inteiro.  
Mas que importarão attractivos tantos ?  
Longe do coração amollecere-me  
Os zêlos mais e mais atção, dobrão.  
Pois quê ? digo eu tremendo, a minha morte  
Segura a meo rival sua conquista?  
Tridates vai gozar de certo agora !...  
Fito em Zenobia os olhos: esta vista,  
E a vista do seo pranto mais me cega:  
Todo raiva, e furor corro-lhe hum golpe,  
E morta sobre o Araxe eu mesmo a arrasto.  
Lá minha mão lhe cava a sepultura,  
Lá do nosso hymeneu apago a tocha.

HIERÃO.

Quanto he para chorar sua desgraça !

RHADAMISTHO.

Depois deste sacrilego attentado  
Privado dos meos todos, perseguido  
A' desesperação deixo os meos dias.  
Indigno de viver m'atiro á sanha  
Dos ferozes, brutaes perseguidores,  
Que meo Pai, mais cruel do que elles todos,  
Contra a morte excitava de seo filho.  
Immensos sobre mim granizão golpes:  
Jôrros de sangue a vida já me escôão:  
Quando contra estas feras indignado  
Da Syria vindo hum Batalhão Romano  
Moribundo das suas maons m'arranca.  
Tarde chegado aos muros de Artaxates  
Com o fim de vingar do Rei a morte  
Corbullon contra mim em armas posto  
Conserva sem saber seo inimigo.  
Da minha infausta sorte commovido,  
Ou talvez por valor que em mim notára,  
Este digno Romano generoso,

Mau grado meo, do meo furor me salva.  
Sensível ás virtudes, que o ornavão,  
Sem com tudo mostrar-me agradecido  
Longo tempo occultei meo nome, e patria  
Com horror arrastando hum fado escuro  
D'huma lembrança atroz ralado sempre;  
E para maior mal no fundo d'alma  
Ardendo mais que nunca em chama infausta,  
Chama que Amor em premio aos meos delictos  
Cada vez mais de rijo assopra, avulta,  
Reproduzindo por já frias cinzas  
De ternura agudissimos extremos.  
Assim cheio d'amor, e de remorsos  
Igoalmente temendo a luz e as trevas,  
Atribulada vida n'Asia arrasto.  
Servindo a Corbullen muito de industria  
A p'rigos m'abalanço; e por desgraça  
Aonde buscò a morte a gloria encontro.  
Extincta por dez annos parecia  
Do passado esplendor toda a memoria,  
Quando soube, que Armenia em Leis odiosas  
Prestes hia metter-se; que em segredo  
Meditando meo Pai sua conquista  
Com novo diadema a fronte alçava.  
Aos echos desta voz rijos balanços  
Sinto n'alma imprimir-me a gloria, e a raiva.  
Desata-se o ciúme; e electrizado  
Tudo a final a Corbullen declaro.  
No Rei tanta grandeza não tolero;  
E para ao meo desforço dar comêço  
Nomear-me faço Embaixador de Roma.

#### HERÃO.

E com esse character que projectas?  
Já te não lembrão tão fataes despenhos,  
A que ardida vingança te arrojára?  
Suffoca, abafa o temerario impulso.  
Carregado de horrores que pertendes?

RHADAMISTHO.

Nem o posso saber : furioso , incerto ,  
Criminoso , sem gosto para o crime ,  
Sem tenção para sê-lo, virtuoso ;  
Ludibrio infausto d'amargura extrema ,  
Neste intrincado , lastimoso enleio  
Conheço-me a mim mesmo por ventura !  
De diversos cuidados combatido  
Sem amar a virtude , ao crime adverso ,  
De mal fadado amor funesta prêsa  
Meo coração lá vai por onde o leva  
Dos remorsos a lugubre corrente :  
Arrependido sem colhêr proveito  
Só para o detestar , quem sou , conheço.  
Neste Palacio , asilo de cruezas  
Onde me vejo , sei se o que m'impelle  
He desesperação , amor , ou odio ?  
Perdi Zenobia ; depois desta perda  
Ainda me perguntas , que pertendo ?  
Proscripto , odioso á luz , desesperado ,  
Quero , quero vingar-me , e quereria  
Vingar-me até da Natureza inteira.  
Tudo he fel e mais fel nas minhas veas ,  
No eivado coração tudo he veneno ,  
Tudo em mim he furor ; estes remorsos ,  
Estes mesmos que são ? São furor tudo.  
De meos males o Autor aqui procuro.  
Que he Pai em vão me diz a Natureza :  
Ou he talvez aqui que o Ceo irado  
Mais não soffrendo a impunidade minha  
Justificar-se quer : talvez o raio  
Sobre a minha cabeça suspendido  
Com horrido fracasso aqui m'estale.  
Oh ! e prouvera aos Deoses , que este rai,  
Ha tanto tempo justamente erguido  
Hum só momento mais , hum só momento  
Não tardasse em cahir , em esmagar-me !

HIERÃO.

Foge d'aqui, Senhor, fuge depressa.  
Longe de provocar do Ceo as iras  
A natureza ao menos te serene.  
Para ti nesta Côrte sacro he tudo.  
Vingares-te hade ser da Iberia longe.  
Para a Armenia comigo a estrada toma.

RHADAMISTHO.

Não, não he já tempo; ha-de hir ao cabo,  
Ha-de cumprir-se á risca o meo destino:  
Ou morrer, ou vingar-me, e servir Roma.  
Roma sempre a meo Pai opposta em planos  
Depositou em mim os seos direitos,  
Bem certa de que eu nada esqueceria  
Contra um Monarcha, que terror lhe infunde.  
Do meo, e seo poder tendente ao côbro  
Roma quer evitar incerta guerra,  
Da vergonha das outras bem lembrada:  
Quer conservar Armenia, ou trazer nella  
Da discordia entre nós o facho acceso.  
Por dom de Cezar eu sou Rei d'Armenia.  
Por mim a Iberia destruir medita.  
Já seos furores são assás patentes  
Para que Roma algum contrato occulto  
Suspeite entre nós ambos concertado.  
Tal a grandeza excelsa, que alardea!  
Tal de Roma a politica assombrosa!  
Assim perdendo hum Pai por maons d'hum filho  
Aos inimigos seos fatal se torna.  
Assim para firmar poder injusto  
Seos direitos á minha furia entrega,  
E sob hum titulo angusto aqui me envia,  
Não como Embaixador, como hum furioso,  
Que ao seu rancor sacrificando tudo  
Pode atrever-se ao Parricidio mesmo.  
Sua ardilosa ideia bem alcanço:  
Mas o meo coração ardendo em iras,

Em iras mais, e mais cevar-se deixa.  
Inimigo da Iberia, e dos Romanos  
Eis como os lares paternaes revejo.

HIERÃO.

Deputado tãobem, mas d'outra sorte  
Eu da parte d'Armenia offerecer vinha  
O Throno a teo Irmão, que o Pai cubiça.  
Declarar venho a este Rei soberbo,  
Que impôr a Armenia Leis debalde intenta.  
Mas não receias, que apesar d'ausencia? ...

RHADAMISTHO.

O Rei não me vio mais desde menino;  
E nelle a Natureza falla pouco  
Para que possa recordar agora  
Feições, que a mão dos annos apagára.  
Não tenho que temer senão teos olhos;  
E tu mesmo talvez não conhecêras,  
Se occultar-se podéra o teo amigo.  
Eis chega o Rei: meo coração ao vê-lo  
Quanto lhe custa reprimir a furia!  
Amansemos porém seo ardimento,  
E d'hum Embaixador o tom tomemos.

SCENA 2.ª

*Farasmane, Rhadamistho, Hierão, Mithane, Hydaspes, e Guardas.*

RHADAMISTHO.

Senhor de tantos Reis, hum Povo illustre,  
Que se digna fallar por minha boca,  
Sabedor como tu dos teos projectos

A suprema vontade te annuncia.  
Não que desconhecer pertenda Nero  
Pela immensa grandeza, que o circunda,  
A Reis taes como tu quanto he devido:  
Não, Roma não ignora até que ponto  
Entre os nomes por armas celebrados  
A sonora fama o teo altéa;  
Antes bem engolfada em mar de gloria  
De louros marciaes pujante sempre  
Teo notorio valor respeita, e admira.  
Mas sabes seo poder a quanto monta:  
Foge pois de excitar sua vingança.  
Alliada, ou melhor sujeita a Roma  
Da sua escolha Armenia o Rei espera.  
Entretanto, Senhor, os teos soldados  
Já das fraldas do Caucazo partidos  
Para o Phezo a forçadas marchas correm.  
Nas suas margens de guerreiros cheias  
Cyro faz tremolar teus estandartes.  
Roma de sofrer tanto já se cança.  
A tanta audacia os Reis não acostuma.  
Se em desfalque talvez dos seos direitos  
A teu progresso não ergueo barreiras,  
Se a Média, se Tigrane abandonára,  
Nem por isso ceder-te Armenia tenta.  
Eu te declaro pois, que não quer Cezar  
Que á Araxes teos passos encaminhes.

FARASMANE.

Bem que sei desprezar fofos discursos,  
Sempre a tua insolencia assás admiro.  
Com que despejo, com que insana fronte  
Te atreves tu, de Corbullon soldado,  
Trazer á minha Côte ordens de Nero?  
E desde quando se imagina elle  
Que em menoscabo de minha alta gloria  
Da suprema grandeza deslumbrado  
A seo Embaixador tenha respeito?



Eu a quem a Victoria tantas vezes  
A Roma não temer tem eusinado:  
Eu que invenciveis Povos tendo em jugo,  
Quem são esses Romanos tão temidos  
Bem o tenho mostrado ao Mundo inteiro?  
Que os Parthos tremer faço, aquelles mesmos  
Que terror dos Romanos se reputão?  
Por ventura este Povo triunfante  
Já vio entre baldovens, entre improperios  
Minhas Imagens preceder aos carros?  
Ao contrário a vergonha, que esparzirão  
Sobre o lustre das suas minhas armas,  
Do indigno fausto do orgulhoso cóbre  
Deixou aos Reis vencidos bem vingados...  
Mas da tua missão qual é o objecto?  
He guerra em fim, que Nero me declara?  
Que não se engane: a pompa destes sitios  
Nada tem, bem o vês, que dê nos olhos.  
Palacio, Cortezaons,\* o Reino, o Povo,  
Tudo respira aqui fausto selvagem.  
Madrasta a Natureza neste clima  
Em vêz d'ouro produz ferro, e soldados.  
D'asperezas erriçado nada encerra  
Seo seio, que a avarenta Roma excite...  
Interromper porém os meos projectos  
Ella querendo póde!... e se he que pode,  
Se tudo tão bem sabe como eu mesmo,  
Porque não tem exercitos em marcha?  
Essas soberbas Legioens que fazem?  
Esses famosos, inclitos Guerreiros  
Por seos Embaixadores só combatem?  
Com a espada na mão, com ferro, e fogo,  
E não por vãos, por frigidis discursos  
He que convem tolher-me o passo á Armenia:  
Muito mais quando vou abrir caminho  
Até desafiar Corbullon mesmo  
Se for mister do Eufrates sobre as margens.

HIERÃO.

Inda que Roma a nossas Leis attenta  
Do nosso Rei a escolha te commetta,  
Não esperes, Senhor, que Armenia queira  
A' sabor de teos votos explicar-se:  
D'huma parte os Romanos, d'outra os Parthos.  
Por ciumes sem fim aguilhoados  
Contra nós bein de pressa se armarão.  
Occupada em chorar sua miseria  
Armenia quer hum Rei, que de Pai sirva.  
Nossos Povos afflictos, desolados  
Das doçuras da paz carecem' muito;  
E paz sendo tu Rei jámais teremos.  
Tens virtudes, tens boas qualidades,  
Mas a tua ambição faz-te suspeito.  
Rei queremos aos Parthos indifferente,  
Aos Romanos porem sujeito sempre.  
Pertender a teo Sceptro submeter-nos  
He menos conquistar, que destrui-nos.

FARASMANE.

Nesse discurso de pretextos cheio  
Não filho da razão, mas dos Romanos,  
Assás vejo o interêsse que vos move.  
Pois bem, a guerra, a guerra se declare.  
Cedo se saberá quem, se eu, ou Roma  
Deve á Armenia dar Leis: e sem embargo  
Dessas maximas falsas, desses sustos  
Qual de nós tem direitos mais sagrados;  
Quem ao Filho, ao Irmão succeder deve.

RHADAMISTHO.

Quem?... Tu, que a ruina lhes fizeste,  
Podes herdar de quem assassinaste?

FARASMANE.

Que ouço ? na minha Côrte assim m'insultão  
Assim os Reis se tratão ? Oh lá Guardas !...

HIERÃO.

Senhor , que ousas fazer ? reflecte que ambos...

FARASMANE.

Rende graças ao titulo sagrado  
Com que Nero te honrou : se elle não fôra ,  
A pesar mesmo d'eu perder a vida  
A mais atroz sanguinolenta affronta  
D'hum Ministro insolente me vingára.  
Não obstante com tudo o teu character  
Minha colera evita : da-te pressa ,  
E a bem contar a Corbullan não tardes  
Como as ordens de Nero aqui recebo.

### SCENA 3.ª

RHADAMISTHO, HIERÃO.

HIERÃO.

Que fizeste , Senhor, quando devias...

RHADAMISTHO.

Que queres ? Se não pude constranger-me ?  
Quanto mais além disso o Rei azédo ,  
Tanto melhor os meos projectos cumpro.  
Por este rompimento empenho a Roma  
Para dar aos meos fins todo o remate,  
A Iberia revoltar resta somente :

Resta ajuntar hum numeroso bando ,  
Que ao Monarcha orgulhoso embargue os passos.  
Os seos vassallos a seo jugo indoeis ,  
De prolongadas guerras já cançados ,  
Juro , que todos são seos inimigos.  
Exasperemos mais o seo desgôsto ,  
E meo Irmão na empresa interesseemos.  
Seguro meio de illudi-lo tenho.  
Hum tal Pai, hum tal Rei, hum tal Tyranno  
Sangue merece ao delle parecido.





## ACTO III.

### SCENA 1.ª

RHADAMISTHO só.

Meo Irmão em segredo quer fallar-me !  
Deoses ! serei por elle conhecido !  
Qual será seo designio?... não importa ;  
Hei-de fallar-lhe : como que presinto  
Para a minha vingança fausto agouro !  
Da injustiça do Pai talvez cansado  
A trahir seos deveres se resolva !  
Vem gente... he elle... miserando Joven !  
Não he sómente a mim que o Rei molesta.

### SCENA 2.ª

RHADAMISTHO , ARSAME.

ARSAME.

A julgar pela colera , que ostenta  
Em seos olhos o Rei , d'aqui se parte

Dos Romanos bem pouco satisfeito.  
Com elle, cujo orgulho assás conheço,  
Menos inda os Romanos estar podem.  
Sem embargo porém destas diferenças  
Tua alta dignidade respeitando  
Como amigo, Senhor, fallar-te posso?  
E esperar devo, que me escute Roma  
Sem confundir jámais o Rei c'o filho?

RHADAMISTHO.

Posto que o meo respeito violará,  
Podes tudo esperar não só de Roma  
Mas das tuas virtudes: não he hoje  
Que em respeita-la concordamos todos.

ARSAME.

Ah Senhor! quanto vai ser-te suspeita!  
Por este mesmo encontro quanto temo  
D'huma vez destruir todo o conceito?  
Nem apesar dos males, que me cercão,  
Da poderosa causa, que me obriga,  
Deixo de conhecer-me assás culpado:  
E os remorsos mostrar, que me lacerão,  
He trahir a virtude com mais pompa.  
Declarada entre nós e Roma a Guerra  
Sei que ver-te não posso, nem fallar-te,  
Sem faltar a meo Pai, e a meos deveres.  
Conheço-o, e para mais desmandamento  
Venho a tua piedade supplicar-te.  
Des-amorado Pai cioso sempre  
De qualquer dita minha he quem me força  
A procurar sómente em ti recurso.  
Não que eu queira pintando Farasmãe  
Sobre seos dias derramar veneno:  
Ao menos deste horror me justifico,  
Quando aliás o mais tudo me condemna.  
Por mais duro que seja e rigoroso,  
Por mais que em aggravar-me se desvele

Não, para mim não he menos sagrado.  
A Natureza nelle, he bem verdade,  
Que inimigos e filhos não estrema.  
Não sou eu só do seo rigor o objecto.  
Tive hum Irmão illustre, generoso,  
Digno por seo valor de melhor sorte!  
(Oh! quanto inda lamento o seo destino!)  
Elle quasi do berço o proscrevêra,  
E no peito por fim lhe enterra a espada.  
Dos fados deste heroe participando  
Talvez o mesmo golpe hoje m'espere;  
E com mais causa, pois sou mais culpado.  
Mas não he este o mal, que mais me fêre:  
A morte nada tem, que me intimide:  
Bem diverso cuidado a ti me guia.

RHADAMISTHO.

Seja o que fôr, com toda a liberdade  
Certo de auxilio confiar-me podes.  
Contra o barbaro Pai mais indignado  
Ainda do que tu, só ao seo nome  
Recrescer minha colera presinto.  
Pelas tuas virtudes attrahido,  
Entregue todo a ti, nos teos desastres  
Inda sem os saber já tómo parte.  
Hum pouco tua mágoa serenáras,  
Se souberas por ti quanto m'int'resso.  
Principe, falla: contra hum Pai tyranno  
Queres armar todo o Romano Imperio?  
Descança, que d'acôrdo hoje comtigo,  
Comtigo huma respiro só vingança.  
Se chamar Corbullon te he necessario  
Por testemunhas tómo os Deoses todos  
Em como os votos teos serão enchidos,  
Bem que só para ti se ganhe Armenia.

ARSAME.

Que me propoens, Senhor? que pensamentos?

Que mal entras no fundo da minha alma ?  
Quem ? eu ? trahir meo Pai... trahir a Patria ?  
Os Romanos chamar da Iberia ao seio ?  
Se perfidia tão negra he necessaria ,  
Já de mim nada tem que espere Roma.  
Huma vez que me digas , que he preciso  
Comprar hum beneñcio por hum crime ,  
Nada quero , Senhor ; então bem posso  
Para infelizes tentar outro apoio.  
Confesso , que ao ouvir grandezas tantas ,  
No seo lustre attentando , julguei Roma  
Util aos homens como os mesmos Deoses ;  
E que para alcançar nobre soccorro  
A razão de infeliz bastava apenas.  
Nem desta opinião me tiro ainda.  
No presuposto , que ella he qual penso ,  
Sofre pois , que de Roma auxilio implore.  
Por huma escrava a nossas Leis sujeita  
He que ousa minha voz enternecer-te :  
Huma escrava infeliz , mas adoravel ,  
Por seos encantos digna de outros fados ,  
E pelos dotes seos , suas virtudes  
A julgar de quem he , de certo he ella  
Do mais illustre sangue descendente.  
Por ella empenhar Roma he quanto basta  
Para do quanto vale dar-te idea.  
Ella sem testemunhas quer fallar-te :  
Dos teos desvelos ninguem ha mais digno,  
Da paixão mais funesta incendiado  
Arrebatat-me anhela Farasmane  
Este unico thesouro , que me resta ;  
Unico , donde me brotava a gloria ,  
Unico , pelo qual me atreveria  
A disputar c'hum Pai como me atrevo.  
Não que eu queira tambem , por confiar-me  
No soccorro , que espero , ativo e ufano  
D'entre os braços d'hum Pai arrebatat-la ;  
Que inda , quando a cedesse de bom grado ,  
Minha sorte não era mais ditosa ,  
Nada mais levo em vista , que ter longe



Este objecto, que adoro, sem esperança  
D'alguem dia tornar a pôr-lhe os olhos.

RHADAMISTHO.

Sem armas, sem soldados, neste sitio  
Off'recer-te hum asilo he quanto posso.

ARSAME.

E tudo quanto quero: sou contente.  
Para a sua partida vou dar ordens.  
Consultando o que dentro em mim se passa  
Já com menos pesar Ismenia perco.  
Para ser esta perda menos dura  
Basta lembrar-me só a quem a entrego.  
Oh! se eu podéra á custa dos meos dias  
A tamanho favor mostrar-me grato!...  
Mas nesta, em que me vês, desgraça extrema  
A não ser este mesmo beneficio  
Nada tenho, que possa offerecer-te.

RHADAMISTHO.

Eu não pertendo galardão mais doce:  
Se he indigno de ti, de mim he digno.  
Caro Principe, dá-me que desde hoje  
Não como Amigo, como Irmão te trate.  
Que tenhas hum tal Pai quanto me custa!  
Mas porque temer tanto as suas iras?  
Porque deixar o objecto, que idolatras?  
A tua, e sua sorte me confia,  
Ambos comigo descansados vinde.  
De tantos infortunios commovido  
Deixar não posso sem remorso eterno  
Ao furor de seo Rei Arsame entregue...  
Este Conselho, Principe, desprezas?  
Mas se bem conhecesses quem t'ó dava...

\*

ARSAME.

Dá-me, Senhor, conselhos mais honrosos,  
Do meo dever, e de nós ambos dignos.  
O Rei ámanham parte para a Armenia.  
Ponhâmos em roubar-lhe Ismenia o fito.  
Neste instantê meo Pai póde afasta-la.  
A desditosa só em ti descança,  
E cheia do conceito, que lhe debes  
Ver-te, e fallar-te ardentemente anhe-la.  
Adeos, Senhor, que perturbar não quero  
Segredos, que a ti só quer declarados.

SCENA 3.ª

RHADAMISTHO SÓ.

RHADAMISTHO.

Assim contra teo sangue te rebellas  
Desamorado Pai, cruel, injusto!  
Ah! teme que esse sangue tantas vezes,  
Tantas vezes por ti aos pés calcado,  
Enraivecido da fatal origem  
Finalmente algum dia se revolte!  
No coração d'Arsame introduzido  
Já seo fatal veneno amor derrama;  
E apesar do respeito deste filho  
Por ventura ha rivaes que amigos sejam?  
Não, coração não ha tão virtuoso,  
Que hum amor infeliz não leve ao crime...  
Mas em vão contra o Rei pertendo arma-lo:  
Meo Irmão para o crime não nascêra,  
Este destino a mim sómente quadra.  
Barbaro, de tal filho eras tu digno!  
Parece, que se mais ferino o trataes,  
Mais o seo zelo novas posses cobra.

Nada pôde abalar sua firmeza,  
Seo dever, sua fé, sua humildade...  
Que exemplo para mim! Deoses sagrados!  
E que? tantas virtudes juntar nelle  
Foi para ser eu só do Pai a imagem?  
Que pretende o furor, que me deslumbra?  
D'hum filho seduzir a sam virtude?  
Por imita-la forcejemos antes:  
Da Natureza a sacra voz ouçamos:  
Basta já de a abafar.. porém, que digo?  
Só eu, e não hum Pai deve escuta-la!  
Cruéis Pais! porque o Ceo vos deo direitos,  
Que os filhos nenhuns tem julgaes acaso?  
Acaso o dever nosso he mais sagrado?  
Escuto passos... he Hierão que chega.

#### SCENA 4.<sup>a</sup>

RHADAMISTHO, HIERÃO.

RHADAMISTHO.

Lá vai toda a esperança, caro amigo,  
Baldados meos projectos forão todos.  
Perseguido, infeliz, inda assim mesmo,  
Quasi sem se queixar Arsame sofre  
Ao fogo, que o devora, pôr-se atalho.  
E se com elle amor nada acabára,  
Amor, que tudo pode, que nos resta?  
Que temos que esperar? perdeo-se tudo.  
Quanto o seo coração do meo differe!  
Na Iberia a sedição já não entranho.  
Bem cedo para a Armenia o Rei se passa.  
Voemos nós primeiro, e concluamos  
Os horrores, que a sorte nos reserva.  
Mal que Ismenia chegar corramos logo:  
Sabes, que para o Rei he destinada?

HIERÃO.

Que, Senhor! com Ismenia? e reflectiste? ...

RHADAMISTHO.

Ella pode servir a meos projectos.  
Seo sangue dizem ser de Roma alliado :  
Já por este motivo ella me he cara,  
Bem que eu podesse o supplicado auxilio  
A meo Irmão negar; por outra parte  
Para a levar comigo não bastava  
Ver meo barbaro Pai arder por ella ?  
Olho-a como hum penhor : aqui a espero ;  
Digna-te espreitar bem os sitios todos ,  
Por onde dar com nosco alguém se atreva.  
Adeos, eu julgo vê-la, tem cuidado ;  
Hum momento com ella só me deixa.

### SCENA 5.ª

RHADAMISTHO, ZENOBIA.

ZENOBIA.

Huma infeliz, Senhor, que a negra sorte  
Ao jugo d'hum tyranno sujeitára,  
Entre a vergonha dos pesados ferros  
Pode exalçar a voz, pedir soccorro  
Aos generosos, inclitos Romanos,  
Magnanimos Senhores do Universo?  
Ou he delirio em mim querer, que Roma  
Com as minhas desgraças se intrometta !  
O Ceo, que tudo a suas Leis sujeita...

RHADAMISTHO.

Que vejo ! que feições ! que voz tão propria !  
Deoses ! que me mostraes ? que objecto he este ?

ZENOBIA.

Perturbas-te, Senhor! o meo aspecto !...

Rhadamistho.

Se o meo braço da vida a não privára !...

ZENOBIA.

Que escuto ! que he tambem o que eu diviso !  
Oh lembrança fatal ! eu tremo , eu tremo...  
Onde estou ! com quem fallo ! ... eu desfaleço !...  
Ah Senhor ! por quem és dissipa as nuvens  
Da minha turbação , do meo espanto.  
Todo o meo sangue se gelou nas veias.

RHADAMISTHO.

Não posso duvidar : he ella , he ella ,  
Diz-me que he ella o coração aos pulos.  
Minha mão perpetrou só meio crime.  
Victima d'hum cruel , d'hum revoltoso ,  
Oh triste objecto da paixão mais louca ,  
Porém barbara , atroz , desesperada ,  
Depois de tanto horror és tu, Zenobia ?

ZENOBIA.

Zenobia ! oh Ceos ! ... cruel mas caro Esposo.  
Depois d'hum torrente de desgraças  
Finalmente te vejo ! ... és Rhadamistho ?

RHADAMISTHO.

Sim , souesse cruel , esse ferino ,  
Deshumano , traidor , esse nefario  
Esposo matador : ao Ceo prouvera  
Que delle , e de seos crimes te esquecesses !  
Deoses , que m'a entregaes , por que impiedade

Lhe não tornaes o Esposo digno della?  
Como ferido o Ceo dos meos pesares  
Me permite inda ver perfeiçoens tantas! ...  
E de meo Pai na Córte, entre cadeias,  
Miserrimo de mim! venho encontra-la!  
A' desgraçada serie de meos erros  
Faltava inda este annel; faltava inda  
Para mais me infamar este ferrete?  
Oh esposa adoravel! oh Zenobia!  
Da desesperação victima cara!  
Quanto tudo o que vês, o que te cerca,  
Só a mais me culpar concorre tudo?...  
Mas que vejo! tu lagrimas derramas?

ZENOBIA.

E como não, neste fatal momento!  
Ah! se o teo inimigo, cego braço  
Só remetteste de Zenobia aos dias!  
A teo aspecto o coração sereno  
Fôra a dita maior tornar a ver-te;  
E gloriando-se amor do teo ciume  
Com que extremo de gosto te abraçara! ...  
Não creas entretanto, que com mágoa,  
Ou com inimizade possa ver-te.

RHADAMINTHO.

Deoses! longe de arguir-me, de increpar-me,  
He ella quem aborrecer-me teme!  
He quem seos sentimentos justifica!  
Ah Zenobia, a mim só castigo campre.  
Por piedade me pune, eu t'ó supplico.  
Tua bondade aqui se me perdoa,  
He funesta bondade, he rasgo, he lance  
Dos desatinos meos proprio sómente.  
Não, doce Amor, não poupes o meu sangue:  
Não me consintas mais de ver-te a gloria.\*  
Debruçado a teos pés o obtesto, o imploro;

---

\* Lança-se de joelhos.

E se releva recordar flagícios,  
Traz a memória, á custa de que sangue  
Horrendamente teo me fiz esposo.  
Tudo, tudo, e amor mesmo me condemna.  
Deixar o crime em paz não he virtude,  
He antes ser do crime companheiro.  
Fere... rasga... atormenta. . porém sabe  
Que do meo coração jámais sahiste;  
Que se a agudeza d'hum tenaz remorso  
Da innocencia fazer podesse as vezes,  
Nem odio te excitava, nem vingança:  
Que apesar do rancor, que deves ter-me,  
O meo maior furor foi o de amar-te.

ZENOBIA.

Levanta-te: o perdão te hei dado ha muito.  
A que fim tanta angustia, pesar tanto!  
O poder de punir a reos tão caros  
Aos Deoses, não a nós, só he devido.  
Nomeia o clima em que viver desejas,  
Eis n'hum momento a acompanhar-te prestes;  
Bem descansada de que os teos remorsos  
Não da desgraça, da virtude nascem.  
Feliz se a submissão, se o meo respeito  
Servir podesse d'exemplar á Armenia!  
Se ao teo poder como eu se sujeitasse,  
Ou seo dever ao menos aprendesse!

RHADAMISTHO.

Oh Deoses immortaes! como he possivel  
Que sacrosantos laços amalgamem  
Com crimes a montoens virtudes tantas!  
Que á sorte d'hum furioso Hymineo ligue,  
O que nascer fizeste mais perfeito!  
Que! Zenobia, tornar a ver-me podes  
Sem que a morte d'hum pai, minhas cruezas,  
O amor de meo Irmão, Principe illustre,

Amante tão gentil , tão primoroso  
Te fação desquerer-me , detestar-me !  
E posso lisongear-me , por ventura ,  
Que insensível á chamma , que o devora ,  
De tão nobre mortal renúes aos votos !  
Que digo ? Por ditoso já me dera  
Se no teu coração , amor não digo ,  
Teo dever por mim fosse , e me valesse.

ZENOBIA.

Arranca d'alma horrificas suspeitas ,  
Ciume infamador me occulta ao menos.  
Pondera bem quem he , que te perdôa ,  
E vê , se a suspeitar della te atreves.

RHADAMISTHO.

Perdoa , cara Esposa , o cego extremo  
Do meo funesto amor , dos meos delirios.  
Quanto mais louco , quanto mais indigno  
Teo esposo he de ti , menos te debes  
Aggravar de seo impio , audaz espanto.  
A mão , o coração a dar-me torna ,  
E para a Armenia vem comigo , oh cara.  
Cezar fez-me seo Rei : d'hoje em diante  
Ver-me-has , Zenobia , á força de virtudes  
Da minha alma raspar os crimes todos.  
Temos aqui Hierão , fiel vassallo :  
A seo zêlo a fugida encommendemos.  
Logo que a Noite desdobrar as sombras  
Procura-me , que certo aqui me encontras.  
Vem ; sim ; e já que aprouve ao Ceo unir-nos ,  
Por nociva demora não queiramos ,  
Que hum barbaro inimigo nos separe.  
Deoses , que aos votos meos a restituistes ,  
Mettei-me agora hum coração no peito ,  
Obra digna de vós , e digna della.





## ACTO IV.

### SCENA 1.ª

ZENOBIA, e FENICE.

FENICE.

Não me fujas, Senhora: que! não posso  
Saber de tantas lagrimas a causa!  
Depois de me fiar tantos segredos  
Declarar-te comigo inda receias?  
Arsame vai morrer: por elle choras,  
Choras a sua miseravel sorte!  
Elle parte, e pensando que o desamas,  
Da Iberia desterrado, infeliz Joven,  
Vai em Colchos chorar de Ismenia a perda.

ZENOBIA.

Em vez de te apontar a feia causã  
De meo padecimento criminoso  
Quem me dera, Fenice, deste crime

A vergonha delir n'hum mar de pranto!  
Deixa-me só: não mais ouvir-te quero.  
Aqui vem ter o Embaixador de Roma.

SCENA 2.<sup>a</sup>

ZENOBIA só.

ZENOBIA.

Aonde vou! qual he minha esperança!  
Para onde m'arrasta hum dever cego!  
Desattentada, á noite me anticipo;  
E por quem? por hum barbaro, hum perjuro,  
Que no meo coração até ousára  
As vozes proscrever da natureza!  
Acaso me esqueceo de que seo braço  
A duros golpes de assassino ferro  
Tantos Meos fez cahir!... Porem que digo!  
D'illegitimo incendio requeimada  
Tenho virtude para achar-lhe crimes?  
Ah! se impura affeição me não mordesse  
Seria para mim tão criminoso!  
Eia, apaguemos vergonhosas chammas:  
Na minha alma reinar só deve o Esposo:  
Barbaro tal qual he, he dom dos Deoses,  
E não me he dado a mim acha-lo odioso,  
Nem, sem embargo de defeitos tantos,  
Deixar de enternecer-me ao vê-lo pude.  
Hymineo adoravel, quanto podes  
Em corações, que o vicio não inquina!  
Vem gente... Ceos! que objecto se me offerece!...

SCENA 3.<sup>a</sup>

ZENOBIA, ARSAME.

ARSAME.

Como assim! tórno a ver-te! és tu, Senhora!  
Que Deos contigo os meos desejos brinda!

ZENOBIA.

Foge, Senhor, que a vida tua arriscas.

ARSAME.

Corte-lhe o cruel Pai embora o fio:  
Perdendo a cara Ismenia, que proveitos,  
Que encantos tem para importar-me a vida!  
De males submettido ao carregume  
Não rogo aos Deoses mais, que a triste gloria  
De exhalar a teos pés o extremo alento.  
De perder o que adoro tão sentido,  
Como se ao meo amor correspondêras,  
Quero, quero morrer: ... porem que vejo!  
No teo divino rosto o pranto róla!  
Acaso á minha dor serás sensivel!  
Que mais terá com que assombrar-me a sorte! ...

ZENOBIA.

Senhor, em vez de mais te apaixonares,  
Tem antes compaixão de meos tormentos.  
Bem vês minha afflicção, meo triste estado.  
Foge, não mais a minha dor irrites.  
Rival tens, mas rival o mais temivel:  
Se elle neste lugar comnosco dêsse,  
Eu de dor morreria. Adeos, Arsame:

Se meos rogos contigo tem imperio  
Em vez de acreditar os teos transportes...

ARSAME.

Quem he esse rival tão formidavel?  
Ha outro afóra o Rei que eu temer deva?

ZENOBIA.

Sem querer o mysterio decifrar-te,  
Não he bastante, que teo Pai o seja?  
Foge, Principe, foge... assim t'o pedem  
Estas afflictas lagrimas, que espraio.  
Satisfeito de ver-me enternecida,  
Ver-me sensivel ás desgraças tuas,  
Foge depressa, generoso Arsame.

ARSAME.

Hum amigo infiel trahir-me-hia!  
Deoses! que turbacão m'abafa o peito?  
Sempre rivaes sem nunca ser amado!  
Em vão, Ismenia, em vão queres, que eu fuja;  
Não posso, bem que a vida aqui exhale.  
Por outrem correr lagrimas diviso!  
Quem he esse rival, rival tão forte?  
Deslinda-me, Senhora, deste enleio,  
D'onde vem, que em Palacio tórno a ver-te?  
O que implorei soccorro foi negado!  
Faltou á fé o perfido Romano!  
Ah! digna-te rasgar tantos negrumes,  
Falla com liberdade, não receies  
Cançar minha constancia: por que causa  
Não romperás tão barbaro silencio?  
Não já se nega amor, tambem piedade!  
Tudo, oh Ceos! contra mim aqui he tudo!

ZENOBIA.

Pois bem, Senhor, satisfazer-te devo.  
Devo-te a confissão, que vai pasmar-te.  
O contrario seria abusar muito  
Da funesta paixão, que te deslumbra,  
E mal corresponder aos teos desvelos.  
A sorte já dispoz da mão de Ismenia.

ARSAME.

Justo Ceo! Que fatal sentença escuto!

ZENOBIA.

E o esposo com quem o Ceo me liga  
He esse mesmo Embaixador Romano,  
A quem por mim rogaste apoio, amparo.

ARSAME.

Fosse elle Cezar... ao furor em que ardo...

ZENOBIA.

Serena tantas furias, por mais tempo  
A' tua inimizade o não exponho.  
Menos digno de raiva, que piedade  
He rival, que sensivel ha-de achar-te.  
Por doçissimo laço a ti ligado,  
Ligado por... enfim, he Rhadamistho,

ARSAME.

Meo Irmão! hei-de crê-lo!

ZENOBIA.

E meo Esposo,

ARSAME.

Tu, Zenobia! e preudeo logo em minha alma  
Tão atrevido, criminoso fogo!  
Depois do que experimento, ha quem se atreva  
Por innocente apregoar-se ainda!  
Senhora, que segredo me revelas!  
Da mais terna paixão este era o premio?

ZENOBIA.

Em quanto pude, resisti constante:  
Mas pois que já fallei, o meo character,  
Minha virtude respeitar-te cumpre.  
O que devas fazer, meo nome o ensina.  
Escapou-me o segredo, amor se cale.  
De seo dever meo coração zeloso...  
Vem gente... Senhor, foge, he meo Esposo.

#### SCENA 4.<sup>a</sup>

*Rhadamistho, Zenobia, Arsame, e Hierão.*

RHADAMISTHO (*á parte*)

Que vejo! meo Irmão!... Hierão não tardo  
Em teos passos seguir, vai, lá m'espera.  
Que horrivel turbacão! quanto me custa!...  
Senhora, tudo he pronto, o veo da noite  
Bem cedo abafará a luz, que resta.

ZENOBIA.

Toda entregue a ti só, nada me estorva.  
Sejão quaes forem os remotos climas,  
De meo destino, tu, Senhor supremo,  
Não tens mais que ordenar, eu já te sigo.

RHADAMISTHO (*á parte*)

(Ah perfida! ah cruel!) Príncipe em Colchide  
 Já agora te suppunha; não sei como  
 Das íras de teu Pai tão inteirado...  
 Mas quem Ismenia para sempre deixa,  
 Da existencia o prazer em que avalia! ...  
 E nos doces momentos a par della  
 A colera de hum Pai lembrar não pode.

ARSAME.

Quando amor ao dever immolar cumpre,  
 Não se assusta co' p'rigo hum peito honrado.  
 Esses doces momentos, que me exprobras,  
 Custão bem caro ao coração, que amára.  
 Não mais fallar d'amor, bem vejo, he tempo.  
 Mas antes que de ti me aparte a noite,  
 Permite-me, Senhor, de ti me queixe.  
 A quem devo imputar esse discurso,  
 Discurso aterrador, que m'embacára!  
 Da assombrosa mudança quem he causa?  
 Fallava assim tua amizade ha pouco?  
 O rival, que inflexivel me apresentão,  
 Não he dos meos rivaes o mais terrivel.  
 Sem embargo da colera, que o queima,  
 Ha quem mais para mim cruel se mostre.  
 Estas palavras cobrem-te de assombro?  
 Não, Senhor, de fingir já não he tempo:  
 Dentro em meo coração a Natureza  
 Não póde, mais não póde constranger-se.  
 Assim dentro no teu bradasse ella!  
 Debaixo de cruel, duro mysterio  
 Roubada me não fôra então a gloria  
 De abraçar meo Irmão, de conhece-lo.  
 Ah! não me esquives tão suave amplexo.  
 Em tão doces momentos que te aneia?  
 Menos severo, volve-me o teu rosto.  
 Com injusto furor não mais me trates.

He verdade, que ardi por seos encantos,  
Mas que a não conhecia he tambem certo.

RHADAMISTHO.

Deoses, que escuto! Que! Zenobia pôde  
O segredo fiar-te de meos dias!  
Este segredo por si mesmo inculca  
Qual he de o confessar alta importancia:  
D'elle todo o valor tu bem conheces:  
Incapaz de perfidia te contemplo,  
Com tudo que o rompessem não approvo,  
E menos inda sem licença minha.  
Assim como eu calei, tambem calasse.  
Se eu te quizera dissipar as sombras,  
Minha ternura ha muito o houvera feito.  
Não guardar como seo o meo segredo  
Jámais pôde deixar de ser hum crime.  
Toda a tua virtude assás conheço,  
Mas nem por isso de crueis suspeitas  
Deixa o meo coração de ser rasgado.

ARSAME.

Que? o negro furor do teo ciúme  
Traspassa tanto as raias do decóro;  
Remonta a tanto extremo, que a Zenobia...

ZENOBIA.

Deixa livres, Senhor, voar suspeitas  
Só de seo coração productos dignos.  
Inda bem não conheces meo Esposo,  
Nem de sua alma os turbidos transportes.  
Com tudo, pois que tanto assim me ultrajas,  
Cumpre que me respondas, Rhadamistho.  
Que tens que me exprobrar, de que te queixas?  
Do amor de teo Irmão? Ah indiscreto!  
Ainda quando a seo amor extremo  
Meo grato coração rendido houvera,



O brado universal da tua morte  
Tantas e tantas vezes confirmado  
A meo arbitrio a escolha não deixava?  
Que te valião os fataes direitos  
D'hum Hymineu firmado, e logo extincto?  
Ousa a campo trazer, se podes tanto,  
Aquelle negro, temeroso dia,  
Em que por premio do meo vivo affecto  
Todo o meo sangue se escôou por terra.  
Pinta bem na memoria a dura sorte  
Da minha, q'infeliz! familia toda.  
Pensa no sangue, no precioso sangue,  
Que o teo ferro mortifero esparzira;  
E mostra-me depois sobre que base  
Dever-te amor, dever-te fé pertendes?  
De teo Irmão sensivel ás desgraças  
O mysterio da tua e minha sorte  
Assim he que trahi, se he que pôde \*  
Traição isto chamar-se: porém sabe  
Que a tua gloria só foi todo o objecto.  
Quiz de seos votos riscar toda a esp'rança;  
Quiz no seo coração qualquer faísca  
D'hum offensivo amor ver apagada.  
E emfim, pois que tua alma de bom grado  
Quer n'hum mar de suspeitas engolfar-se,  
Importa, que conheças bem aquella,  
Contra quem as concebes: por hum rasgo  
Quem sou por hum só rasgo vou mostrar-te:  
Do meo fado depois senhor te deixo.  
Teo Irmão, não o nego, foi-me caro,  
Nem de justificar-me tômo a empresa:  
Mas este íntimo affecto tão merecido,  
Que o Principe até agora ignorou sempre,  
A não serem teos barbaros ciumes  
Ainda hoje tambem ignoraria. (*para Arsame.*)  
Principe, confessei: nada mais digo.  
Qual he meo coração assás conheces,

---

\* Não consente não só a pronuncia theatral, mas a ordinaria fazer-se sinalefa nestas vogaes.

Para crêr, que Amor nelle tenha imperio.  
He vivo o meo Esposo, a chamma expira.  
Cessa pois de prestar a amor ouvidos:  
E de meos olhos sobre tudo foga.  
Quanto a ti; mal que a Noite o véo desdobre,  
Aqui nas tuas mãos venho entregar-me.  
O furor de teos zelos bem me he claro,  
Mas para respeitar o meo Esposo,  
Para teme-lo tenho assás virtude. (*Sahe*)

RHADAMISTHO.

Ah! Que barbaro sou! meo cego zelo  
Deslustra ao mesmo tempo o Irmão, a Esposa!  
Adeos, Principe: eu còrro envergonhado  
A seos pés expiar o meo delicto.

### SCENA 5.<sup>a</sup>

ARSAME só.

ARSAME

Perdi-te finalmente, hes-me roubada  
Idolo encantador, Zenobia amavel!  
Amor, cruel Amor, para acertares  
Da extrema desventura o extremo lanço  
No meo sangue escolher rivaes cumpria!  
Ah! fujamos d'aqui... que quer Mitrane!

### SCENA 6.<sup>a</sup>

*Arsame, Mitrane, Guardas.*

MITRANE.

He bem a meo pesar, porém não posso

Deixar de obedecer: Senhor, perdôa.  
Farasmane, que em vão por abraunda-lo...

ARSAME.

Farasmane! pois bem; que he o que pertende?

MITRANE,

Que de ti me segure, eia permite...

ARSAME.

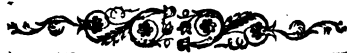
Entendo; mas qual póde ser meo crime?

MITRANE.

Senhor, qual seja a causa não alcanço,  
Mas pelos dias teos receio muito.  
Os transportes do Rei terror fulminão:  
Jámais o vi em colera tão cego.  
Espumando de raiva, inquieto, ardente,  
Debate-se, e teo nome proferindo  
Contigo ameaça o Embaixador de Roma.  
De secretos conloios vos accusão.

ARSAME.

Basta, Mitrane; saber mais não quero.  
Destino! ás tuas leis meo sôr entrego:  
Mas salva meo Irmão, Zenobia salva.





## ACTO V.

### SCENA 1.ª

*Farasmane, Hidaspe, Guardas.*

FARASMANE.

Então, Hidaspe, he certo que meo filho  
Co' meo contrario intelligencias trava!  
Arsame outr'ora tão amavel filho,  
Tão leal, tão submisso, tão honrado  
Fez-se agora traidor, fez-se rebelde!  
Aquelle em cujas mãos toda a esperança  
De Roma assoberbar fundamentava,  
Póde arrojarse a tão iniqua audacia?  
Perfido! Ismenia amar não te bastava!  
Ousas inda trahir teo Pai, e Patria!  
A meo amor a hum tempo, e á minha Gloria  
Barreiras levantar assim te atreves?  
Teo infeliz Irmão por menos crimes...  
Mas ah! debalde, Roma, sim debalde,  
Hum temerario Principe seduzes.  
De meos projectos não m'arrédo hum ponto.  
Desaffincar-me, só vencido ou morto.  
Hum inimigo mais não me faz mossa.  
He de mais huma victima, que offereces.

Basta só que por ti se interresse o filho.  
He filho!... quando trato de vingar-me,  
Roma audaz, para mim tudo he Romano...  
Pergunto, qual de Hierão foi a resposta?  
Explicaste-lhe bem os meos intentos,  
E o muito, que de mim esperar pode,  
Se na Armenia apoiar quizer meos planos?

HIDASPE.

Ou queira de primor fazer alardo,  
Ou vender seos serviços por mais preço,  
Hierão só mostra hum peito incorruptivel.  
A's mais altas offertas sobranceiro  
Por induzi-lo a bem do teu serviço  
Bem metti, mas debalde, as posses todas.

FARASMANE.

Pois embora; não mais em paz se falle:  
Esmague-me da guerra embora o peso,  
Hei-de a guerra levar de Roma ao seio.  
Hei-de desta infecção limpar a terra.  
Romanos! oh que Povo detestavel!  
De seo Embaixador sómente ao nome  
Horror e mais horror me tolhe as veias.  
Para mim seo aspecto foi hum raio.  
Só elle foi quem seduzio Arsame.  
Ambos no mesmo dia aqui chegados...  
Traidor! he de sobejo... que appareça,  
Que appareça a meos olhos, porém vendo...

SCENA 2.ª

*Farasmane, Arsame, Hidaspe, Mitrane, e Guardas.*

FARASMANE.

Filho perfido, ingrato, indigno filho,

Parricida talvez no teu dezejo,  
Dize, escravo de Nero, que meditas?  
Tragão-me aqui o Embaixador Romano.  
Sim traidor, hade ser diante d'elle;  
Diante d'elle confundir-te quero;  
Quero ao menos saber o que respondes:  
Quero ver com que rosto a testemunha  
A sustentar te atreves da perfidia,  
Que a minha vigilancia atalhar soube;  
E veremos tambem se o teu cobarde,  
Teu fraco seductor, sua firmeza  
Té ao supplicio sustentar se arroja.  
Teu zelo, tua fé não mais me gages.

ARSAME.

Ella para o meu Rei he sempre firme.

FARASMANE.

Para o crêr, filho indigno, he-me preciso  
Perder dos teos projectos a memoria.  
Deoses, que conheceis todo o meu odio,  
Vós, dar-me hum filho amigo dos Romanos!

ARSAME.

Todos esses queixumes affrontosos  
Com que, Senhor, acabrunhar-me queres,  
O teu filho não tornão mais culpado.  
A que fim ultrajar-me tanto e tanto!  
Se a morte te mereço dá-me a morte.  
Ver-me humilhado supplicar-te a vida  
Pelo baixo receio de perde-la,  
Jámais conseguirás; debalde o esperas.  
E quem a minha morte só procura  
Hade por hum rival enternecer-se?  
Lá no teu tribunal justa ou injusta  
Qualquer suspeita he logo hum grande crime.

Suspeitares de alguém he prozeve-lo.  
Teo coração emfim jámais perdôa.  
Da furia dos teos zelos quem se livra?  
Tú sempre sem me ouvir me condemnaste.

FARASMANE.

E que dirias em defesa tua?

ARSAME.

O que da minha fé suppor devias:  
Que o filho de que tanto mal suspeitas,  
Para trahir a Patria lá de longe  
Procurar-te não veio á Iberia mesmo.

FARASMANE.

D'onde vem pois tanto fallar occulto,  
Se he verdade que nada premeditas?  
Quando hum odio immortal consagro a Roma,  
He ser bom filho, he ser fiel vassallo  
Com seo Embaixador ferir concertos?  
Para vingar-me, para bem puni-lo  
Da affronta que me fez, he que meo filho  
Correspondencia quer travar com elle?  
Por quanto ao inimigo, que me offende,  
Por dous motivos só fallar podia:  
Ou vingar-me, ou trahir minha vingança.  
Hum destes dous motivos te impellíra;  
Qual delles fôra decidir pertendo:  
Decifra-me este ponto, que eu te escuto.

ARSAME.

Senhor, nada mais tenho, que dizer-te:  
He segredo, não posso revela-lo:  
Prohibe-me fallar sagrado interêsse.

SCENA 3.ª

*Farasmane, Arsame, Mitrane, Hidaspe, Guardas*

HIDASPE.

D'Armenia, e Roma eis dous Embaixadores...

FARASMANE.

Aonde estão? Que dizes, que fizeram?

HIDASPE.

Deste Palacio agora Ismenia roubão.

FARASMANE.

Que insolente traição! que escuto, oh Deoses!  
Formem-se todos os dispersos Guardas.  
Corrâmos d'aqui já, todos me sigão.  
Não esperes, traidor, sobreviver-lhe.

HIDASPE.

Por diversos caminhos já teot Guardas  
Por toda a parte cercão os Romanos.

FARASMANE.

E que não possas tu, soberba Roma,  
Testemunha occular de seo supplicio  
Aqui mesmo colher de meos furores  
As condignas, e horridas primicias!

ARSAME.

Não te deixo, Senhor, inda que eu morra.



Ouve, espera, que eu vou descobrir tudo.  
A quem vas perseguir não he Romano.  
Bem longe de que a sua origem deva  
A' tua justa colera entrega-lo,  
Do mais illustre sangue elle descende,  
E sangue nesta Côrte respeitado,  
Tu mesmo sua morte carpirias.  
O Roubador de Ismenia he seo Esposo,  
He... porém nada mais posso dizer-te:

FARASMANE.

E cuidas, impostor, com vis rodeios  
Do meo furor interrompêr a fuga!

ARSAME.

Que te acompanhe ao menos me permite:  
Eu me obrigo a dar conta dessa Escrava.

FARASMANE.

Retira-te, traidor, não me repliques.  
Preso, Mitrane. E tu, segue meos passos.

#### SCENA 4.<sup>a</sup>

*Arsame, Mitrane, Guardas.*

ARSAME.

Deoses, de seos furores testemunhas,  
Deixa-lo-heis a seo transporte entregue!  
Por que fatal destino he necessario  
Que este dia infeliz tantos horrores  
Fulmine contra amor, e natureza!  
Eu devia fallar; de filho o nome...

Que digo! que importava conhece-lo?  
Este nome tão doce, tão fagueiro  
Servia apenas de mais réo torná-lo.  
E de que serve a mim carpi-lo tanto?  
Neste estado em que estou, que temer devo?  
Morramos, mas ao menos minha morte  
A dous tão desgraçados util seja.  
Caro amigo, se tens peito sensível  
Neste ultimo momento a ti recorro.  
Não, não te peço, que os meos dias salves:  
Por elles nenhum meio empregar ousou.  
Mas se souberas bem, que sangue he esse,  
Que se vai derramar, talvez quizesse,  
Mesmo á custa de todo o teo, salva-lo.  
Acompanha-me, a tua alta piedade  
Afim de o conservar venha ajudar-me.  
Que? como eu estou, sem armas, sem soccorro  
Teo inflexivel coração assusto?...  
Pois finalmente... nada mais te rogo  
Que á presença do Rei meos passos guies.

MITRANE.

Eu respeito, Senhor, tua virtude:  
Mas a teo Pai obedecer me cumpre.  
Seduzir meo dever debalde intentas.

ARSAME.

Pois já que nada póde commover-te...  
Mas que vejo! ai de mim! elle apparece!  
Oh Deoses, de que sangue sou nascido!  
Ah que meo caro irmão já não existe!  
Que fizeste, Senhor, ah que fizeste!...

SCENA 5.ª

*Farasmane, Arsame, Mitrane, Hidaspe, Guardas.*

FARASMANE.

Vinguei a minha injúria, satisfiz-me.  
A's portas do Palacio achei o Monstro.  
Sua desgraça intrepido o tornava.  
Já por seo audaz ferro retalhado  
De mortos hum sobre outro erguido monte  
Aos mais bravos dos meos tolhia o passo,  
E de gélido susto enchia a todos.  
Duas vezes o vi sem medo á morte  
Provando afouto retomar Ismenia.  
A ancia de recobrar hum bem tão caro  
Duas vezes o havia aqui chamado.  
Eis que enojado de despejo tanto,  
Entre a chusma dos seos eu mesmo o busco.  
De pavor logo amarellecem todos;  
E desprezando seo valor extremo  
O ferro vingador lhe corro, e entérro.  
Vai, vai ve-lo de Ismenia no regaço,  
Arquejando exhalar o extremo alento.  
Da famosa traição, que meditaveis,  
Vai a parte tomar, que te pertence.

ARSAME.

Que, Senhor, já he morto! ... então que tardas!  
Fere, não poupes mais teu triste filho...  
Para ve-lo morrer do Pai aos golpes  
He que vós, justos Deoses, m'o mostrastes!  
Desfaleço... Sustenta-me, Mitrane...

FARASMANE.

Que observo! d'onde vem tamanho abalo?

D'hum cruel roubador pelo destino  
Como o seo coração se toca tanto!  
Se creio o que me disse; esse Romano  
A quem acabo de rasgar o seio,  
Era esposo d'Ismenia; como logo  
Meo filho, que por ella esmorecia,  
Co' a morte do rival se turba tanto?  
Que mysterio estas lagrimas que o cobrem!  
E eu mesmo donde vem que, a meo despeito,  
Depois de repassar-me furor tanto  
Me sinto em sua mágoa tomar parte!  
Por que assombroso encanto já consegue  
A piedade em minha alma abrir caminho!  
Que lamentosa voz dentro em mim mesmo  
Perturbando em segredo os meos sentidos  
Sons tão tristes, tão lúgubres entôa!  
D'onde vem que estremeço, e me horrorizo!  
Commetti algum crime? qual he elle?  
Enganei-me da victima na escolha?  
Valerá tanto o sangue dos Romanos  
Que sem aos Deoses fazer grave offensa  
Esparzi-lo por terra ninguem passa!  
Pela minha ambição sacrificadas  
Quantas illustres vidas tem cahido! ...  
E agora que castigo a quem me ultraja  
Meo coração vingando-se desmaia?  
Huma morte tão justa assim me inquieta?  
Confesso, quando o sangue deste usado  
Senti golfar pela ferida aberta  
Todo o meo se esfriou, horripilei-me.  
Até me pareceo, que á perda sua  
De repente tornando-se insensivel,  
A' custa do seo sangue o meo poupára.  
Do que disseste agora tremo, Arsame.  
Cobra os sentidos teos, ouve-me, filho,  
Desta perturbação. a nuvem rasga.

ARSAME.

De que te servem já esses pesares?

Oxalá que ignorando tal mysterio,  
De quem já foste Pai te esqueças sempre!

FARASMANE.

Mais me assustas: explica-te, meu filho...  
Mas de que novo horror sou combatido!  
Para mais redobrar a minha angustia,  
Deoses, que objecto me offereceis aos olhos!

### SCENA ULTIMA.

*Farasmane, Rhadamistho\*, Zenobia, Arsame, Hierão,  
Mitrane, Hidaspe, Fenice, e Guardas.*

FARASMANE.

Infeliz que pertendes? que procuras?

RHADAMISTHO.

Expirar, expirar á tua vista...

FARASMANE.

Que horrivel confusão, que horrivel transe!

RHADAMISTHO.

Entre as ancias da morte soluçando  
Não receies, Senhor, da minha boca  
Injusta exprobração; não, não receies.  
Dos meos delictos o devido premio  
Achei nas tuas mãos: prouvera aos Deoses

---

\* Entra nos braços de 2 amigos com a ferida aberta  
escorrendo sangue.

Declararem-se já por satisfeitos!  
Eu era indigno de gozar da vida.  
Cara Zenobia, adeos, o pranto enxuga:  
Mitridates teu Pai he já vingado.

FARASMANE.

Grandes Deoses! Que escuto! Mitridates!  
Que sangue derramou meo impio braço!  
Ai de mim! e qual outro ser podia  
Depois do immenso horror, que me acabrunha!  
Mas se he elle, oh que excesso de crueza,  
Oh que execrando crime hei commettido!  
Vinga-te, oh Natureza, não me poupes,  
Vinga-te em mim; he o sangue de meo filho.  
De o derramar a sede, que mostravas,  
Para o reconhecer não foi bastante?  
Vi-te com tanta colera buscar-me,  
Que julguei ser de ti bem conhecido.

FARASMANE.

E porque te occultaste! ... ah desventura!

RHADAMISTHO.

Tão formidavel te fizeste sempre,  
Que teos filhos proscriptos, desgraçados,  
Como seo Pai jámais poderão ver-te.  
Feliz eu quando o golpe me arrojavas,  
Por ser teu, não havê-lo retorquido!  
Feliz em hum momento tão afflicto  
Abafando a vingança ouvir sómente  
Da Natureza os sacrosantos brados!  
Feliz eu finalmente, que perdendo  
Huma Esposa tão cara em recompensa  
Tornar a achar meo Pai os Ceos permittem!...  
Que, Senhor, tuas lagrimas já correm!  
Teo coração já sabe o que he ternura!...  
Vem a meos braços, caro Irmão, eu morro.

ZENOBIA.

Se tinheis de mostrar vossa justiça  
Por novos crimes, oh sagrados Deoses,  
Quanto fôra melhor de Mitridates  
Nunca, nunca vingar a infausta morte!  
Caro Esposo! ... espirou... que horror! ... que trévas! ...  
(*cahe desfalecida*)

FARASMANE.

Oh meo filho! oh Romanos, inda oh tigres,  
Inda não vos dareis por satisfeitos? (*Para Arsame*)  
Tu, a quem a vingança incumbo agora  
Apressa-te a subir d'Armenia ao trono!  
Dou-te Zenobia, e dou minha amizade.  
He sacrificio que a meo filho devo.  
Para sempre d'aqui fugi com tudo.  
Estar de meos furores sempre longe  
Quem for meo sangue deve: dai-vos pressa,  
Não exponhaes hum Pai a derrama-lo.  
Ou primeiro do abysmo erguei-vos, furias... \*  
O Ceo rebrama... a Natureza grita...  
Já se embandão... já fervem... já remoínhão...  
Que horridos silvos! ... que empestada coma! ...  
Que esbravejar de esqualidas serpentes! ...  
Vinde, vinde, eis-me aqui... de negro fogo  
Para quem este gôlfão se encapella! ...  
Onde estou! ... que escavada penedia?  
A meos pés que estupendo sorvedouro!  
Que Espectro he este, que ensopado em sangue  
Sobre os cabellos meos arripiados,  
Sobre a testa em suores sangue orvalha!  
Punhal, punhal na mão... a quem apontas?  
Quem és, quem és tremenda, horrivel sombra?  
E's do meo filho? eu vou, eu vou seguir-te.

---

\* Accrescentamento do Traductor, não por julgar mais perfeição, mas porque assim o pedia o genio dos circumstantes.





## ERRATAS.

Pelos motivos expendidos no Index destas Poesias, escaparam talvez mais erratas do que se devia esperar: apontaremos aquellas que julgamos essenciaes, porque as de pequena monta, ou antes descuidos leves, a essas supprirá benignamente o leitor entendido &c.

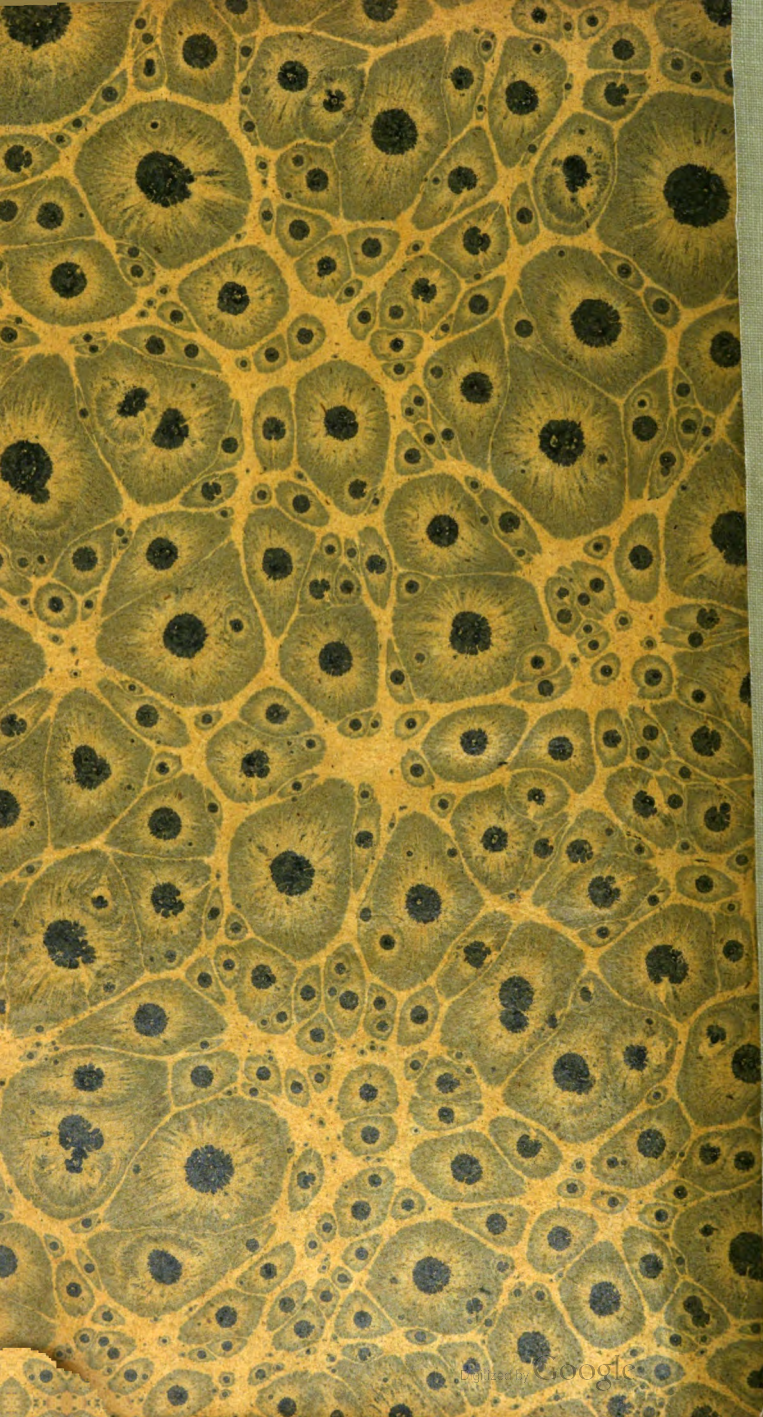
### *Pag.*

### *Emendas.*

6	Com livre fuga a abraçar-se corre
12	Nem que o velho Saturno á Inveja crua
13	"Té as gargantas tres já se fechárão,
15	Vê quem á isempção pagava o fóro
24	Muito além do Equador a prôa alçando,
27	Pasma o Globo da amplissima ousadia:
30	Se ambos morremos é p'ra vida nova.
61	Dextro meneio com Argivo plectro.
68	He a barbara Anarchia,
74	Surdem novos obus, bombas, bombardas,
76	Arruina, destroça, despedaça;
78	Sangrentem-se golpeando os limpos aços,
„	Não perderam dos seus inda a memoria,
	Bem como não perderam inda a gloria
90	A goella voraz vai engasgar-te.
94	Sobre as margens do Adour em pó, em cinza
104	Vulni-vola avidez nas sêcas fauces,
108	Remonta do saber tão alto o acume!
124	Soão nestes contornos inda os brados
128	Sobre o mais alto da suada serra
133	João sexto! ... Que gloria! .. Em copia mesmo,
134	Contra o zelo a seu Rei sonhar tentamos?
141	Entre sonoros retrementos rufos
154	Não te lembrava este tremendo dia?
159	Que hoje do mel d'Amor favos chupavas,
180	O' morte! que annuncias!
224	A estrada lhe apontou, valeu-lhe agora.
227	Virás prender-te ao Bragantino Tronco,









YC151925

